

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETROS)**

DISSERTAÇÃO

**INTERAÇÃO VERBAL INTERESCOLAR:
O PAPEL DO LOCUTOR DO ENSINO FUNDAMENTAL COM
INTERLOCUTORES DISTINTOS**

ADRIANA MARIA TEIXEIRA

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

**INTERAÇÃO VERBAL INTERESCOLAR:
O PAPEL DO LOCUTOR DO ENSINO FUNDAMENTAL COM
INTERLOCUTORES DISTINTOS**

ADRIANA MARIA TEIXEIRA

*Sob a Orientação da Professora Dra.
Angela Marina B. dos Santos*

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa de Estudos da Linguagem e práticas sociais.

Seropédica, RJ
Julho de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T262i Teixeira, Adriana Maria, 1972-
INTERAÇÃO VERBAL INTERESCOLAR: O PAPEL DO LOCUTOR
DO ENSINO FUNDAMENTAL COM INTERLOCUTORES DISTINTOS /
Adriana Maria Teixeira. - Rio de Janeiro, 2024.
181 f.: il.

Orientador: Angela Marina Bravin dos Santos.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS, área de concentração em Linguagens e
Letramentos, linha de pesquisa de Estudos da
Linguagem e práticas sociais., 2024.

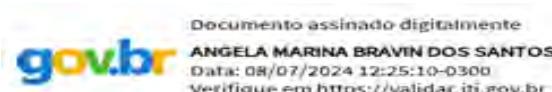
1. Interação verbal interescolar. 2. Ensino
Fundamental. 3. Circuito didático. I. Bravin dos
Santos, Angela Marina, 1965-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrado
Profissional em Letras - PROFLETRAS, área de
concentração em Linguagens e Letramentos, linha de
pesquisa de Estudos da Linguagem e práticas sociais.
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

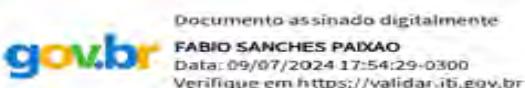
ADRIANA MARIA TEIXEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa de Estudos da linguagem e práticas sociais.

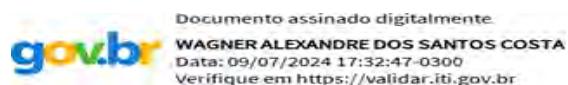
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02/07/2024



Profª. Dra. Angela Marina Bravin dos Santos
Orientadora (UFRRJ)



Prof. Dr. Fábio Sanches Paixão
Membro Externo (UERJ)



Prof. Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa
Membro Interno (UFRRJ)

Seropédica, RJ
2024

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar ao meu lado e me fortalecer em todas as fases da minha vida.

À minha querida avó, Maria de Souza Machado (*in memoriam*), por me ensinar a ler, escrever e a valorizar o poder do conhecimento como chave-mestra para conquistar vitórias. Seus ensinamentos continuarão sempre a guiar o meu caminho.

À minha amada e dedicada filha, Anna Carolina, por seu apoio incansável nos meus momentos de angústia perante os desafios da vida, especialmente os acadêmicos.

À minha amiga e comadre Zana, à minha adorável afilhada Isabella e ao seu querido irmão Gabriel, pelo carinho e pelos momentos de alegria que compartilhamos, tornando a vida mais leve e significativa.

À minha excepcional orientadora, Angela Marina Bravin dos Santos, pelas ricas contribuições teóricas, motivações e constante incentivo para a concretização deste trabalho.

À banca examinadora, composta pelo querido professor Wagner Alexandre dos Santos e Fabio Sanches Paixão, que, com muito zelo, fizeram contribuições valiosas, tanto na banca de qualificação quanto na de defesa.

Às diretoras Hortência Silva, Márcia Fátima, Simone Espolador, Neide Dantas, às coordenadoras, alunos e funcionários do Colégio Estadual Barão do Rio Branco – Santa Cruz/RJ, pelo carinho e incentivo de sempre.

À diretora Lúcia Sayuri, às coordenadoras, aos alunos e funcionários da Escola Municipalizada Carmem Menezes Direito – Itaguaí/RJ, com os quais compartilhei muitos projetos e conquistas.

Às minhas amigas Niara Gaspar, Marilda Gomes, Andreia Dantas, Elaine Gaspar, Jaqueline Azevedo, Rosimere de Paula, Edna Pêzego, Tatiana Nascimento e Elaine Farias pelo incentivo e parceria durante minha trajetória profissional e acadêmica.

À Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí (SMEDU), que forneceu a obra *O Alienista*, em história em quadrinhos (HQ), para os alunos dos Anos Finais. Esse recurso foi essencial para a realização do Produto Educacional que compõe esta dissertação.

A todos os professores do PROFLETRAS, pela maestria e dedicação ao ministrarem excelentes aulas que fortaleceram meu conhecimento intelectual e profissional.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

RESUMO

TEIXEIRA, Adriana Maria. **Interação verbal interescolar: o papel do locutor do ensino fundamental com interlocutores distintos.** 2024. 181 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Esta pesquisa visa a contribuir para o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas, relacionadas à locução e interlocução de alunos do Ensino Fundamental (EF). Para tanto, foram idealizadas, com base no circuito interno e externo do jogo comunicativo nos moldes de Charaudeau (2004, 2008), estratégias didáticas direcionadas a estudantes do nono ano do EF de modo a se relacionarem com interlocutores distintos: alunos do terceiro ano do Ensino Médio (EM), professores e coordenadores de um colégio estadual. O objetivo principal, portanto, é preparar ações específicas para os alunos do nono ano do EF que permitam sua interlocução com os participantes de um colégio de EM. A fim oferecer aos locutores conhecimentos para a interlocução, foram estabelecidos 5 objetivos específicos: 1) criar atividades de leitura de *O Alienista*, de Machado de Assis, na versão tradicional e em História em Quadrinhos, e de comparação entre essas duas versões; 2) desenvolver estratégias específicas de interlocução para os participantes do EM de modo a relacioná-las às ações pensadas para o objetivo principal; 3) articular estratégias linguístico-discursivas, com base em diferentes gêneros discursivos, de modo a levar os alunos do EF a interagirem com os participantes do EM; 4) selecionar meios presenciais e virtuais compatíveis com esta proposta para facilitar a interlocução entre os alunos do EF e os participantes do EM; e 5) criar os contextos para os alunos do EF atuarem nos circuitos internos e externos do jogo comunicativo. Em função desses objetivos, além de Charaudeau (2004, 2008), esta pesquisa toma por base Bakhtin (2011) e Koch (2018, 2021). Pauta-se, ainda, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como metodologia para a organização das referidas ações, as etapas nas quais estão inseridas, nomeadas de Circuito didático, seguem os princípios da Aprendizagem Colaborativa (Behrens, 2004).

Palavras-chave: Interação verbal interescolar, Ensino Fundamental, Circuito didático.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Adriana Maria. **Interschool verbal interaction: the role of the elementary school speaker with different interlocutors.** 2024. 181 p. Dissertation (Language Professional Masters Degree in a National Network) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

This research aims to contribute to the development of linguistic-discursive skills, related to speech and interlocution, of Elementary School (EF) students. To this end, based on the internal and external circuit of the communicative game along the lines of Charaudeau (2004, 2008), didactic strategies aimed at ninth-year PE students were devised in order to relate to different interlocutors: third-year PE students High School (EM), teachers and coordinators of a state school. The main objective, therefore, is to prepare specific actions for ninth-year PE students that allow them to interact with participants at an EM school. In order to offer speakers knowledge for interlocution, 5 specific objectives were established: 1) create reading activities for *The Alienist*, by Machado de Assis, in the traditional version and in Comics, and comparison between these two versions; 2) develop specific dialogue strategies for EM participants in order to relate them to the actions designed for the main objective; 3) articulate linguistic-discursive strategies, based on different discursive genres, in order to encourage PE students to interact with EM participants; 4) select face-to-face and virtual means compatible with this proposal to facilitate dialogue between PE students and EM participants; and 5) create contexts for PE students to act in the internal and external circuits of the communicative game. Due to these objectives, in addition to Charaudeau (2004, 2008), this research is based on Bakhtin (2011) and Koch (2018, 2021). It is also based on the National Curricular Parameters (PCN) and the National Common Curricular Base (BNCC). As a methodology for organizing these actions, the stages in which they are inserted, called Didactic Circuit, follow the principles of Collaborative Learning (Behrens, 2004).

Keywords: Interschool verbal interaction, Elementary Education, Didactic circuit.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 - Capas de <i>O Alienista</i>	41
Imagen 2 – Capa de <i>O Alienista</i> (HQ)	60
Imagen 3 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	61
Imagen 4 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	62
Imagen 5 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	63
Imagen 6 - Capas de <i>O Alienista</i>	83
Imagen 7 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	85
Imagen 8 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	87
Imagen 9 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	88
Imagen 10 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	90
Imagen 11 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	92
Imagen 12 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	94
Imagen 13 - Quadro de <i>O Alienista</i> (HQ)	94
Imagen 14 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	96
Imagen 16 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	97
Imagen 17 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	98
Imagen 18 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	100
Imagens 19 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ)	101
Imagen 20 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	102
Imagen 21 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	103
Imagen 22 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	105
Imagen 23 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	106
Imagen 24 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	107
Imagen 25 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	108
Imagen 26 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	109
Imagen 27 - Quadros de <i>O Alienista</i> (HQ).....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema de representação do ato de linguagem	21
Quadro 2 - Início do Capítulo I – De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates.....	43
Quadro 3 - Início do Capítulo II – Torrentes de loucos.....	44
Quadro 4 - Trecho do Capítulo II – Torrentes de loucos.....	45
Quadro 5 - Trecho do Capítulo II – Torrentes de loucos.....	46
Quadro 6 - Início do Capítulo III – Deus sabe o que faz!	47
Quadro 7 - Início do Capítulo IV – Uma teoria nova	48
Quadro 8 - Início do Capítulo V – O terror.....	49
Quadro 9 - Início do Capítulo VI – A rebelião	50
Quadro 10 - Início do Capítulo VII – O inesperado	51
Quadro 11 - Início do Capítulo VIII - As angústias do boticário.....	53
Quadro 12 - Início do Capítulo IX – Dois lindos casos.....	54
Quadro 13 - Início do Capítulo X – A restauração.....	54
Quadro 14 - Início do Capítulo XI – O assombro de Itaguaí.....	55
Quadro 15 - Início do Capítulo XII – O final do § 4º.....	56
Quadro 16 - Início do Capítulo XIII – Plus ultra!	57
Quadro 17 - Fases de um projeto de Aprendizagem Colaborativa.....	70
Quadro 18 - Fases de um projeto de Aprendizagem Colaborativa.....	74
Quadro 19 - Prática do gênero discursivo <i>e-mail</i> – fixação do conteúdo	76
Quadro 20 - Prática do gênero discursivo carta – fixação do conteúdo	77
Quadro 21 - Esquema de representação do ato de linguagem	79
Quadro 22 - Prática de gênero discursivo <i>e-mail</i> (convite aos professores e coordenadores)	80
Quadro 23 - Prática de gênero discursivo <i>e-mail</i> (convite aos alunos do EM).....	80
Quadro 24 - Produção do gênero discursivo carta (aos professores e coordenadores)	81
Quadro 25 - Prática do gênero discursivo carta (aos alunos do EM)	82
Quadro 26 - Trecho do cap. I <i>O Alienista</i>	84
Quadro 27 - Trecho do cap. I <i>O Alienista</i>	86
Quadro 28 - Trecho do cap. II - <i>O Alienista</i>	88
Quadro 29 - Trecho do cap. II- <i>O Alienista</i>	90
Quadro 30 - Trecho do cap. II - <i>O Alienista</i>	91
Quadro 31 - Trecho do cap. III - <i>O Alienista</i>	93

Quadro 32 - Trecho do cap. IV - <i>O Alienista</i>	95
Quadro 33 - Trecho do cap. V - <i>O Alienista</i>	99
Quadro 34 - Trecho do cap. VI - <i>O Alienista</i>	101
Quadro 35 - Trecho do cap. VII - <i>O Alienista</i>	102
Quadro 36 - Trecho do cap. VIII - <i>O Alienista</i>	103
Quadro 37 - Trecho do cap. IX - <i>O Alienista</i>	104
Quadro 38 - Trecho do cap. X - <i>O Alienista</i>	106
Quadro 39 - Trecho do cap. XI - <i>O Alienista</i>	107
Quadro 40 - Trecho do cap. XII - <i>O Alienista</i>	108
Quadro 41 - Início do cap. XII - <i>O Alienista</i>	109
Quadro 42 - Interação discursiva sobre a narrativa de <i>O Alienista</i> – conto e HQ	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQC-ESP	Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
FECTI	Feira de Ciência e Tecnologia de Itaguaí
Flimi	Feira Literária do Município de Itaguaí
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
HQ	História em quadrinhos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LDPs	Livros Didáticos Pedagógicos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SMEDU	Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí
TDIC	Tecnologias digitais da informação e comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	BAKHTIN.....	19
2.2	CHARAUDEAU E A SEMIOLINGUÍSTICA DA COMUNICAÇÃO	20
2.2.1	Contrato de Comunicação de Charaudeau	22
2.3	Koch E A Construção De Sentidos No Processo Da Interação Verbal	25
3	INTERAÇÃO VERBAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	31
3.1	CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E ENSINO: IMPACTOS NAS INTERAÇÕES VERBAIS.....	31
3.2	ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA “ <i>SE LIGA NA LÍNGUA</i> ” E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS	35
4	INTERAÇÃO VERBAL EM <i>O ALIENISTA</i>.....	38
4.1	O ALIENISTA	39
4.1.1	Machado de Assis	40
4.1.2	Estrutura e Conteúdo	41
4.1.2.1	<i>O Alienista</i> : nuances e complexidades.....	41
4.2	O Alienista Em HQ.....	57
4.2.1	Franco de Rosa	58
4.2.2	Estrutura e Conteúdo	59
5	CARTA, E-MAIL E CHAT NAS INTERAÇÕES DISCURSIVAS	66
5.1	GÊNERO DISCURSIVO CARTA.....	66
5.2	GÊNERO DISCURSIVO E-MAIL	67
5.3	GÊNERO DISCURSIVO CHAT.....	68
6	METODOLOGIA DO CIRCUITO DIDÁTICO	69
6.1	PERFIL DA ESCOLA E DOS ALUNOS	72
7	CIRCUITO DIDÁTICO: ETAPAS PARA A INTERAÇÃO VERBAL.....	74
7.1	APRESENTAÇÃO, PROBLEMATIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	74
7.2	PESQUISA, PRODUÇÃO INDIVIDUAL E AULA EXPLORATÓRIA	75

7.3	DISCUSSÃO COLETIVA, CRÍTICA E REFLEXIVA.....	83
7.4	PRODUÇÃO COLETIVA E CRÍTICA	111
7.5	PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO FINAL (PRÁTICA SOCIAL)	113
7.6	AVALIAÇÃO COLETIVA DO PROJETO	114
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS.....	119
	APÊNDICES	121
	APÊDICE A – Produto Educacional Escolas Conectadas.....	122

1 INTRODUÇÃO

Após mais de duas décadas como professora de Língua Portuguesa, minha trajetória profissional foi enriquecida pela significativa contribuição dos meus professores e da minha orientadora durante o Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Esse arcabouço determinou a condução desta pesquisa, levando à ideia de que a interação verbal entre os participantes do discurso, na perspectiva de Charaudeau (2008)¹, estimule o desenvolvimento de competências e habilidades descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)². Talvez pareça ingênuo essa dedução se levarmos em conta que a escola atua como espaço de produção e leitura de textos, logo com interação verbal, como se deduz das orientações tanto da BNCC quanto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)³.

No entanto, mesmo considerando essa atuação da escola, minha prática de professora de Língua Portuguesa aponta-me uma lacuna no ensino desse componente curricular, justamente porque o trabalho com a linguagem, em tal espaço, não consegue estabelecer, de maneira efetiva, relações discursivas entre interlocutores distintos. São, na verdade, interações parciais, porque se realizam entre interlocutores limitados pela própria estrutura escolar. Dessa forma, as situações de comunicação mostram-se sempre incompletas. Diante desse cenário, esta pesquisa, por meio de um circuito didático, visa a minimizar essa lacuna a partir de um entrelace escolar, promovendo a conexão entre duas instituições de ensino.

Nesse sentido, o circuito proposto se insere em um contexto mais abrangente, buscando compreender a relevância da interação verbal na prática, com o objetivo principal de preparar ações específicas para os alunos do nono ano do EF que permitam sua interlocução com os participantes de um colégio de EM. Para isso, propõe promover interlocução entre alunos do nono ano do Ensino Fundamental (EF) de uma escola municipal e interlocutores distintos: alunos da terceira série do Ensino Médio (EM), professores e coordenadores de um colégio estadual. Dessa forma, entende-se que ofertar aos alunos uma

¹ Para Charaudeau (2008), em um primeiro sentido, o discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Em um segundo sentido, pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados.

² A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

³ Os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Esse documento é anterior à BNCC. Foi implementado na década de 80 do século XX (Brasil, 1998).

experiência de aprendizagem com parceiros fora do mesmo ambiente escolar enriquece a compreensão de como a língua é usada em situações práticas do cotidiano.

Isso coloca a linguagem num terreno mais fértil, visando a enriquecer e a expandir o repertório linguístico dos alunos, proporcionando-lhes uma aprendizagem mais contextualizada e alinhada às demandas do mundo contemporâneo. Embasados nessa abordagem, desenvolveremos estratégias linguístico-discursivas que levem os alunos do nono ano do EF a perceberem que o enunciado, quando construído em um contexto específico, refere-se à manifestação concreta da linguagem.

Em outras palavras, a dinâmica entre os participantes da comunicação envolve a interação ativa, a troca de informações, a interpretação mútua dos enunciados e a resposta de acordo com as perspectivas individuais, contribuindo para a construção compartilhada de significados e comunicação eficaz. (Charaudeau, 2008).

Isso posto, o circuito didático pauta-se em Bakhtin (2011, p. 292), que concebe a palavra como “um signo que exige decodificação e deve se ajustar ao contexto para garantir a compreensão e responsividade do interlocutor”, para orientar o aluno do nono ano do EF a desenvolver habilidades sociodiscursivas e a refletir sobre as influências de seus interlocutores, de acordo com os pressupostos da Semiolinguística de Charaudeau (2008).

Dentro dessa perspectiva e levando-se em conta a relação social, o locutor precisa se ajustar aos seus interlocutores: (1) simétricos⁴, quando estão estruturados pela equivalência; (2) assimétricos, marcados por diferenças de acordo com o contexto e as relações de poder. Essa inclusão é relevante para destacar como ocorre a dinâmica das interações verbais, seus significados e interpretações, atribuindo uma reflexão mais abrangente e holística sobre a dimensão sociodiscursiva.

Para fortalecer a aceitabilidade e a cooperação dos parceiros, indispensáveis à efetiva construção de sentido na interlocução, voltamo-nos para a abordagem de Koch (2018, 2021), uma vez que a autora esclarece as estratégias que favorecem a acessibilidade mútua no "jogo da comunicação", contribuindo para a compreensão de como os participantes podem agir para que a interação seja produtiva e enriquecedora.

Assim, ao reunir as contribuições de Bakhtin (2011), Charaudeau (2008) e Koch (2018, 2021), desenvolveremos a proposta para a interação verbal, adotando práticas de leitura e análise comparativa de *O Alienista* em duas modalidades: conto, de Machado de

⁴Aqui os termos simétricos e assimétricos são utilizados para fazer referência à hierarquia social entre os sujeitos. Nesse sentido, esses termos diferem da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, em que o ato de comunicação é assimétrico pela sua natureza.

Assis, e adaptação quadrinística, de Franco de Rosa, a fim de incentivar os alunos do nono ano do EF a se tornarem protagonistas dessa experiência pedagógica.

Esse procedimento se justifica em função da necessidade de os alunos do nono ano do EF desenvolverem habilidades linguístico-discursivas para colocar em cena personagens da encenação nos moldes de Charaudeau (2008).

As perguntas a suscitem as práticas de leitura e a referida análise comparativa são:

- 1) Quem vai dizer?
- 2) O que dizer?
- 3) Para quem dizer?
- 4) Como dizer?
- 5) Por onde dizer?
- 6) Para que dizer?

Em princípio, as respostas já podem ser dadas e relacionadas às etapas desta dissertação. Para a pergunta 1, a resposta é, aparentemente, óbvia: os alunos de uma turma do nono ano do EF. A partir da interlocução entre esses estudantes e os participantes da escola do EM, os possíveis interlocutores, promove-se um ambiente enunciativo colaborativo e inclusivo, em que ambos pertencem ao espaço interno e externo durante o jogo comunicativo.

A resposta para a segunda pergunta reveste-se de importância para esta pesquisa, já que é a partir disso que organizaremos a proposta das atividades didáticas. Entendemos que, para ter o que dizer, os sujeitos comunicantes precisam participar de ações, por um lado, de ensino-aprendizagem de determinados conhecimentos já existentes, e, por outro, desenvolver novos conhecimentos. É para os sujeitos comunicantes terem o que dizer que preparamos atividades em torno de práticas de leitura e de análise comparativa sobre *O Alienista*.

Para a pergunta 3, assim como para a 1, a resposta mostra-se, aparentemente, clara: os interlocutores (sujeitos interpretantes) simétricos, alunos do EM que compartilham o mesmo *status social* e *educacional*, e assimétricos, professores e coordenadores que ocupam papéis sociais diferentes, com mais autoridade e responsabilidade. Dada, contudo, a complexidade das relações no *jogocomunicativo*, a resposta a essas questões pode incluir os próprios sujeitos comunicantes da escola do EF.

Para as questões 4 e 5, as respostas apontam para as estratégias didáticas que serão utilizadas a fim de possibilitar o jogo da comunicação entre os sujeitos comunicantes e interpretantes. Em princípio, as respostas giram em torno das escolhas linguístico-discursivas aprendidas nas práticas de leitura. Para a pergunta 6, a resposta se relaciona ao intuito de levarmos o aluno do EF a promover e a transmitir conhecimentos, visando a criar sua

identidade discursiva em diversos contextos, tanto dentro como fora do espaço escolar.

Respondidas as 6 perguntas, passemos a listar os objetivos específicos desta pesquisa, os quais estão diretamente ligados às referidas questões. Tais objetivos direcionarão a proposta didática a ser desenvolvida no capítulo final deste texto dissertativo.

Questão 1: objetivo 1

1) criar atividades de leitura de *O Alienista*, de Machado de Assis, na versão tradicional e em História em Quadrinhos, e de comparação entre essas duas versões;

Questão 2: objetivo 2

2) desenvolver estratégias específicas de interlocução para os participantes do EM de modo a relacioná-las às ações pensadas para o objetivo principal;

Questão 3: objetivo 3

3) articular estratégias linguístico-discursivas, com base em diferentes gêneros discursivos, de modo a levar os alunos do EF a interagirem com os participantes do EM;

Questão 4: objetivo 4

4) selecionar meios presenciais e virtuais compatíveis com esta proposta para facilitar a interlocução entre os alunos do EF e os participantes do EM; e

Questão 5: objetivo 5

5) criar os contextos para os alunos do EF atuarem nos circuitos internos e externos do jogo comunicativo.

Com o propósito de alcançar esses objetivos, os alunos do EF serão orientados a analisar o foco narrativo nas duas modalidades de *O Alienista* e a empregar estratégias linguístico-discursivas para promover a interação com seus interlocutores. Pretende-se que adquiram conhecimentos para desenvolver uma enunciação sólida e eficaz, capacitando-os a apresentar suas percepções sobre as interações discursivas das personagens na narrativa.

Além disso, terão acesso à literatura clássica do século XIX, que retrata o comportamento humano e o cientificismo da época, atribuindo visibilidade à cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro, onde a trama se desenrola. Sob essa perspectiva, este estudo será conduzido a resultar em um circuito didático aplicável à turma do nono ano do EF

Para atender a esses objetivos, o segundo capítulo, *Referencial teórico*, é dedicado às

abordagens de Bakhtin (2011), Charaudeau (2004, 2008) e Koch (2018, 2021), com o intuito de investigar os princípios fundamentais da interação verbal, destacando o papel do sujeito, a dimensão social da linguagem e elementos essenciais, como contexto, gêneros discursivos, estratégias comunicativas e relações de poder existentes nas interações linguísticas.

Adicionalmente, aborda-se o Contrato de Comunicação proposto por Charaudeau (2008), visando a fomentar uma interação mais enriquecedora e reflexiva no ambiente educacional, em que os participantes assumem papéis colaborativos e protagonistas na atividade linguística.

O terceiro capítulo, *Interação verbal no ensino de Língua Portuguesa*, investiga se a coleção de livros didáticos pedagógicos (LDPs) "Se Liga na Língua – Leitura Produção de Texto e Linguagem", usada por professores do 6º ao 9º anos, contempla propostas pedagógicas com práticas de interação verbal em esferas situadas e sistematizadas de comunicação, tanto em sala de aula quanto para além dela.

Além disso, destaca-se a evolução do ensino de Língua Portuguesa e as concepções de língua e ensino presentes na BNCC, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos PCN, com base nas contribuições de teóricos como Bakhtin (2011), Charaudeau (2008), Geraldi (2006), Koch (2018), Orlandi (2020), e Rojo (2013). Assim, visa a promover uma abordagem educacional interativa, dialógica e centrada no aluno, ultrapassando as fronteiras convencionais da sala de aula.

O quarto capítulo, *O Alienista: conto e HQ*, explora a análise comparativa entre o conto, de Machado de Assis, e a adaptação quadrinística, de Franco de Rosa. Essa abordagem investiga as nuances nas relações discursivas que permeiam o jogo da comunicação na narrativa machadiana, com base nas contribuições teóricas de Bakhtin (2011), Cagnin (1975), Charaudeau (2008), Koch (2018, 2021), Orlandi (2020), e nos documentos norteadores BNCC (Brasil, 2017) e PCN (Brasil, 1998).

O quinto capítulo, *Gêneros discursivos na interação verbal*, ressalta a relevância dos gêneros discursivos - carta, *e-mail* e *chat (WhatsApp)*- na promoção de práticas interativas em contextos e épocas distintas. Esses gêneros possibilitam explorar diversas formas de comunicação, desde a tradição histórica e cultural da carta, até a comunicação instantânea via *chat (WhatsApp)*, que é menos monitorada e dinâmica. Tais abordagens preparam os alunos para a crescente diversidade de linguagens na sociedade contemporânea, cada vez mais multissemióticas e multimodais.

O sexto capítulo, *Metodologia do Circuito didático*, apresenta a metodologia utilizada na elaboração do Circuito didático, baseada na Aprendizagem Colaborativa de Behrens

(2004). Para tanto, apoia-se em quatro pilares: aprender a conhecer (descoberta contínua), aprender a fazer (teoria e prática), aprender a estar junto (trabalho em equipe) e aprender a ser (formação de indivíduos conscientes). Esse alicerce é fundamental para desenvolver e sustentar as práticas pedagógicas sobre interação verbal interescolar do referido Circuito no que tange a aspectos didáticos.

O sétimo capítulo, *Círculo didático*, apresenta as atividades pedagógicas propriamente ditas, e amparadas na teoria Colaborativa da Aprendizagem (Behrens, 2004). Nesse sentido, o Circuito visa a contribuir para o fortalecimento das habilidades linguístico-discursivas dos alunos do nono ano do EF por meio de práticas interativas e colaborativas em diferentes contextos, conforme preconizado pela BNCC (Brasil, 2017).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo articula os princípios teóricos de base linguística que direcionam o Circuito didático apresentado no último capítulo. Inicia com as contribuições de Bakhtin (2011), destacando a importância da interação verbal e dos gêneros discursivos como elementos indispensáveis à atividade linguística.

Em seguida, são abordadas as contribuições da Semiolinguística de Charaudeau (2008), explorando como os sujeitos constroem significados por meio da comunicação. Assim, destaca-se o conceito de Contrato de Comunicação, que enfatiza as convenções sociais e as normas compartilhadas na troca de mensagens. Por fim, discutem-se as contribuições de Koch (2018, 2021) sob a perspectiva da Linguística Textual, evidenciando o *jogo da comunicação* na inter-relação entre práticas discursivas e sua influência na construção de significados.

2.1 BAKHTIN

Mikhail Mikhailovich Bakhtin⁵ desenvolveu a teoria dialógica focada na interação entre falantes, abordagem considerada fundamental para a análise discursiva, destacando a importância do diálogo entre vozes na composição de significados.

Bakhtin (2011, p. 323) salienta que “quando dois enunciados de qualquer que seja a natureza se encontram num contexto significativo (não sendo observados como meros objetos ou exemplares da linguagem), eles estabelecem entre si uma relação dialógica. Tal concepção destaca a interação permanente entre quem fala e quem escuta, sublinhando que a linguagem é entrelaçada de maneira fundamental às dinâmicas sociais e influenciada pelas múltiplas vozes dentro de uma comunidade.”

Esse conceito evidencia que a linguagem é um fenômeno construído pela interação entre os sujeitos, formatada e impactada pelo contexto sócio-histórico-cultural no qual estão inseridos. Isso implica reconhecer que “o estilo de um enunciado e seu significado completo estão intrinsecamente ligados ao contexto social em que são produzidos e interpretados” (Bakhtin, 2011, p. 298).

Para Bakhtin (2011, p. 294), no ato comunicacional, a formação do discurso interior não é uma cópia do que existe no interpessoal, mas uma (re)elaboração deste. O autor destaca

⁵ Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um importante filósofo e linguista russo, cujos trabalhos exercem grande influência nas áreas da teoria linguística, filosofia e estudos literários.

que “uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada na minha expressão”, surgindo um novo enunciado.

Desse modo, mesmo quando parece que os enunciados são construídos aleatoriamente, eles são influenciados por fatores sociais, culturais e pessoais. Nesse sentido, os PCN contemplam a teoria bakhtiniana ao destacarem a relevância de considerar o contexto, os interlocutores e os gêneros discursivos na comunicação, evidenciando que “produzindo linguagem, aprende-se linguagem (Brasil, 1998, p. 22). Bakhtin (2011, p. 300) também ressalta que “a palavra possui três aspectos: palavra da língua neutra, que não pertencente a ninguém; palavra alheia dos outros e repleta de ecos dos enunciados dos outros; e como minha palavra.”

Assim, a teoria Bakhtiniana destaca que, ao elaborar o discurso, o locutor revela traços identitários repletos de leituras de mundo, percepções e acréscimos de outros interlocutores, no intuito de obter a responsividade de seu interlocutor.

2.2 CHARAUDEAU E A SEMIOLINGUÍSTICA DA COMUNICAÇÃO

A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau⁶ envolve a criação de uma estrutura que harmoniza as dimensões linguísticas e semióticas, visando a proporcionar uma compreensão mais aprofundada da complexa dinâmica presente na interação verbal, ao mesmo tempo em que enfatiza o papel ativo do sujeito no processo comunicativo.

Nesse contexto, destaca-se o “esquema comunicativo” ou “esquema ator-ação-meta” em que Charaudeau (2008, p. 62) destaca que “a análise de um ato de linguagem não pode pretender dar conta da totalidade da intenção do comunicante, nem ser obrigado a só dar conta do ponto de vista do sujeito interpretante”.

Isso implica considerar os diversos significados que possam emergir no ponto de convergência, em que a criação e a interpretação da mensagem se entrelaçam, para “dar conta dos possíveis interpretativos que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação”. (Charaudeau, 2008, p. 63).

Essa perspectiva permite compreender as reais intenções de um determinado ato de fala, levando em conta quem está se comunicando, como a linguagem é utilizada, o que se

⁶ Patrick Charaudeau é um linguista francês, especialista em Análise do Discurso. Fundador da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso. Professor da Universidade Paris-Nord, pesquisa interações entre indivíduos, seu contexto social e práticas midiáticas e políticas.

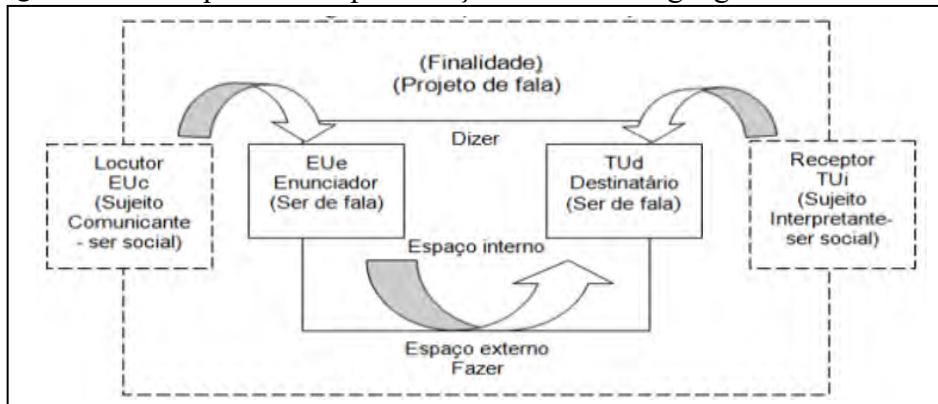
pretende alcançar e a forma como esses elementos se relacionam num contexto comunicativo.

Nesse contexto, Charaudeau (2008, p. 63) propõe um deslocamento na maneira tradicional de questionar um texto que geralmente busca identificar o autor com perguntas como “Quem fala?” sugerindo que, em vez disso, deve-se perguntar: “Quem o texto faz falar?”, “Quais sujeitos são feitos para falar pelo texto?” ou “Quem é construído para falar pelo texto?”. Isso realça a ideia de quem são os falantes no texto.

Nessa concepção, a comunicação se inicia com um sujeito comunicante, que tem uma ideia a compartilhar e que precisa se alinhar à expectativa do sujeito interpretante (receptor da mensagem). No entanto, a comunicação poderá falhar se a imagem do sujeito comunicante não coincidir com o esperado pelo sujeito interpretante.

Nesse propósito, Charaudeau (2008) distingue dois níveis: o circuito externo, que envolve os indivíduos no mundo real (comunicante e interpretante), e o circuito interno, no plano discursivo (enunciador e destinatário). O sucesso da comunicação dependerá da interação harmoniosa entre esses dois circuitos, enfatizando a necessidade de entender e manejar as expectativas e interpretações dos envolvidos.

Quadro 1 - Esquema de representação do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2008, p. 52).

Desse modo, a comunicação passa a envolver os sujeitos *EU-enunciador*, que atua no discurso, e a imagem de si o *EU-comunicante*, que passa ao *TU-interpretante*, que pode acreditar ou não a mensagem recebida. Enquanto o *TU-destinatário*, que também encena no discurso e é a imagem que o EU-comunicante faz do *TU-interpretante*. Ou seja, uma hipótese que o *EU-comunicante* fez do *TU-interpretante*. Então, existem os sujeitos do mundo real, de carne e osso, que são o *EU-comunicante* e o *TU-interpretante* e os sujeitos *EU-Enunciador* e o *TU-destinatário* que encenam no mundo do dizer – são seres de palavras.

Assim, a encenação do ato de linguagem se ancora em *como* e *por que* algo é

comunicado. Para isso, deve-se considerar a interdependência entre a apresentação de si (o sujeito enunciador) e a recepção por parte do ouvinte/leitor (sujeito interpretante), enfatizando que a comunicação é uma construção colaborativa com o poder de moldar relações, identidades e entendimentos compartilhados. O sucesso desse processo depende da habilidade dos envolvidos em perpassar por níveis para se respeitar as restrições e cumprir com o contrato de comunicação, reconhecendo a importância da adaptabilidade, da percepção mútua e da negociação contínua de significados.

Para Charaudeau (2004), existem três níveis intimamente interligados: (1) o situacional e comunicacional – ou nível do contrato global que “permite reunir textos em torno das características do domínio de comunicação” (Charaudeau, 2004, p. 38); (2) o discursivo – ou nível da atividade languageira que “deve ser considerado como o conjunto dos procedimentos que são chamados pelas instruções situacionais para especificar a organização discursiva” (Charaudeau, 2004, p. 38); e (3) o da configuração textual – ou nível das formas textuais: “cujas recorrências formais são voláteis demais para tipificar de forma definitiva um texto, mas constituindo os índices [nível discursivo ou intencional].” (Charaudeau, 2004, p. 38).

Dessa maneira, observa-se que as abordagens de Bakhtin (2011) e Charaudeau (2008) seguem trajetórias específicas na análise do discurso, pois Bakhtin enfatiza a importância da interação social e da polifonia, enquanto Charaudeau concentra-se na articulação entre as dimensões psicossociológicas e linguísticas do ato de linguagem, incluindo a valorização do direito à fala no contrato de comunicação.

Consequentemente, ao incorporar os pensamentos de Bakhtin e Charaudeau no ensino de Língua Portuguesa, pode-se ampliar a aprendizagem dos alunos, ressaltando a relevância da interação social, a complexidade dos significados e a importância do contexto na evolução comunicativa.

2.2.1 Contrato de Comunicação de Charaudeau

O Contrato de Comunicação de Charaudeau (2008) estabelece estratégias em que locutores e interlocutores desempenham papéis de parceiros na atividade linguística, contribuindo para a efetiva troca de significados e construção colaborativa de conhecimento.

Charaudeau (2008, p. 56) metaforiza que o ato de linguagem, do ponto de vista de sua produção, é comparado a “uma expedição de aventura”, e que a busca “para ser bem-sucedido” exige o uso de contratos e estratégias que moldam o comportamento linguístico dos

participantes. Assim, a eficácia do contrato está intrinsecamente ligada à identificação dos princípios norteadores da comunicação que influenciam as escolhas linguísticas dos falantes: aceitabilidade, verdade, virtude e eficácia.

Conforme Charaudeau (2008, p. 60, grifo do autor):

Denominamos *Contrato de Comunicação* o ritual sociolinguageiro do qual depende o *Implicito codificado* e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (*Circunstâncias de Discurso*) do ato de linguagem. O *Contrato de Comunicação* fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem. Assim, as estratégias [...] devem ser estudadas em função desse Contrato.

Desse modo, a abordagem de Charaudeau engloba a intencionalidade na comunicação, explorando como os falantes buscam atingir os objetivos específicos por meio de seus discursos. Além disso, a categorização da comunicação em tipos como comunicados, compromissos e efeitos fornece uma base para analisar a função e o propósito de diferentes manifestações linguísticas.

Na proposta de Charaudeau (2008), destaca-se a relevância do conceito de "lugar de ancoragem social", concebido como um espaço contratual que delimita características situacionais, evidenciando a influência do contexto social na dinâmica comunicativa, em que elementos específicos moldam a natureza e a orientação dos discursos. Nesse contexto, a abordagem reconhece a importância de considerar além do conteúdo literal das palavras, as influências contextuais que moldam a interpretação e a produção do discurso.

Charaudeau (2004) destaca que o "lugar de ancoragem social" pode ser compreendido como um espaço contratual que, por meio das características de seus componentes, estabelece um determinado contexto situacional que orienta a discursivização. Nesse sentido, a situação de comunicação se estabelece quando dois parceiros reconhecem reciprocamente o direito à palavra, estabelecem um contrato e buscam princípios de pertinência, influência e regulação compartilhados.

A pertinência é essencial, pois implica o compartilhamento de informações fundamentais para o sucesso da comunicação, além do processo de coconstrução, no qual os parceiros constroem significados em conjunto. Dentro desse contexto, Charaudeau introduz o princípio da troca linguística como um "*mise-en-scène*", no qual os interlocutores, conscientes das restrições e possibilidades da situação de comunicação, utilizam categorias linguísticas organizadas para produzir sentido, configurando assim um texto.

O locutor mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela *Situação de comunicação*, utiliza *categorias de linguagem* ordenadas nos *Modos de organização do discurso* para produzir sentido, através da configuração de um *Texto*. Para o locutor falar, é, pois, uma questão de estratégia como se ele se perguntasse: “Como é que vou / devo falar (ou escrever), levando em conta o que percebo do interlocutor, o que imagino que ele percebe e espera de mim, do saber que eu e ele temos em comum, e dos papéis que eu e ele devemos desempenhar”. Melhor dizendo, fala-se (ou escreve-se) organizando o discurso em função de *sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito*. (Charaudeau, 2008, p. 75-76, grifo do autor).

Por isso, é essencial que o locutor considere diversos aspectos, tais como o canal de comunicação, a pessoa com quem está se comunicando, o conhecimento compartilhado e os papéis que ambos desempenham, para que a troca de informações seja eficiente e atinja os objetivos desejados. Além disso, o comunicador deve empregar as *categorias de linguagem* organizadas conforme os *modos de organização do discurso* recomendados por Charaudeau, ou seja, as estratégias linguísticas utilizadas para produzir sentido e influenciar o interlocutor.

Sendo assim, para conseguir que o interlocutor execute uma determinada ação, poder-se-á, em função dessas circunstâncias, “dar-lhe uma ordem (Distribua esses convites ainda hoje!)”, “fazer-lhe um pedido” (Você poderia distribuir esses convites ainda hoje?), “fazer uma contatação” mostrando surpresa (Esses convites ainda não foram distribuídos?), ou “contar” uma história para incitá-lo a fazer (“Era uma vez uma secretária que esqueceu de distribuir os convites para uma festa na empresa...”) (Charaudeau, 2008, p, 76).

No entanto, é importante ressaltar que o sujeito comunicante precisa estar atento às limitações e oportunidades fornecidas pela situação de comunicação. Isso envolve levar em conta as normas sociais, os modelos culturais e as previsões do destinatário quanto à interação, para garantir o êxito na troca de mensagens. Assim, iniciar um diálogo é um processo complexo, que exige a consideração de diversas variáveis para que o sentido seja criado e os objetivos comunicativos sejam atingidos.

Portanto, para que o contrato de comunicação logre êxito, é necessário que o sujeito comunicante inicie todo o processo de comunicação em sua mente (Eu-enunciador) e externalizá-lo por meio de um sujeito enunciador. Essa é a premissa para corresponder às expectativas do sujeito interpretante (Tu-interpretante) em termos de imagem. Uma vez que o sujeito comunicante não tem controle sobre o sujeito interpretante, não havendo quaisquer garantias de que a imagem projetada pelo sujeito enunciador seja aceita.

2.3 KOCH E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO PROCESSO DA INTERAÇÃO VERBAL

Ingedore Grunfeld Villaça Koch⁷ possui contribuições que enriquecem a compreensão da comunicação e seus mecanismos na sociedade no campo da Linguística Textual. Koch (2018, p. 11) destaca que a compreensão da linguagem é uma “*ação intersubjetiva* derivada de dois grandes polos: de um lado, a Teoria da Enunciação, de outro, a Teoria dos Atos de Fala”, para dar lugar a acessibilidade mútua no “jogo da comunicação”. Isso implica em transcender as formas simples de expressão, constituindo manifestações intrincadas da interação verbal em contextos específicos, pois “há o *modo como* o que se diz é *dito*: a enunciação deixa no enunciado *marcas* que indicam (“mostram”) a que título o enunciado é proferido.” (Koch, 2018, p. 12)

Para chegar a esse entendimento, Koch (2021) analisou teorias de autores alemães que se debruçaram sobre a natureza da linguagem, explorando conceitos fundamentais como:

[...] o texto resulta de um tipo específico de atividade a que autores alemães denominam “*Sprachliches Handeln*”, entendendo por *Handeln* todo tipo de influência consciente, teleológica e intencional de sujeitos humanos, individuais ou coletivos, sobre seu ambiente natural e social. Dessa forma, *Sprachliches Handeln* refere-se à realização de uma atividade verbal, numa situação dada, com vistas a certos resultados (Koch, 2021, p. 11).

Sob essa perspectiva, Koch (2021, p. 11) elucida que, analogamente, a escola psicológica e psicolinguística soviética, fundamentada em Vigotsky, utilizava o termo “*dejatel'nost'*” para descrever o conjunto complexo de processos postos em ação para alcançar um resultado específico, que, ao mesmo tempo, serve como motivo da atividade. Nesse sentido, “*dejatel'nost'*” comprehende a realização de uma atividade verbal em uma situação dada, almejando a determinados resultados, e articulando-se nos aspectos de motivação, finalidade e realização.

Nesse propósito, Koch (2021) destaca o que diz o teórico soviético Leont'ev (1971):

[...] a atividade surge de uma necessidade, seguida do planejamento da atividade, utilizando meios sociais e signos para determinar sua meta e eleger os meios adequados à sua realização. Por fim, a atividade é realizada, alcançando os resultados visados. Cada ato da atividade comprehende, assim, a unidade dos três aspectos: começa com um motivo e um plano, terminando com um resultado e a consecução da meta prevista no início. No decorrer

⁷ Ingedore Grünfeld Villaça Koch foi uma linguista brasileira nascida na Alemanha, professora titular da Universidade Estadual de Campinas por quase trinta anos.

desse processo, há um sistema dinâmico de ações e operações concretas orientadas para a meta estabelecida desde o início. (Leont'ev, 1971 *apud* Koch, 2021, p. 12).

Mediante esse contexto, Koch (2021, p. 26) esclarece que, “numa primeira aproximação, textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes”, em que nessa interação o autor molda suas concepções de acordo com suas perspectivas para atingir finalidades específicas. Em tal abordagem, Koch sublinha que o texto não é meramente um produto acabado, mas resultado parcial de práticas comunicativas e socioculturais, num processo de planejamento, que envolve etapas de verbalização e construção.

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-anunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (Koch, 2021, p. 27).

Outro aspecto abordado por Koch é a compreensão da interação verbal para além do nível individual atribuído pelo falante. Isso significa que a linguagem não é algo estático e imutável, mas sim um processo dinâmico que reflete as práticas comunicativas desenvolvidas ao longo do tempo. Em outras palavras, a linguagem é moldada e influenciada pelas interações sociais e pelas dinâmicas de comunicação que ocorrem na sociedade, demonstrando sua natureza fluida e adaptável às diferentes situações e contextos em que é utilizada.

Com base na maneira como os sujeitos organizam o texto durante a interação verbal, Koch expõe que:

[...] a informação semântica contida no texto distribui-se, como se sabe, em (pelo menos) dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido. A informação dada – aquela que se encontra no horizonte de consciência dos interlocutores (cf. Chafe, 1987) – tem por função estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte da informação nova (Koch, 2021, p. 28).

Assim, pontua que um texto adquire identidade como tal quando os participantes de uma atividade comunicativa global colaboram de maneira conjunta, processo influenciado por uma complexa rede de fatores, englobando elementos situacionais, cognitivos, socioculturais e outros aspectos relacionados ao contexto em que a comunicação ocorre. Essa interação contribui para a efetiva constituição e compreensão do texto como unidade comunicativa

coesa e significativa.

Dessa forma, a concepção de texto “subjaz ao postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (Koch, 2021, p. 30). Para isso, os parceiros da comunicação precisam reconhecer o implícito do texto, empenhando-se em compreender o significado subjacente, utilizando uma variedade de sistemas de conhecimento e aplicando processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Essa construção de sentido apropriado ao contexto, às imagens mentais partilhadas entre os participantes e o tipo de atividade em curso é fator determinante para que a manifestação verbal seja reconhecida como coerente pelos interlocutores. Isso evidencia uma compreensão partilhada e eficaz entre os participantes da interação.

Uma vez construído **um** – e não **o** sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interlocutores (cf. Koch; Travaglia, 1989). E é a coerência assim estabelecida que, em uma situação concreta de atividade verbal ou, se assim quisermos, em um "jogo de linguagem" – vai levar os parceiros da comunicação a identificar um texto como texto. (Koch; Travaglia, 1989 *apud* Koch, 2021, p. 30, grifo do autor).

Nesse sentido, e amparada pela teoria de Heinemann e Viehweger (1991), Koch (2021, p. 34) assinala que o conhecimento abrange a compreensão das práticas distintivas do meio sociocultural em que os interlocutores estão inseridos e nas estratégias de interação que envolvem preservação das faces, representação positiva do “self”, polidez, negociação, atribuição de causas a mal-entendidos ou falhas na comunicação, entre outras. Esse conhecimento se manifesta concretamente por meio de estratégias aplicadas no processamento textual. Assim, essa perspectiva amplia a compreensão da linguagem como um fenômeno complexo e multifacetado, que não pode ser compreendido isoladamente, mas sim em relação a outros aspectos da vida em sociedade.

Além disso, ressalta-se também a relevância da teoria de Koch no ensino de Língua Portuguesa, com valiosas contribuições para a formação de professores e o aprimoramento de práticas pedagógicas mais críticas e reflexivas. Essa abordagem se revela determinante para promover a inclusão social e combater a discriminação linguística e cultural, conforme ressalta Koch (2021, p. 13) em “o que interessa [...] são as formas de organização da linguagem para a realização de fins sociais”, reconhecer então a linguagem como uma expressão da diversidade humana, valorizando e respeitando todas as formas de expressão linguística.

Conforme Koch (2021, p. 77) fala e escrita representam duas modalidades distintas de

utilização da língua, cada uma com suas próprias características”. No entanto, essa diferenciação não implica que fala e escrita devam ser encaradas de maneira dicotômica ou estanque, como foi, por vezes, tradicionalmente concebido. Sendo assim, para garantir o estabelecimento adequado das condições de produção da fala, sem distorções do que realmente ocorre, é necessário criar algumas condições que permitam a realização efetiva de um evento comunicativo. Esse processo difere do que ocorre no texto escrito.

Para abordar a Teoria dos Atos de Fala, Koch (2018, p. 17) se apoiou em filósofos como Austin, Searle, Strawson e outros que “entendiam a linguagem como forma de ação (“todo dizer é um fazer”)” e passaram a ponderar “sobre diversos tipos de ações humanas que se realizavam através da linguagem: os atos de fala, atos de discurso ou atos de linguagem.” (Koch, 2018, p. 17).

Com base nessa análise, Koch (2018, p. 17) menciona que “Austin estabelece distinção entre três tipos de atos: locucionários, ilocucionários e perlocucionários” que podem ser entendidos da seguinte maneira: o ato locucionário está relacionado à produção de sons ou palavras o ato ilocucionário refere-se ao significado expresso ou à intenção do falante e o ato perlocucionário envolve os efeitos ou reações que as palavras do falante têm sobre o ouvinte. Essas categorias ajudam a compreender a complexidade da comunicação verbal e as diferentes dimensões envolvidas na troca linguística. Então, a partir desses conceitos, Koch (2018, p. 19) esclarece que:

É preciso, no entanto, observar que *todo* ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, caso contrário não seria um ato de fala: sempre que se interage através da língua, profere-se um enunciado linguístico dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aquele(s) que o locutor tinha em mira.

Nesse sentido, Koch (2018, p. 29) enfatiza que “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Isso evidencia que a interação verbal é uma atividade intencional e estratégica, correlacionar com Bakhtin na qual os falantes escolhem suas palavras e estruturam suas expressões de acordo com os resultados desejados. Essa abordagem considera a linguagem não apenas como uma troca de palavras, mas como um “jogo “no qual os participantes buscam ativamente atingir objetivos específicos utilizando enunciados com determinada “força argumentativa” durante a interlocução.

Logo, quando o processo de interação é na esfera da fala, a expressão é mais

espontânea e imediata, proporcionando menos tempo a quem elabora, uma vez que “o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho” (Koch, 2018, p. 78). Em contrapartida, no contexto da escrita, a possibilidade de rascunhos, revisões e um planejamento mais detalhado é viável, dado ao caráter mais prolongado desse processo. Essa distinção ressalta as características distintas e as demandas temporais diversas entre a produção oral e escrita de textos.

Com base nesse contexto, Koch (2018, p. 79) esclarece que os interlocutores põem em prática uma série de “estratégias conversacionais” que ao interagirem verbalmente, frequentemente seguem princípios que visam a tornar a comunicação mais eficaz e cooperativa.

Segundo ele (filósofo Grice), o princípio básico que rege a comunicação humana é o Princípio da Cooperação (“seja cooperativo”). Isto é, quando duas ou mais pessoas se propõem interagir verbalmente, elas normalmente irão cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada. Usando uma metáfora: quem se propõe jogar um jogo, aceita jogar de acordo com suas regras e fazer o possível para que ele chegue a bom termo. Esse princípio subsume quatro “máximas”:

- Máxima da quantidade: “não diga nem mais nem menos do que o necessário”.
- Máxima da qualidade: “só diga coisas para as quais tem evidência adequada; não diga o que sabe não ser verdadeiro”.
- Máxima da Relação (Relevância): “diga somente o que é relevante”.
- Máxima do Modo: “seja claro e conciso; evite a obscuridade, a prolixidade etc”. (Koch, 2018, p. 27, grifos do autor).

Entretanto, em situações nas quais essas máximas se confrontarem, cabe ao interlocutor analisar e compreender o motivo da violação por parte do falante. Nessas circunstâncias, surge a necessidade de uma análise mais profunda para discernir as razões por trás da aparente quebra desses princípios conversacionais, ocorrendo, assim, a *implicatura conversacional*, em que o interlocutor extrai implicações adicionais com base no contexto da comunicação, na relação entre os falantes e nas convenções sociais. Essas implicações não são explicitamente declaradas, mas, normalmente, podem ser inferidas pelo receptor da mensagem.

Nesse contexto, em que a linguagem se revela, ressaltando sua natureza dinâmica e social, a abordagem de Koch alinha-se à visão bakhtiniana do diálogo como uma atividade colaborativa na construção de significados, integrando aspectos sociais fundamentais. A ênfase na dimensão social da linguagem reflete tanto no ensino quanto na análise linguística, enfatizando a necessidade de considerar práticas discursivas, gêneros discursivos e condições

sociais. Essa perspectiva realça a importância de uma educação linguística que vai além das estruturas formais, promovendo uma compreensão crítica e reflexiva das práticas linguísticas em contextos reais de comunicação.

A abordagem de Koch também se relaciona com a de Charaudeau, com uma ênfase, porém, na Linguística Textual e nas práticas comunicativas, abordando temas como argumentação, polifonia e construção do discurso em contextos específicos, ultrapassando a mera expressão de opiniões.

Isso desenvolve a habilidade de construir discursos persuasivos ao considerar a diversidade de vozes, lógica, adequação ao contexto e construção social do sentido. Assim, o *contrato de comunicação* complementa essa perspectiva ao operacionalizar a relação entre os falantes com base em normas sociais e na construção do significado, considerando o contexto da comunicação linguística. O próximo capítulo discute como a interação verbal é considerada nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

3 INTERAÇÃO VERBAL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, inicialmente, analisam-se as propostas de interação verbal delineadas nos Livros Didáticos Pedagógicos (LDPs) da coleção *Se Liga na Língua – Leitura Produção de Texto e Linguagem* – integrada ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD – 2018 – 2023) e utilizada por professores dos Anos Finais do EF (6º ao 9ºanos) nas escolas municipais de Itaguaí – RJ. A investigação busca constatar se as propostas didáticas abordam métodos efetivos e sistematizados para a prática da interação verbal dos gêneros discursivos em esferas situadas de comunicação.

Posteriormente, são analisadas as concepções de língua e ensino presentes na BNCC, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos PCN, com base nas contribuições de teóricos como Bakhtin (2011), Charaudeau (2004, 2008), Geraldi (2006), Koch (2018), Orlandi (2020), e Rojo (2013).

O mote principal é promover reflexão crítica sobre os documentos norteadores em consonância com as concepções teóricas, visando superar métodos tradicionais e promover um ensino de língua materna que fomente no educando novas habilidades comunicativas para atender às suas reais necessidades no meio social.

3.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E ENSINO: IMPACTOS NAS INTERAÇÕES VERBAIS

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras carece de propostas didáticas que atribuam destaque ao ensino dos gêneros discursivos, visando promover experiências interlocutórias variadas e significativas em situações reais de comunicação. Isso implica ao aluno compreender e interpretar enunciados de forma autônoma e criativa, importantes para a comunicação eficaz em diversas situações.

Diante disso, o ensino de língua materna enfrenta desafios significativos. Com frequência, os LDPs apresentam propostas pedagógicas discursivas estanques, que não estimulam amplamente a interação verbal nem a construção coletiva de conhecimento. É recorrente encontrar nos LDPs atividades de interpretação e/ou retextualização de textos, sem incentivos à interlocução, o que limita ainda mais o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

A partir da década de 90, impulsionados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), os currículos de Língua Portuguesa passaram a enfatizar mais o ensino com base no entendimento da realidade social e política. Assim, elucidando a

importância de práticas pedagógicas mais contextualizadas, que permitam ao aprendiz assumir papel central na construção da aprendizagem e nas diversas interações sociais.

Tanto os PCN (Brasil, 1998) quanto a BNCC (Brasil, 2017) reconhecem o impacto de contemplar aspectos como linguagem, participação social, atividade discursiva e textualidade, incluindo a valorização dos gêneros discursivos situados. Nessa perspectiva, a BNCC destaca o uso de variedade e estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, visando promover uma aprendizagem ampla, considerando propósitos e públicos variados.

Consequentemente, ao valorizar os gêneros discursivos no ensino de língua materna, atende-se ao que preconizam a BNCC, a LDB e os PCN, contribuindo, então, para uma abordagem linguística mais contextualizada, significativa e alinhada às necessidades comunicativas dos alunos na sociedade contemporânea, uma vez que eles já estão inseridos numa diversidade de gêneros discursivos modais e multissemióticos.

Durante a investigação sobre as concepções de língua e ensino presentes nos BNCC, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos PCN, recorre-se aos postulados de Bakhtin (2011), Charaudeau (2008), Geraldi (2006), Koch (2018), Orlandi (2020) e Rojo (2013). Uma vez que, esse arcabouço teórico fundamenta à efetiva prática da interação verbal, a qual deve transcender ao que é dito (conteúdo da mensagem), considerando que o contexto (*onde e quando a comunicação ocorre*) e a forma (transmissão) são indispensáveis à produção de sentido nos circuitos internos e externos do jogo comunicativo.

Bakhtin (2011) enfatiza a importância de considerar o contexto social, cultural e histórico no qual a linguagem é produzida e interpretada, destacando sua natureza dinâmica e multifacetada. Assim, a linguagem em *ação*, em que a palavra está sempre carregada de um conteúdo, sentido ideológico ou vivencial, permite que o ensino de Língua Portuguesa cumpra uma das suas funções: proporcionar ao aluno compreender seu papel na sociedade e utilizar suas habilidades linguísticas de forma crítica.

Embora a linguagem possa ser entendida como “expressão do pensamento”, sua manifestação deriva da linguagem externa, ou seja, da interação verbal. Uma vez que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina a sua orientação” (Bakhtin, 2011, p. 116).

Nessa perspectiva, Koch (2018) também comunga da teoria de Bakhtin ao enfatizar que o ato de compreender e produzir texto é uma interação *co-construída* entre interlocutores, e que o significado surge dinamicamente da combinação de texto, contexto e troca comunicativa. Para a autora, a linguagem transcende a mera representação de signos ou

estruturas estáticas, pois é uma atividade viva e dinâmica, um meio de ação intrinsecamente orientado e estabelecido entre indivíduos.

Orlandi (2020)⁸ expande essa visão ao destacar o papel do discurso como uma prática de linguagem em movimento e reflexo das relações entre língua e ideologia. Com isso, as palavras não são simples objetos ou ações, mas *abstrações* que se tornam concretas por meio da enunciação em contextos específicos de interação verbal.

Ao discutir conceitos como *polifonia* e *interdiscursos*, Orlandi (2020) evidencia a presença de diversas vozes e discursos entrelaçados em um único enunciado, destacando a necessidade de passar por *processos de esquecimento* para compreender os múltiplos sentidos da linguagem. Além disso, aborda a relação entre *sujeição* e *assujeitamento* no ato comunicacional, argumentando que a ideologia⁹ exerce um papel vital na naturalização dos discursos e na produção de significados.

Assim, as contribuições de Orlandi (2020) convergem para uma compreensão mais rica e complexa da linguagem como um fenômeno que vai além das estruturas linguísticas, envolvendo também questões ideológicas e sociais ao reconhecer a interação verbal e a enunciação como elementos fundamentais na produção de significados e na constituição dos sujeitos.

Similarmente, as concepções de Geraldi (2006) também se relacionam à visão da linguagem como um fenômeno dinâmico e socialmente situado, moldado pelas interações entre sujeitos em contextos específicos. O autor enfatiza a natureza diversa da prática linguística e a importância de considerar o contexto social ao estudar a linguagem e sua relação com a sociedade.

Para Geraldi (2006) a língua é um fenômeno social, histórico e cultural, e, como tal, é diversa. *Não há uma língua, mas línguas*, e cada uma delas é um sistema complexo, em constante transformação, que reflete as relações sociais e culturais de um determinado grupo humano. Essa visão ressalta a natureza dinâmica e multifacetada da língua, enfatizando que elas não são entidades estáticas, mas sim produtos das interações humanas ao longo do tempo.

Nesse contexto, a língua é *veículo de expressão* e comunicação que se adapta e evolui conforme as necessidades e realidades dos seus falantes, refletindo, assim, as nuances e

⁸ Neste trabalho, embora nos utilizemos com alguma frequência das ideias da estudiosa do Discurso Eni Orlandi, não apresentamos uma seção teórica que exponha os conceitos desenvolvidos por ela devido à análise não se centrar nessa perspectiva.

⁹ Ideologia “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas” (Volochínov, 2013, p. 138).

complexidades da sociedade em que está inserida. Ademais, Geraldi (2006) propõe três modos de conceber a linguagem: como *expressão do pensamento*, fundamentada nos estudos tradicionais de língua; como *instrumento de comunicação*, entendida como um código a ser transmitido; e como *forma de interação*, em que a linguagem se torna o espaço das relações sociais. Essas perspectivas ampliam a compreensão da linguagem como um fenômeno multifacetado, cuja análise deve levar em conta não apenas suas estruturas internas, mas também o contexto social e cultural no qual está inserida.

Ademais, incluir gêneros discursivos variados nas aulas de Língua Portuguesa evidencia a dinâmica entre os gêneros, que podem se transformar e coexistir em resposta às mudanças sociais. Nesse sentido, a BNCC reconhece essa urgência e busca integrar tais mudanças por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), alinhando-se às últimas pesquisas e tendências.

Assim, a BNCC estabelece como diretriz que:

[...] o componente língua portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) [...]. O texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (Brasil, 2017, p. 65).

Dessa maneira, a BNCC representa um avanço ao consolidar e expandir as diretrizes estabelecidas pelos PCN. Em contrapartida, as propostas de escolas conectadas, como as de Rojo (2013), atuam de maneira complementar na ampla diversidade de meios e formas de expressão presentes no cotidiano dos alunos. Ao capacitar-los para aplicar de forma eficaz os conhecimentos adquiridos em suas interações, enfatizando a importância da dimensão dialógica da linguagem. Nesse contexto, a interação verbal emerge como um pilar fundamental, permitindo construir e negociar significados, resultando em um ensino-aprendizagem mais contextualizado.

3.2 ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA “SE LIGA NA LÍNGUA” E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

A presente seção aborda os resultados da investigação realizada na coleção de Livros Didáticos Pedagógicos (LDPs) da coleção *Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (2018) – integrada ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2018-2023) e utilizada por professores dos Anos Finais do EF (6º ao 9º anos) nas escolas municipais de Itaguaí-RJ.

O cerne dessa análise focou em investigar se os LDPs tratam os gêneros discursivos dentro de contextos reais de comunicação, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e alinhada às demandas do mundo contemporâneo. Isso pressupõe compreender, durante a interação verbal, questões como: *A quem o texto faz falar? Quais pessoas falam pelo texto? Quem é construído para falar pelo texto? A quem é direcionado o discurso? Qual o propósito da comunicação?* Desse modo, levando o aluno a perceber que a ação discursiva intencional dos sujeitos ocorre em níveis, durante a encenação do ato de linguagem. Para isso, tendo como base a imagem que se tem do interlocutor, o contexto e a intenção do discurso compartilhado,

A investigação teve início com a análise do manual de orientações pedagógicas dos LDPs, em que os organizadores declararam aderir aos princípios da BNCC e dos PCN, salientando uma abordagem educacional holística que valoriza o conhecimento, as habilidades de comunicação, atitudes e valores essenciais à vida cotidiana, à cidadania ativa e ao mundo do trabalho.

Embora contenham essas informações para o leitor, a maioria dos LDPs atribui maior destaque à interpretação de textos e à gramática. Constatando-se, assim, uma lacuna no ensino de Língua Portuguesa, negligenciando práticas de interações verbais em contextos reais de comunicação, tendo em vista que somente o sexto ano possui maior quantidade e, mesmo assim, não ultrapassa 10%. Logo, é essencial incluir atividades nos LDPs que contemplam a variabilidade linguística nos diferentes contextos sociais, reconhecendo que o discurso é moldado pelo ato comunicativo em esferas de atuação.

Nesse sentido, as atividades pedagógicas dos LDPs devem contribuir com práticas de linguagem em seu percurso de uso, em que haja a coparticipação dos alunos na construção de seus discursos, visando compreender os dois níveis do Contrato de Comunicação: o circuito externo, que envolve os indivíduos no mundo real (comunicante e interpretante), e o circuito interno, no plano discursivo (enunciador e destinatário) (Charaudeau, 2008) de modo

que eles percebam que, para a comunicação ser plenamente correspondida, necessita da interação harmoniosa entre dois circuitos, enfatizando, assim, a necessidade de entender e manejar as expectativas e interpretações dos envolvidos.

Se os autores da coleção analisada propusessem atividades para colocar em ação o “esquema ator-ação-meta”, o aprendiz teria mais facilidade para refletir e produzir enunciados, focando não só no que ele gostaria de dizer, mas perceberia como isso afeta a todos os envolvidos, criando um aprendizado mais crítico e reflexivo. Seria como se os alunos participassem de uma aventura de linguagem, “uma expedição de aventura” Charaudeau, 2008), em que eles aprendem e compartilham de modo colaborativo.

No LDP do sexto ano, os autores atribuem foco às ilustrações de cartuns, partindo do pressuposto de que os alunos têm familiaridade com esse tipo de texto. Incluem, também, atividades para elaborar frases em placas, transformar verbetes em podcasts e organizar entrevistas em dupla.

Entretanto, mesmo que a última proposta seja de interlocução, aponta limitações, pois destaca que a atividade deve ocorrer de maneira direcionada e não de forma contínua, uma vez que possui um tempo determinado para sua realização, mencionando que “os falantes precisam construir suas falas *rapidamente*”. Isso pode impactar o aluno na elaboração de enunciados com determinada *força argumentativa*, pois ao participar da *atividade languageira* (Charaudeau, 2004), ele poderá se sentir pressionado, considerando o tempo insuficiente para realizá-la.

No exemplar do sétimo ano, a inspiração se volta para a leitura e produção textual sobre o universo dos mangás e animes, porque os autores da coleção julgam ser de ampla preferência dos pré-adolescentes e adolescentes esse estilo de narrativa visual.

No LDP do oitavo ano, o foco recai sobre técnicas de colagem, como cadernos personalizados, adesivos, sobreposições, entre outros. No entanto, seria interessante que os alunos simulassem uma enquete sobre seus interesses pela atividade, permitindo que cada um expressasse sua opinião, por exemplo. Dessa maneira, ampliaria a aprendizagem para além das técnicas de colagem, abrangendo os preceitos da troca linguística “*mise-en-scène*” (Charaudeau, 2008) com princípios de pertinência, influência e regulação na enunciação.

No LDP do nono ano, os autores enfatizam a produção individual, com o foco em Histórias em Quadrinhos (HQ) e charges, deixando de proporcionar um ambiente propício à troca de ideias, discussões e aprimoramento das habilidades argumentativas dos alunos.

Essas atividades poderiam sugerir práticas de interlocução, tomando como referência os gêneros textuais abordados, as narrativas e preferências dos alunos. Isso representaria uma

oportunidade para aprofundar a compreensão das relações entre os participantes, fomentando um maior engajamento no processo de aprendizagem por meio do *jogo da comunicação* (Koch, 2018).

Os autores da coleção, continuam destacando a importância de “Observar o papel dos interlocutores e as normas de interação” e “Refletir sobre a forma ética de utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação para a promoção de um debate respeitos”, e na sequência, afirmam explorar competências específicas de língua portuguesa para o EF, ressaltando a necessidade de “Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e aos gêneros discursivos” (Ormundo; Siniscalchi, 2018a, 2018b, 2018c, 2018d). No entanto, ao analisar as propostas, faltam estratégias que promovam no aluno as habilidades comunicativas presentes na BNCC.

Há também considerações sobre a importância da comunicação em que os interlocutores dependem do contexto, tempo, lugar e interesses em comum para alcançarem sucesso na interação. Contudo, esse direcionamento não se solidifica nas atividades didáticas analisadas. Seria importante que incorporassem essa dimensão contextual, a fim de integrar o aluno em novos contextos de interlocução.

Desse modo, por meio do ato comunicacional, o aluno seria levado a compreender o significado das palavras ao proferi-las, e utilizaria o vasto universo vocabular do outro para enriquecer a consciência e a vida humana (Bakhtin, 2011). Além de valorizar a expressão em situações de intercâmbio, como na oralidade em que o aluno precisa se preocupar em ser compreendido pelo interlocutor, utilizando a palavra com clareza, tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado, conforme preconizado pelas diretrizes educacionais (Brasil, 2017).

4 INTERAÇÃO VERBAL EM *O ALIENISTA*

Este capítulo é destinado à análise comparativa de *O Alienista*¹⁰ em duas modalidades: conto, de Machado de Assis, e história em quadrinhos (doravante HQ), de Franco de Rosa. Essa abordagem se dedica a explorar nuances, diferenças na construção dos discursos e nas complexidades nas relações sociais que permeiam o jogo comunicativo na narrativa.

O conto se destaca pelo uso de linguagem rica e crítica, revelando escolhas linguísticas nos enunciados e na construção das personagens frente às reflexões sociais e científicas de sua época, além de ponderar sobre padrões de sanidade e estruturas de poder sociais do século XIX. A versão em quadros, adiciona um novo elemento de interação por meio de sua linguagem visual, adaptando diálogos e utilizando elementos gráficos para enriquecer a narrativa. Essa comparação do conto e HQ no ensino de Língua Portuguesa incentiva a análise crítica sobre a narrativa permanecer tão relevante em épocas distintas.

A partir dessa leitura investigativa, percebe-se a aplicabilidade da teoria bakhtiniana por meio da natureza dialógica da linguagem e da heteroglossia¹¹, evidenciadas pelo modo como o autor nutre a narrativa com múltiplas vozes, perspectivas das personagens e do texto-leitor, refletindo as visões de mundo que interrogam conceitos de sanidade, ciência, ética e poder.

Ao posicionar estratégicamente o protagonista Dr. Simão Bacamarte, através da utilização da ironia e da crítica social, para transcender a narrativa além da simples história contada, exige-se do interlocutor ações responsivas mais efetivas de leitura, permitindo que o texto machadiano seja analisado com base na perspectiva das ideias de Bakhtin sobre polifonia e intertextualidade.

Nesse contexto de interação, as perspectivas de Koch (2018) sobre o “jogo da comunicação” na inter-relação entre práticas discursivas e influências na construção de significados também se fazem presente em harmonia com o Contrato de Comunicação em que o “esquema ator-ação-meta” vai além da mera intenção do autor e das personagens, destacando a relação e os acordos implícitos entre autor-texto-leitor por meio das perguntas: “Quem o texto faz falar?”, “Quais sujeitos são feitos para falar pelo texto?” ou “Quem é

¹⁰ O alienista era quem se ocupava de estudar, compreender, cuidar e ajudar os pacientes que sofriam de “alienação mental” a superar a doença. O termo nasceu na França revolucionária e sobreviveu até o início do século XX.

¹¹ *Heteroglossia* descreve a coexistência de variedades distintas de um único código linguístico. A palavra é uma tradução do russo *разноречие*, transl. *raznorechiye*, que significa, literalmente, diferentes discursos e relaciona a condição social ao tipo de linguagem.

construído para falar pelo texto?” Isso enfatiza a ideia de que os textos criam os falantes dentro deles? (Charaudeau, 2008).

Nesse sentido, Geraldi (2006) também comunga da ideia de que o leitor é um elemento central na interpretação de textos, atuando de forma ativa e criativa. Assim, concorda com Bakhtin ao reconhecer que entender um texto envolve muito mais do que apenas decodificar palavras, é um processo interativo que leva em conta o contexto e as experiências pessoais do leitor. É essa interação entre leitor, texto e contexto que dá profundidade à narrativa.

Ao mesmo tempo, para Orlandi (2020), as palavras transcendem a condição de meros objetos ou atos, revelando-se como abstrações que ganham forma e se tornam palpáveis por meio da enunciação dentro de contextos particularizados de interação verbal.

Destaca-se ainda a dinamicidade intrínseca da HQ, evidenciando a importância de se interpretar as representações visuais, sendo fundamental reconhecer que a sequência gráfica nem sempre se revela instantaneamente ao leitor. Logo, a interação com o texto multissemiótico¹² promove novas aprendizagens e fomenta a capacidade de decifrar e apreciar as nuances e detalhes nas ilustrações.

Nesse viés, a perspectiva de Cagnin (1975) atribui grande importância à análise das HQ, definindo esse formato quadrinístico como “um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelos desenhos, e a linguagem escrita” (Cagnin, 1975, p. 25).

Paralelamente, ao investigar os elementos que compõem as HQ, Cagnin adota uma abordagem metodológica analítica que separa componentes como, contextos, interpretações visuais, estilos de desenho. Isso enriquece a análise da HQ, proporcionando destaque à estrutura e à linguagem visual.

4.1 O ALIENISTA

A obra *O Alienista*, de Machado de Assis, publicada em 1882, aborda de maneira proeminente temas como sanidade, loucura e dinâmicas sociais. Embora sua extensão possa se equiparar à de uma novela, o texto apresenta, em sua essência, características típicas de um conto.

¹² Textos com muitos elementos, como imagens, ícones e desenhos.

Assim, para os propósitos deste estudo, *O Alienista* será intitulado conto¹³, conforme a própria designação de seu autor ao incluí-lo em uma coletânea. Além disso, como observa Lima (1952, p. 4), “a extensão do texto é um elemento externo e superficial, portanto, não suficiente para classificar tal obra como novela¹⁴”.

Com base nesses parâmetros, entende-se por que Machado caracterizou *O Alienista* de conto, já que a obra é relativamente curta e se concentra em uma única história: a do Dr. Simão Bacamarte e seus estudos em psiquiatria.

Nesse ensejo, o protagonista Simão Bacamarte desempenha um papel irônico e risível de destaque, especialmente por meio de suas investigações e experimentos psicológicos na cidade. Ao se colocar como um estudioso e autoridade em questões mentais, o médico acaba por se tornar uma figura caricata, cujas ações provocam tanto simpatia quanto estranheza ao leitor.

O enredo apresenta reflexões sobre sanidade, loucura e autoridade científica por meio das ações de Bacamarte, que questiona as fronteiras do conhecimento, expondo dilemas éticos e morais das instituições de poder. A obra, rica em personagens complexos, é dialogante e convida o leitor a refletir sobre o comportamento ambíguo e sua influência no controle social que ecoa pelas esferas da política, psicologia, religião, filosofia, ética e social, entre outras.

4.1.1 Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis¹⁵ é reconhecido como um dos maiores expoentes da literatura nacional. Com uma extensa produção literária que engloba contos, romances, crônicas¹⁶ e poesias, destaca-se pela habilidade ímpar na elaboração de narrativas complexas e profundas, que sondam a humanidade.

Por isso, *O Alienista* é reconhecido por sua escrita perspicaz, repleta de ironia, crítica social e observações agudas sobre a sociedade de seu tempo.

De origem humilde, conquistou reconhecimento como um dos principais expoentes da literatura brasileira. Além de *O Alienista*, é autor de outras obras icônicas como *Dom*

¹³ O conto faz valer todas as possibilidades da ficção, ficando sempre na fronteira que separa o narrativo do lírico, o diegético do dramático. (Bosi, 2006, p. 7).

¹⁴ Soares (2007, p. 54), define que na novela “[...] constrói-se um enredo unilinear, faz-se predominar a ação sobre as análises e as descrições e são selecionados os momentos de crise, aqueles que impulsionam rapidamente a diegese para o final”.

¹⁵ Um dos fundadores e ocupante da cadeira vinte e três da Academia Brasileira de Letras, sendo também seu primeiro presidente e patrono, nasceu em 1839, no Rio de Janeiro. (Academia Brasileira de Letras, [2024]).

¹⁶ Gênero textual que registra e relata pequenos acontecimentos da vida cotidiana, em conjunto a uma interpretação pessoal do autor, que pode ser reflexiva e/ou crítica.

Casmurro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e muitas outras.

Ademais, é conhecido por uma característica marcante em sua escrita: escrever pouco e dizer muito, pois Machado se destaca pela concisão e densidade de significados. Cada palavra e frase em suas obras são cuidadosamente selecionadas, resultando em narrativas poderosas e repletas de camadas de interpretação, desafiando o leitor a refletir e se envolver intensamente com os temas abordados.

4.1.2 Estrutura e Conteúdo

O conto *O Alienista* explora a ambiguidade do termo "alienista", que se refere tanto ao médico psiquiatra Dr. Simão Bacamarte quanto à ironia de se tornar alienado à realidade pela busca obsessiva da razão científica.

Essa dupla interpretação fortalece a reflexão sobre sanidade, loucura e poder. Ambientada na fictícia Itaguaí, a narrativa detalha a vida e a Casa Verde, símbolo dos questionamentos éticos de Bacamarte, inserindo o leitor em um universo complexo que desafia a percepção da realidade e dos padrões sociais. A obra mescla tempo, espaço e personagens ricos, evocando emoções e reflexões profundadas, que são realçados em edições com capas enigmáticas que estimulam ainda mais a análise da trama.

4.1.2.1 *O Alienista*: nuances e complexidades

Imagen 1 - Capas de *O Alienista*



Fonte: Google Imagens (2024).

Ao observar e refletir sobre as diversas capas de *O Alienista*, percebe-se como os elementos visuais influenciam a percepção que o leitor terá sobre a narrativa, funcionando como um convite para suas análises e reflexões futuras. Essa visão reforça a tese de que um texto é sempre heterogêneo. Desse modo, cada ilustração pode enfatizar aspectos distintos: a

caricatura transmite um ar inquiridor; a imagem de Machado de Assis sugere uma narrativa complexa; e os cenários direcionam a atenção ao ambiente da história, evocando o contexto histórico e sugerindo descrições detalhadas da trama.

Nesse sentido, Charaudeau, (2008, p. 109) esclarece que um texto nunca é simples ou uniforme; ele é sempre heterogêneo, composto por diversas partes que se inter-relacionam de maneiras complexas. Isso é retratado em *O Alienista*, em que as críticas sociais implícitas baseadas na ciência, na loucura e na ironia permeia o texto. Cada um desses componentes interage de modo a criar uma narrativa ficcional rica e multifacetada na vila de Itaguaí.

As personagens principais:

A Cidade de Itaguaí: ao longo do conto, ela demonstra ter uma identidade própria, refletindo características, valores e preconceitos típicos da sociedade brasileira do século XIX.

A Casa Verde: é descrita com detalhes vívidos por Machado, conferindo-lhe uma atmosfera própria e uma personalidade marcante. Seus corredores sombrios, suas paredes desgastadas e sua atmosfera misteriosa contribuem para criar uma sensação de tensão e intriga ao longo da narrativa, tornando-a mais do que apenas um cenário físico.

Dr. Simão Bacamarte: personagem principal considerado um protótipo da racionalidade científica, buscando através de sua atuação na Casa Verde, estudar e distinguir a sanidade da loucura. Como protagonista, revela sua busca pelo conhecimento e controle sobre a mente, perpassando pelas fragilidades e limitações humanas. À medida que a história se desenrola, ele se torna vítima de suas próprias ações, gerando dilemas éticos e questionamentos sobre os limites da ciência e da razão.

Dona Evarista: representa a esposa dedicada e apoiadora do marido Simão Bacamarte. Ela é uma figura que possui suas próprias motivações, questionamentos e influências nas dinâmicas da história. A presença de Dona Evarista na história é marcante, influente e destaca a importância das relações interpessoais e dos jogos comunicativos seja como mediadora nas relações familiares, seja como agente de conexão entre Bacamarte e os demais habitantes de Itaguaí. Sua atuação como personagem feminina inserida em um contexto dominado por questões científicas e sociais aguça a reflexão sobre os papéis de gênero, as dinâmicas familiares e as influências mútuas entre os indivíduos no desenrolar dos eventos.

Padre Lopes: vigário da vila de Itaguaí que contribui para a complexidade do jogo comunicativo e das interações entre as personagens, pois representa a autoridade religiosa. Desse modo, suas ações e decisões refletem seus valores religiosos e a relação com os demais habitantes de Itaguaí, especialmente com o Dr. Simão Bacamarte.

Crispim Soares: boticário de Itaguaí que representa a classe média da época, com ambições, questionamentos e influências nas dinâmicas sociais da vila. Suas ações e motivações são guiadas por seus interesses pessoais e pela relação que estabelece com os demais habitantes de Itaguaí, incluindo o Dr. Simão Bacamarte e a população da vila.

Porfírio: barbeiro e observador atento da vida cotidiana em Itaguaí. Sua natureza comunicativa e posição privilegiada o colocam em contato direto com uma clientela diversificada, possibilitando-lhe absorver e transmitir informações importantes aos eventos em Itaguaí.

No capítulo introdutório, o narrador conduz o leitor a adentrar na narrativa ficcional, fornecendo-lhe uma base detalhada do cenário histórico e social da longínqua vila de Itaguaí. A estratégia de distanciamento temporal em (“As crônicas dizem”) e a dependência em fontes históricas enriquecem a trama com elementos de veracidade e ironia, permitindo explorar as complexidades das personagens e do enredo, desde o primeiro capítulo:

Quadro 2 - Início do Capítulo I – De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates

CAPÍTULO I - DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

- A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, - únicas dignas da preocupação de um sábio, (...)

Fonte: Assis (2000, p. 1-2.)

No diálogo a seguir, retirado do trecho acima, entre as personagens Simão Bacamarte e Crispim Soares, há uma interação discursiva assimétrica, principalmente pela posição de destaque e influência do médico ao pensar que a ciência pode se cobrir de “louros imarcescíveis”¹⁷ por ele estar na profissão de Alienista.

- A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.
- Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais (Assis, 2000, p. 1).

¹⁷ Qualificação egocêntrica no convívio social. Fama.

Com base na teoria bakhtiniana, observa-se que o diálogo entre as personagens não evidencia uma simples troca de falas, mas um encontro de diversas vozes sociais constituídas pela autoridade científica de Simão Bacamarte, que se contrapõe à visão mais popular e intuitiva de Crispim Soares, realçando a polifonia discursiva: diferentes perspectivas e vozes se entrelaçam, mostrando a riqueza e complexidade do diálogo humano.

Analizando sob a perspectiva de Charaudeau, percebe-se a negociação de poder, em que Crispim, apesar de socialmente menos prestigiado, desafia sutilmente o status e as certezas de Bacamarte. Percebe-se, no enunciado de Crispim, que nem sempre o que expressa dá conta de tudo o que se quer dizer, e quem ouve pode entender a mensagem de maneira diferente, baseando-se em suas próprias experiências e conhecimentos.

Pela ótica de Koch sobre coesão e coerência, a sutil discordância de Crispim revela como os participantes do diálogo usam estratégias discursivas para manter a conexão no diálogo, embora introduzindo novas camadas de interpretação. Isso enfatiza a importância da coesão para a construção conjunta de sentido. Enquanto, pela vertente da Análise do Discurso, percebe-se indícios de ideologia e poder que circulam a sociedade, com a resistência de Crispim funcionando como um ato simbólico de questionamento à autoridade científica de Bacamarte.

Quadro 3 - Início do Capítulo II – Torrentes de loucos

CAPÍTULO II - TORRENTES DE LOUCOS

Três dias depois, numa expansão íntima com o boticário Crispim Soares, desvendou o alienista o mistério do seu coração.

– A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: "Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada". O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

– Um excelente serviço, corrigiu o boticário.

– Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.(...)

– Muito maior, acrescentou o outro. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 3-4).

Ao analisar o diálogo entre o alienista e o boticário, desvenda-se a complexidade e a riqueza desse intercâmbio comunicativo que comunga com a teoria bakhtiniana em que as vozes das personagens, embora distintas, entrelaçam-se harmoniosamente, havendo um reconhecimento e uma valorização mútua das contribuições no avanço dos estudos da loucura, exemplificando a ideia de que todos os discursos estão interconectados e que o diálogo é constitutivo da realidade humana.

Pela visão de Charaudeau, esse diálogo seria visto como um projeto eficaz, em que ambas as partes concordam com o propósito e valor do projeto de Bacamarte, demonstrando uma comunicação pragmática e bem ajustada. A falta de uma hierarquia dominante permite um espaço equitativo para a troca de ideias.

Enquanto Koch contribui com a análise da coesão e coerência textual no diálogo, em que cada afirmação se constrói sobre a anterior, refletindo o fluxo lógico e progressivo na coconstrução e engajamento de ideias entre as personagens.

Sob a perspectiva de Geraldi, percebe-se a interação verbal como um meio pelo qual os sujeitos são constituídos e os significados são negociados. Nesse diálogo, Bacamarte e Crispim constroem suas identidades - como cientista dedicado e apoiador da ciência, respectivamente, enfatizando a importância da interação verbal na construção do “self” e da comunidade científica.

Paralelamente, aplica-se a Análise do Discurso, de Orlandi, para entender como as posições sociais das personagens e o contexto sócio-histórico influenciam o diálogo apoiado no consentimento mútuo como reflexo das normas sociais da época e do lugar socialmente construído que a ciência ocupava naquela sociedade.

Há também o diálogo entre Padre Lopes e Simão Bacamarte que aborda diferentes tipos de discurso, refletindo as esferas de poder, ideologia e religião:

Quadro 4 - Trecho do Capítulo II – Torrentes de loucos

E tinha razão. De todas as vilas e arraiaias vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O Padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antiteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. O vigário não queria acabar de crer. Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

- Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

- Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

- Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir (...)

Fonte: Assis (2000, p. 4).

Nessa interação entre Padre Lopes e Simão Bacamarte, a teoria bakhtiniana está refletida na colisão dos discursos científico e religioso para ilustrar a coexistência de múltiplas vozes e perspectivas, destacando a natureza intrinsecamente polifônica da linguagem e da sociedade, realçando a relevância dessa heteroglossia para a dinâmica narrativa e a evolução

das personagens.

Sob a perspectiva de Charaudeau, infere-se diferentes contratos de comunicação, com cada interlocutor representando papéis sociais distintos que se baseiam em fundações ideológicas contrastantes. O diálogo expõe como o discurso científico e o religioso tentam, cada um a seu modo, reafirmar sua legitimidade e influenciar o entendimento comunal sobre a loucura, salientando o papel dos discursos na construção das relações de poder.

Apoiados em Koch, verifica-se que o foco está na coesão e coerência dos discursos apresentados, visto que Bacamarte e Padre Lopes usam a linguagem para estruturar suas argumentações de forma lógica e coesa, apesar da divergência de seus pontos de vista. Revelando a habilidade das personagens em manter a coesão de seus discursos, mesmo quando confrontados por perspectivas opostas, enfatiza o papel da linguagem na organização do discurso e na argumentação.

Sob a concepção de Orlandi, o discurso entre Padre Lopes e Simão Bacamarte pode ser percebido como um espaço de luta interdiscursiva, destacando como os discursos científico e religioso se entrelaçam com as práticas sociais e as ideologias. Isso incluiria a maneira como esses discursos refletem e são moldados pelas estruturas de poder existentes, e como eles contribuem para a construção social da loucura. Assim, a interação entre Padre Lopes e Simão Bacamarte serve como um microcosmo das tensões e interações mais amplas entre ciência, religião e sociedade.

Ainda no segundo capítulo, o trecho:

Quadro 5 - Trecho do Capítulo II – Torrentes de loucos

O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.

A mania das grandeszas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

- Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

- Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus (...)

Fonte: Assis (2000, p. 5).

Essa passagem realça o estudo do comportamento humano na obra, mostrando como

ciúme, vingança e crenças religiosas moldam diferentes delírios e manias. Personagens como o pobre-diabo e o boiadeiro exemplificam a loucura provocada por emoções fortes, enquanto casos como João de Deus e Garcia destacam o papel da fé na formação de identidades delirantes, explorando a complexidade da mente humana.

Quadro 6 - Início do Capítulo III – Deus sabe o que faz!

CAPÍTULO III - DEUS SABE O QUE FAZ!

Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

- Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, - os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, - negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. Talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do Cântico:

- Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

D. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nuncas vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pálida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguaí. Ver o Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do hebreu cativo. Agora, principalmente, que o marido assentara de vez naquela povoação interior, agora é que ela perdera as últimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que ele a convidava a realizar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde dissimular o gosto de semelhante proposta. Simão Bacamarte pagou-lhe na mão e sorriu, - um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento:

- "Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se". E porque era homem estudioso tomou nota da observação.

Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.(...)

Fonte: Assis (2000, p. 6-7).

Essa dialogicidade entre D. Evarista e Simão Bacamarte é marcada por sutilezas comunicativas e emoções veladas, apresentando uma dinâmica intricada das relações humanas. Ao encenarem as múltiplas vozes e perspectivas sociais no jogo da comunicação, foca na complexidade do “contrato de comunicação, que subjaz às interações do casal, em que a esposa tenta negociar seu espaço afetivo em um cenário dominado pelo descaso emocional do marido.

Ao mesmo tempo, pode-se examinar a relação pela ótica do interdiscurso, apresentada por Orlandi, presentes nos discursos sobre casamento, ciência e fé, que se entrelaçam e refletem as ideologias dominantes e a observação de D. Evarista de que “Deus sabe o que faz” pode ser percebida como um elemento que dialoga com noções de destino, liberdade e a influência da ideologia nas percepções individuais e coletivas.

Quadro 7 - Início do Capítulo IV – Uma teoria nova

CAPÍTULO IV - UMA TEORIA NOVA

Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o 1 [Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã,—eram passadas três semanas,—estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

—Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.

Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma notícia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas; Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez:—"Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda, aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Dizes amém a tudo, não é? aí tens o lucro, biltre!"—E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspeção até o pescoço.

—Estou muito contente, disse ele.

—Notícias do nosso povo? perguntou o boticário com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

—Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 8).

Nesse diálogo, a admiração e o respeito de Crispim funcionam como formas de validar o caráter carnavalesco das teorias de Bacamarte, que subvertem as noções estabelecidas de sanidade e loucura.

A proposta radical de Bacamarte de que a loucura é um “vasto continente” dialoga com a ideia bakhtiniana de que o mundo está em constante processo de renovação e reconsideração. Enquanto, por meio das concepções de Charaudeau, destaca-se como o contrato de comunicação entre Bacamarte e Crispim é marcado por uma inequidade

intrínseca, refletindo uma dinâmica social em que o poder da palavra está alinhado à autoridade científica. A eficácia da persuasão de Bacamarte se assenta na aceitação sem questionamento de Crispim, evidenciando como as relações de poder influenciam o discurso e a receptividade das ideias.

No capítulo a seguir, a dinâmica ocorre no diálogo entre Simão Bacamarte e os habitantes de Itaguaí — com sua mistura de comiseração, sarcasmo, e autoridade científica — ilustra o conceito de dialogismo sob a perspectiva de Bakhtiniana, em que cada discurso carrega múltiplas camadas de significados.

Quadro 8 - Início do Capítulo V – O terror¹⁸

CAPÍTULO V - O TERROR

Quatro dias depois, a população de Itaguaí ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

- Impossível!

- Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã.

- Mas, na verdade, ele não merecia... Ainda em cima! depois de tanto que ele fez...

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Se a miséria viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar; ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Ao cabo daqueles cinco anos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que ele assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas. E o Costa sempre lzano, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos corteses eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto; ao contrário, parece que os agasalhava com maior prazer, e mais sublime resignação. Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e ele se risse dela, observou um desafeiçoad, com certa perfídia: - "Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga". [...]

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, - ou quase toda -, que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebê-la, com o boticário, o Padre Lopes os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos, D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos e o préstimo (...)

Fonte: Assis (2000, p. 10-14).

¹⁸ Este título faz alusão aos períodos de extremismo durante a Revolução Francesa, especificamente ao Reinado do Terror, liderado por Robespierre, em que milhares de pessoas foram acusadas de traição e executadas. A comparação de Simão Bacamarte com os fanáticos políticos da época é uma crítica à perseguição irracional e à tirania, mostrando como a ciência e a política podem ser deturpadas para justificar atos autoritários e repressivos.

Nesse trecho, a habilidade do alienista em manipular o discurso revela a importância da situação comunicativa e do papel do locutor e do interlocutor na construção de sentidos, levando a considerar como a estratégia comunicativa de Bacamarte, modulada entre a seriedade e o humor, simplifica a complexidade das interações humanas e sociais dentro da narrativa e dos postulados do contrato de comunicação de Charaudeau (2008).

Sobre a interatividade no processo de compreensão textual, apoia-se em Koch para perceber como a ironia e o contraste entre o comportamento de Bacamarte e as expectativas dos habitantes de Itaguaí demandam do leitor engajamento ativo e conhecimento para captar a complexidade interdiscursiva. Busca-se em Orlandi (2020) recursos para analisar que a observação de Bacamarte sobre “lesão cerebral” como um “fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo” reflete tensões entre discurso científico e práticas sociais, mostrando como poder e autoridade moldam a realidade percebida no discurso.

Quadro 9 - Início do Capítulo VI – A rebelião

CAPÍTULO VI - A REBELIÃO

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara.

A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

- Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um despota; que muitas pessoas estimáveis, e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos, ou supostos tais, não eram tratados de graça: as famílias, e em falta delas a Câmara, pagavam ao alienista...

- É falso! interrompeu o presidente.

- Falso?

- Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela Câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio à ciência o instigava; e para demonstrar o erro era preciso alguma coisa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a Câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público e não restituíria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde - "essa Bastilha da razão humana", - expressão que ouvira a um poeta local e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e a um sinal todos saíram com ele. (,,)

Fonte: Assis (2000, p. 17-18).

Nesse capítulo, a trajetória desencadeada pelas decisões controversas de Bacamarte e a revolta que eclode entre moradores frente à Casa Verde refletem a teoria Bakhtiniana sobre

heteroglossia e dialogismo. Nesse embate, as vozes dialogam e conflitam construindo um lugar de ancoragem social, em que os elementos são moldados e orientados pela natureza discursiva. (Charaudeau, 2004).

Por meio da ótica de Charaudeau, a resistência dos cidadãos e os discursos políticos em torno da Casa Verde ressaltam as estratégias comunicativas empregadas. O ato de solicitar a desocupação da Casa Verde à Câmara gera o discurso inflamado do barbeiro e os argumentos científicos de Bacamarte, ilustrando como o poder se articula por meio dos discursos, com cada parte procurando persuadir e mobilizar apoio para suas respectivas causas.

Quadro 10 - Início do Capítulo VII – O inesperado

CAPÍTULO VII - O INESPERADO

Chegados os dragões em frente aos Canjicas houve um instante de estupefação: os Canjicas não queriam crer que a força pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro compreendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse; mas, conquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos alevantados:

—Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí. Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou bufando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente quando um terço dos dragões,—qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram,—passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desanimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e um a um foram passando para eles, de modo que, ao cabo de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado com alguma gente contra uma massa compacta que o ameaçava de morre. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro. A revolução triunfante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos às casas próximas e guiou para a Câmara Povo e tropa fraternizavam, davam vivas a el-rei, ao vice-rei, a Itaguaí, ao "ilustre Porfírio". Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória cingia-lhe a fronte de um nimbo misterioso. A dignidade de governo começava a eurjar-lhe os quadris. Os vereadores, às janelas, vendo a multidão e a tropa, cuidaram que a tropa capturara a multidão, e sem mais exame, entraram e votaram uma petição ao vice-rei para que mandasse dar um mês de soldo aos dragões, "cujo denodo salvou Itaguaí do abismo a que o tinha lançado uma cálila de rebeldes". Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas. Mas bem depressa a ilusão se desfez. Os vivas ao barbeiro, os morras aos vereadores e ao alienista vieram dar-lhes notícia da triste realidade. O presidente não desanimou:—Qualquer que seja a nossa sorte, disse ele, lembremo-nos que estamos ao serviço de Sua Majestade e do povo.—Sebastião insinuou que melhor se poderia servir à coroa e à vila saindo pelos fundos e indo conferenciar com o juiz de fora, mas toda a Câmara rejeitou esse alvitre. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 21).

Esse cenário apresenta a virada inesperada por parte dos dragões que se aliam aos

Canjicas, exemplificando metaoricamente a carnavalescação das relações sociais, em que as hierarquias tradicionais são temporariamente invertidas. O discurso de Porfírio pode ser visto como um ato de autoridade que desloca as vozes dominantes, introduzindo novos significados e direcionamentos à comunidade de Itaguaí.

Nesse contexto, a comunicação visa lograr êxito por meio da construção de discursos para persuadir e influenciar. No caso do discurso de Porfírio, a escolha de palavras como “honra”, “crédito”, e “direitos” pode ser entendida como uma tática comunicativa para legitimar sua posição e mobilizar apoio. Essa abordagem utiliza a “patêmica”¹⁹ (emoção) e a “ética” (valores) para moldar a percepção do público e engajar a multidão.

Em outras palavras, a enunciação se apresenta como elocutiva²⁰ – o ato enunciativo envolve o locutor e o modo como ele expõe seu ponto de vista sobre o que enuncia –, e alocutiva²¹ – o ato enunciativo implica o interlocutor e a maneira como o locutor inflige um comportamento a ele (Charaudeau, 2008).

Sob o viés da intertextualidade²² e a coconstrução de significados, o diálogo entre Porfírio e o capitão, e a subsequente adesão de parte dos dragões aos Canjicas, ilustra como os significados são negociados e reinterpretados em contextos sociais. A ascensão de Porfírio e a sua estratégia discursiva empregam elementos de outros discursos (políticos, morais etc.) para reconfigurar a situação política de Itaguaí (Koch, 2018).

Debruça-se também sobre a perspectiva de Geraldi (2006) para ressaltar o papel do leitor/ouvinte na construção de significados, opondo-se à ideia de que o significado está apenas no texto. Visto que a eficácia do discurso de Porfírio se deve à sua habilidade retórica e à forma como os ouvintes (os Canjicas, os dragões, os cidadãos de Itaguaí) reinterpretam e dão novo sentido à sua fala, influenciando o desenlace dos eventos.

Além disso, a interação verbal entre as personagens é moldada por discursos, como na fala do Barbeiro: —*Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí.*” (Assis, 2000, p. 21). Assim, a situação em Itaguaí e o discurso do barbeiro são vistos como ponto de intersecção de discursos históricos, sociais e políticos, em que antigos poderes são contestados e novas estruturas de poder são estabelecidas durante a

¹⁹ A palavra 'Patêmica' deriva de 'pathos', um termo criado por Aristóteles que está relacionado às emoções que são evocadas no público.

²⁰ O termo elocutivo se refere à forma como o Eu expressa a mensagem, incluindo escolha de palavras, tom de voz e estrutura das frases.

²¹ Alocutiva se refere ao TU — interlocutor inscrito no enunciado. (Charaudeau, 2008).

²² Intertextualidade, nos termos de Julia Kristeva, é a ideia de que todo texto é construído a partir de fragmentos de outros textos.

narrativa (Orlandi, 2020).

Quadro 11 - Início do Capítulo VIII - As angústias do boticário

CAPÍTULO VIII - AS ANGÚSTIAS DO BOTICÁRIO

Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo, - foi a denominação dada à casa da Câmara, - com dois ajudantes-de-ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista. - "Vai prendê-lo", pensou ele. E redobraram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: - a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. "Fê-lo Catão, é verdade, sed victa Catoni," pensava ele, relembrando algumas palestras habituais do Padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, ele era a própria causa vencida, a causa da república; o seu ato, portanto, foi de egoísta, de um miserável egoísta; minha situação é outra insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente e meteu-se na cama.

- Lá vai o Porfírio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

- "Vai prendê-lo", pensou o boticário.

Uma idéia traz outra; o boticário imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo a ele, na qualidade de cúmplice. Esta idéia foi o melhor dos vesicatórios. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair; e apesar de todos os esforços e protestos da consorte vestiu-se e saiu. Os velhos cronistas são unâimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão; porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista. Ali chegando, mostrou-se admirado de não ver o barbeiro, a quem ia apresentar os seus protestos de adesão, não o tendo feito desde a véspera por enfermo. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 23-24).

Nesse capítulo, a indecisão de Crispim Soares e o debate interno de Simão Bacamarte podem ser analisados sob diversas perspectivas teóricas, iluminando aspectos diferentes de seus dilemas morais e psicológicos, em que diferentes vozes sociais (o médico e o barbeiro) representam discursos em conflito, cada um lutando para dominar o outro. Isso exemplifica a complexidade das relações sociais e a pluralidade de discursos que compõem a identidade do indivíduo, mostrando como vozes do passado dialogam com o presente e influenciam as ações e a moralidade do sujeito. (Bakhtin, 2011).

Nos próximos capítulos, a centralidade da narrativa se mantém em torno do Dr. Simão Bacamarte, a peculiar Casa Verde e o embate de ideias e valores entre personagens como o

barbeiro Porfírio e Bacamarte, bem como as reflexões sobre a loucura, a razão e as implicações sociais dessa busca, dialogam estreitamente, ilustra mais um exemplo de jogo comunicativo nas esferas de poder.

Quadro 12 - Início do Capítulo IX – Dois lindos casos

CAPÍTULO IX - DOIS LINDOS CASOS

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir; e, portanto, estava prestes a obedecer. Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.

- Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas... Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da Câmara dissolvida. Há, entretanto, - por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público.

O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra coisa, o arrasamento do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos...

- O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não atender à grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade que lhe dá em tal caso legítima indignação, pode exigir do governo certa ordem de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os deve praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. A generosa revolução que ontem derrubou uma Câmara vilipendiada e corrupta, pediu em altos brados o arrasamento da Casa Verde; mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria de ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados e bem assim os maníacos de pouca monta, etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade.(...)

Fonte: Assis (2000, p. 24-25).

Quadro 13 - Início do Capítulo X – A restauração

CAPÍTULO X - A RESTAURAÇÃO

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinqüenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava "vendido ao ouro de Simão Bacamarte", frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio! ignominiosamente e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma Câmara corrupta, falou este de "um intruso eivado das más doutrinas francesas e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade", etc.

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio e bem assim a de uns cinqüenta e tantos indivíduos, que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião.

Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 26).

Quadro 14 - Início do Capítulo XI – O assombro de Itaguaí

CAPÍTULO XI - O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

- Todos?

- Todos.

- É impossível; alguns sim, mas todos...

- Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara

De fato, o alienista oficiara à Câmara expondo: - 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levara-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6º, que restituía à Câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 28-29).

Nesse capítulo, é anunciada a libertação dos pacientes da Casa Verde, momento multifacetado pelo diálogo entre narrador e leitor, transcendendo as páginas da obra ao permitir a interação de múltiplas vozes. (Bakhtin, 2011).

As estratégias discursivas empregadas pelo narrador para capturar a atenção do leitor apontam para a utilização consciente de táticas comunicativas que visam incitar emoção e engajamento, tratando o leitor como participante ativo no desdobrar da trama (Charaudeau, 2008).

Concomitantemente, percebe-se o papel da intertextualidade conectada pela decisão de Simão Bacamarte e a surpresa da população com discursos mais amplos sobre normalidade, loucura e autoridade, enfatizando como a narrativa dialoga com conceitos médicos, legais, e filosóficos, estimulando uma reflexão crítica sobre essas noções. (Koch, 2018).

Em consonância, a reação da vila e a justificativa de Bacamarte para sua decisão radical são permeados por interdiscursos, demonstrando como o evento desafia e reflete discursos sociais e científicos mais amplos, realçando as flutuações de poder e conhecimento dentro da narrativa e na sociedade de modo mais amplo (Orlandi, 2020).

Ademais, percebe-se a capacidade do narrador de utilizar a linguagem não apenas para narrar eventos, mas para criar um espaço de interação, reflexão e construção conjunta de significados, sublinhando o poder da linguagem de mediar a realidade e as relações humanas (Geraldi, 2006).

Quadro 15 - Início do Capítulo XII – O final do § 4º

CAPÍTULO XII - O FINAL DO § 4º.

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Câmara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o próprio presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus lugares. O barbeiro Porfírio, ensinado pelos acontecimentos, tendo "provado tudo", como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder; foi, é certo, processado; mas a população da vila implorou a clemência de Sua Majestade; daí o perdão. João Pina foi absolvido, atendendo-se a que ele derrocara um rebelde. Os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso adágio: - ladrão que furtar ladrão tem cem anos de perdão; - adágio imoral, é verdade, mas grandemente útil.

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; acrescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera idéia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes.

Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução e apreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

- É um grande homem, disse ele à mulher, referindo aquela circunstância.

Não é preciso falar do albardeiro, do Costa, do Coelho, do Martim Brito e outros, especialmente nomeados neste escrito; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martim Brito, recluso por um discurso em que louvara enfaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do insigne médico - "cujo altíssimo gênio, elevando as asas muito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra".

- Agradeço as suas palavras, retorquiu-lhe o alienista, e ainda me não arrependo de o haver restituído à liberdade. (...)

Fonte: Assis (2000, p. 29-32).

Com a aparente restauração da ordem em Itaguaí, após a tumultuada intervenção de Simão Bacamarte, capturada na descrição de que “Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Câmara exercia outra vez o governo sem nenhuma pressão externa”, sugere uma reflexão profunda sobre a efemeridade do poder e a elasticidade das estruturas sociais.

Essa narrativa marcada pelo retorno à “normalidade” em Itaguaí ilustra o ciclo de carnavalização, sugerindo a renovação contínua da vida em sociedade, destacando as estratégias discursivas empregadas para envolver e orientar o leitor a questionar e reconsiderar as relações de poder e reconhecimento social (Bakhtin, 2011).

Esse contexto evidencia a função ativa da linguagem na constituição da realidade social retratada na obra, evidenciando como o discurso do narrador comunica a história e modela percepções e negociações da ordem social, realçando o poder da linguagem de mediar e moldar o consenso e as transformações sociais (Geraldi, 2006).

É nítido como a narrativa considera a complexidade do interdiscurso, em que as reações da comunidade, as justificativas para ações drásticas e o regresso à estabilidade são entendidas dentro de um tecido discursivo que reflete e remodela contínuos discursos sobre

loucura, governança e o que constitui a “normalidade”. A restituição da ordem e as respostas das personagens ilustram a natureza cíclica dos eventos históricos e a incessante dinâmica das relações de poder. (Orlandi, 2020).

Quadro 16 - Início do Capítulo XIII – Plus ultra!

CAPÍTULO XIII - PLUS ULTRA!

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista faz curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí. Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. [...]

—Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio. [...] —Realmente, é admirável! Dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e enfunada dos dois ex-dementes. Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir. No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! [...]

Nas explosões da cólera escaparam-lhe expressões soltas e vagas, como estas: —Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de ungüentos falsificados e podres... Ah! tratante!... Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras, bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava enfim restituída ao perfeito desequilíbrio das faculdades; e prontamente lhe deu alta. Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conhecéis o nosso homem. Plus ultra! era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí. o reinado da razão.

Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria. —Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade. Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. (...)¹

Fonte: Assis (2000, p. 43-34).

No último capítulo, Simão Bacamarte explora avidamente os limites do conhecimento sobre a mente humana, representando essa tenacidade por meio da metáfora (simbolicamente expressa) “*Plus ultra!*”. O protagonista projeta o desejo de avançar e inovar no tratamento da doença mental, almejando romper com a psiquiatria tradicional.

Nesse contexto, ao tecer os diálogos para nutrir a trama, Machado de Assis revela o poder, a identidade e as dinâmicas sociais em jogo. Essa manipulação discursiva e a intencionalidade permitem usar a linguagem machadiana para além da narrativa, coloca-a como objeto de estudo da perspectiva interacional aqui adotada. Assim, Bacamarte e *O Alienista* tornam-se símbolos da intersecção entre ciência, sociedade e moralidade, destacando a genialidade de seu ilustre escritor.

4.2 O ALIENISTA EM HQ

A adaptação de *O Alienista* em HQ, por Franco de Rosa, destaca-se pela sua fidedignidade ao conto original de Machado de Assis. Assim, ao unir o texto em prosa com a

inovação imagética dos quadrinhos, o artista demonstra sua criatividade e sensibilidade, proporcionando uma experiência estética e intelectualmente estimulante para o leitor. Essa combinação permite que sejam exploradas novas camadas de significado e interpretação da obra, enriquecendo a leitura.

Segundo Cagnin (1975, p. 45), “a adaptação de uma obra literária para os quadrinhos requer sensibilidade artística e respeito pela obra original, mantendo a essência do texto enquanto se explora o potencial visual da narrativa gráfica”. Franco de Rosa retrata essa técnica, ao mesmo tempo em que adiciona sua própria interpretação visual à narrativa, contribuindo com enquadramentos, núcleos e estilos artísticos que ampliam o impacto da história.

Assim, ao equilibrar a tradição literária com a inovação visual dos quadrinhos, a adaptação feita por Franco de Rosa se torna uma contribuição valiosa para o universo das HQ e da literatura brasileira, revitalizando e tornando acessível um clássico para novas gerações de leitores. Para essa adaptação do conto à HQ, foram utilizados diferentes planos para compor a construção. Conforme Cagnin (1975), o plano geral, por exemplo, é utilizado para oferecer uma visão panorâmica da cena, situando as personagens no ambiente e estabelecendo a ambientação da história.

O plano médio, no entanto, foca mais de perto nas personagens e em suas ações, permitindo uma visualização mais realista das expressões, gestos e interações. Por sua vez, o primeiro plano destaca elementos específicos da cena, como rostos de personagens ou objetos importantes, criando impacto visual e direcionando a atenção do leitor para pontos indispensáveis da narrativa.

Assim, por meio da combinação e da alternância desses planos, a HQ de Franco de Rosa ganha profundidade, expressividade e efeitos enigmáticos, cativando o leitor e enriquecendo a narrativa de forma inovadora.

4.2.1 Franco de Rosa

Francisco Paulo Amaral de Rosa, mais conhecido como Franco de Rosa, nasceu em Água Rasa, São Paulo, em 2 de janeiro de 1956, é um jornalista, editor e quadrinista brasileiro. Desde os primeiros anos de sua vida, demonstrou admiração pela arte sequencial, manifestada em seu trabalho no jornal do grêmio estudantil onde se destacava pelos desenhos e pela parte gráfica. Sua habilidade e dedicação logo o levaram a novos horizontes criativos; aos quinze anos, em parceria com um amigo, lançou o FRAMA, um fanzine que rapidamente

conquistou reconhecimento e admiradores.

Para além de suas realizações como artista, Franco de Rosa desempenhou um papel relevante no cenário dos quadrinhos brasileiros ao ser um dos fundadores da Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC - ESP). Ao lado de nomes como Gualberto Costa, Jal e Worney Almeida de Souza, contribuiu significativamente para o fortalecimento e a valorização da indústria de quadrinhos no país, promovendo encontros, eventos e projetos que ampliaram o alcance e a qualidade das produções nacionais.

O reconhecimento de sua trajetória artística ocorreu em 2010, quando Franco de Rosa foi agraciado com o Prêmio Angelo Agostini na categoria “Mestre do quadrinho nacional”. Esse prêmio celebrou suas realizações individuais e lhe atribuiu destaque e influência duradoura no universo das artes sequenciais no Brasil.

Com isso, a marca registrada de Franco de Rosa é sua criatividade incansável, seu comprometimento com a excelência artística e suas contribuições significativas para o desenvolvimento contínuo dos quadrinhos brasileiros. Sua vida e obra servem como fonte de inspiração e admiração para artistas, leitores e entusiastas da nona arte (História em quadrinhos – HQ), deixando um legado indelével que continua a influenciar e enriquecer a cultura no Brasil.

4.2.2 Estrutura e Conteúdo

A HQ *O Alienista*, de Franco de Rosa, possui estrutura em quadrinhos com uma linguagem híbrida, complexa e valiosa, integrando arte e texto para relatar a história de forma organizada em uma sequência específica, em que os elementos da oralidade se fazem presentes nos balões de diálogos e impulsionando o desenvolvimento da trama.

Nesse enredo ficcional, acompanhamos as peripécias do Dr. Simão Bacamarte, um psiquiatra que decide fundar um hospício em uma pequena cidade para estudar a mente humana, conduzindo diversos experimentos com os habitantes locais.

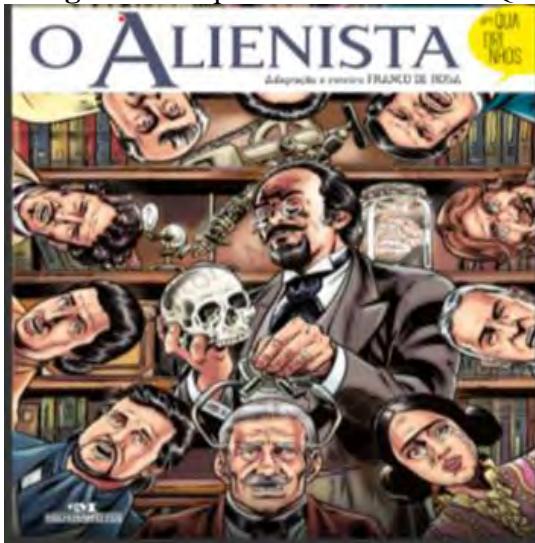
Franco de Rosa mantém a divisão da história em partes, com boxes que narram a trajetória do protagonista e a evolução dos acontecimentos ao longo do tempo. Dessa forma, a história é apresentada de forma integrada e coesa, sem interrupções que poderiam quebrar o ritmo da leitura ou prejudicar a experiência do leitor. Assim, o quadrinista preserva a fluidez da narrativa e a progressão dos eventos, permitindo aos leitores acompanharem as descobertas do Dr. Bacamarte e as consequências de suas experiências.

Nessa modalidade, as relações entre texto e imagem desempenham um papel vital na

transmissão de significados e na consolidação da trama, uma vez que os elementos verbais são materializados por meio de recursos gráficos como balões de fala e pensamento, legendas, onomatopeias e figuras, que traduzem o código verbal em imagem e garantem a dinamicidade da narrativa.

Assim, a forma como os balões de fala e pensamento são utilizados é determinante para a comunicação entre as personagens, tornando-se importante para manter a percepção de onisciência do narrador. Por isso, a habilidade de Franco de Rosa em codificar emoções e informações em imagens se torna essencial para cativar o leitor e transmitir a complexidade da narrativa com impacto, coerência e comoção artística.

Imagen 2 – Capa de *O Alienista* – HQ



Fonte: Assis (2020, p. 1).

A combinação da arte gráfica com o texto esclarece e contextualiza aspectos da narrativa, proporcionando uma leitura mais integrada e fluida. De maneira semelhante, enquanto Machado enriquece o texto com profundidade temática e literária, Rosa oferece uma visão contemporânea e visual, garantindo que obras clássicas como *O Alienista* continuem a ser relevantes e atraentes para as gerações atuais.

De acordo com Cagnin (1975), um dos aspectos importantes a se observar na relação entre o artista, sua criação e o receptor de uma narrativa em quadrinhos é o plano em que a imagem é posicionada. Isso se deve ao fato de que os planos têm a função de representar a distância entre o observador e a cena ou objeto retratado, fornecendo informações conotativas que são mais adequadas ao contexto da HQ.

Para Cagnin (1975), os planos utilizados na composição de uma narrativa em quadrinhos têm a função de traduzir a distância entre o observador e a cena ou objeto

retratado, oferecendo informações conotativas que são pertinentes ao tema abordado. Dentre os tipos de planos citados pelo autor, destacam-se três que podem ser observados no *O Alienista* em HQ: o Plano Geral, o Plano Médio e o Primeiro Plano.

O Plano Geral exibe a cena de forma ampla, contextualizando os elementos e personagens no ambiente em que estão inseridos, sendo importante para estabelecer locações, apresentar a atmosfera da história e fornecer uma visão panorâmica que situa o leitor no contexto da narrativa, como no quadro a seguir:

Imagen 3 - Quadros de *O Alienista* – HQ, p. 5.

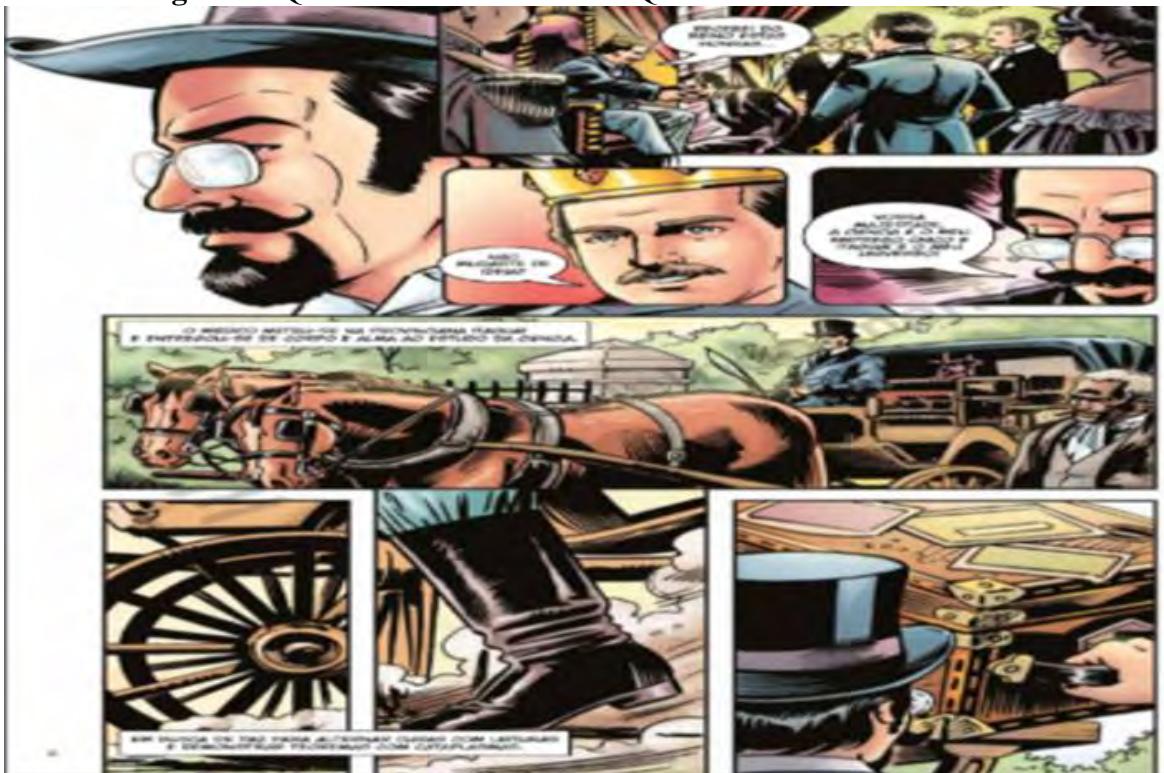


Fonte: Assis (2020, p. 5).

Nessa cena, Franco de Rosa utiliza diversos recursos para descrever a chegada de Simão Bacamarte à vila de Itaguaí, como a imagem cinestésica do cavalo conduzindo a carruagem, o olhar reflexivo da personagem e o balão do pensamento, atribuindo destaque à Vila, entre outros elementos que compõem a paisagem e aumenta a atmosfera de mistério, situando visualmente o leitor no contexto histórico e geográfico desde o início da narrativa.

Já o primeiro plano é uma técnica visual que destaca detalhes específicos, como um personagem, um objeto relevante ou um elemento-chave da narrativa, como na sequência do quadro:

Imagen 4 - Quadros de *O Alienista* – HQ.



Fonte: Assis (2020, p. 6).

Nessa imagem, são ressaltados elementos que conferem agilidade e fluidez ao enredo, como a despedida de Bacamarte ao el-rei de Portugal, e quadros que dinamizam o itinerário do médico até Itaguaí. Esse aspecto iconográfico realça a profundidade das personagens e dos objetos na trama, contribuindo para envolver o leitor de maneira mais direta e impactante, proporcionando uma aventura literária mais dinâmica.

Enquanto o plano médio posiciona a câmera mais próxima das personagens, permitindo uma visualização mais detalhada de suas expressões faciais e gestos. É usado normalmente para focar nas interações entre as personagens e destacar momentos de emoção e reflexão. Como, por exemplo, no diálogo em que o tio de Bacamarte o questiona sobre a escolha de sua noiva, D. Evarista. Simão responde, com um discurso racionalista e pragmático, que ela possui “*condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, entre outros atributos*”.

Imagen 5 - Quadros de *O Alienista* – HQ.



Fonte: Assis (2020, p. 8-9).

Essa justificativa, embasada em critérios objetivos e mensuráveis, como as características físicas e anatômicas de D. Evarista, evidencia sua personalidade lógica e racional, não se deixando influenciar por emoções ou sentimentos subjetivos, mas fundamentando suas decisões em elementos concretos.

Nesse sentido, as expressões faciais complementam o texto, adicionando camadas de significado à interação entre as personagens. A surpresa ou desaprovação do tio evidenciam possíveis quebras de expectativas, enquanto a serenidade e confiança de Simão reforçam sua postura pragmática perante os fatos.

Assim, a escolha e a manipulação dos planos na narrativa em HQ desempenham papel preponderante na transmissão de significados e na intensificação da experiência de leitura. Esses elementos auxiliam na criação de atmosferas, na expressão de emoções e na condução da trama, mostrando a importância da linguagem visual na complementação do texto verbal e no estabelecimento de uma narrativa coesa e envolvente.

Além disso, também é por meio dessa harmonia entre os planos que as personagens

comunicam seus pensamentos, sentimentos e diálogos nos balões de fala e de pensamento, revelando seus estados mentais, incertezas e mudanças ao longo da história quadrinística. Essa representação visual dos personagens transmite modalidade, como as expressões faciais que mostram dúvidas, confusão ou revelações.

Nesse percurso, o texto e a imagem se unem, gerando uma dinâmica distinta da original, permitindo uma expansão dos limites da literatura no processo de adaptação intracódigo. Esse processo resulta na combinação de diferentes linguagens, possibilitando ao leitor imergir em interpretações renovadas da trama, preservando, contudo, a essência do conto original.

Consequentemente, esse recurso salienta a dualidade de linguagens presentes na HQ e o aspecto narrativo que Cagnin considerava de suma importância. Para o autor, a definição de história em HQ “é um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelos desenhos e a linguagem escrita” (Cagnin, 1975, p. 25).

Nesse sentido, ao aprofundar sua pesquisa sobre os elementos que compõem as histórias em quadrinhos, Cagnin adota uma estratégia metodológica de análise separada dos componentes visuais, incluindo contextos, percepção visual, múltiplas interpretações da imagem, estilos de desenho e técnicas expressivas, abrangendo planos, ângulos e perspectivas, visto que Cagnin (1975, p. 32) não tem o propósito de separar um elemento do outro, e sim, “ter sempre em mente a função de complementaridade que os une”.

Com base no princípio da complementaridade de Cagnin e a fim de manter a HQ fidedigna aos elementos do conto, percebe-se que Rosa mantém uma linguagem multissemiótica caracterizada pela sobreposição, em que a narrativa quadrinística mantém fidedigna à original, sendo possível interpretar a relação iconográfica de maneira ampla.

Portanto, de acordo com os apontamentos de Cagnin e a proposta que norteia a BNCC, o ensino com textos multimodais deve relacionar-se à competência de compreensão e interpretação que inclui a habilidade de:

[...] compreender, interpretar e produzir textos, com conhecimento dos sistemas de escrita, das práticas sociais de leitura e escrita, das relações entre linguagem e pensamento, das estratégias de leitura, dos efeitos de sentido produzidos por recursos expressivos e dos modos de organização dos diferentes gêneros textuais (Brasil, 2017, p. 30).

Já os PCN destacam que a leitura de textos multimodais permite que os alunos “ampliem seus repertórios, enriqueçam suas experiências e agucem seu senso crítico, uma vez que a leitura de tais textos traz em si a compreensão de diferentes linguagens e modos de

expressão” (Brasil, 1998, p. 28).

A partir dessa perspectiva, quando o aluno aprende a ler HQ, fica fascinado porque consegue lidar com o recurso de multimodalidade de forma integrada, sem fragmentar a leitura; percebe que os quadrinhos são uma forma de expressão complexa em que texto e imagens se complementam e interagem de maneira sinérgica. “Escolas são tomadas por professores e alunos ávidos pela utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula. São novos tempos” (Vergueiro, 2017 *apud* Mamede, 2019, p. 35)

É relevante nos atentarmos para o fato de que, embora a palavra e a imagem pertençam a sistemas diversos, como o código linguístico da escrita e o código iconográfico, respectivamente, esses sistemas que, somados formam as histórias em quadrinhos e as tiras, são opostos quanto à natureza dos signos utilizados. O código linguístico da escrita é formado por um sistema de *signos discretos (digitais)*, ou seja, possui um conjunto definido de unidades autônomas e contáveis – as letras se articulam a fim de formar palavras, que por sua vez se juntam para formar frases ou orações e estão subjacentes ao discurso. Por outro lado, a imagem imanente aos gêneros quadrinísticos, ao contrário ao código linguístico da escrita é um *signo analógico e contínuo*, pois mantém uma relação direta de semelhança com o objeto representado. (Mamede, 2019, p. 56).

Desse modo, a leitura dos implícitos e a ludicidade na HQ favorecem ao desenvolvimento tanto das estratégias de leitura do texto escrito quanto da estruturação imagística, estimulando o interesse do aluno pela sequência de ações de cada quadro, unidos harmonicamente pelos elementos que estruturam a narrativa. Portanto, a leitura da obra quadrinística amplia a compreensão linguística dos alunos ao mesmo tempo em que fortalece habilidades discursivas, cognitivas e sociais.

5 CARTA, E-MAIL E CHAT NAS INTERAÇÕES DISCURSIVAS

Este capítulo ressalta a relevância dos gêneros discursivos - carta, *e-mail* e *chat* (*WhatsApp*) - na promoção de práticas interativas em contextos e épocas distintas. Tal abordagem incentiva os alunos a desenvolverem competências comunicativas abrangentes e ampliarem o acesso a multiletramentos, permitindo que assumam o protagonismo na aprendizagem multimodal e multissemiótica.

Isso posto, o sujeito comunicante tem a possibilidade de despertar no sujeito interpretante o interesse e a “aceitabilidade em cooperar como parceiro na coconstrução de textos, contextos e trocas comunicativas” (Koch, 2018), visando à efetiva construção de sentidos durante o processo interlocutório. Cabendo ao Eu-comunicante colocar em cena estratégias discursivas adequadas para consolidar seus objetivos (do Eu-enunciador) e promover no Tu-destinatário interesse em aceitá-las ou não. (Charaudeau, 2008).

Nesse sentido, Rojo (2013) ressalta que a instituição escolar precisa se adaptar a uma sociedade cada vez mais interativa, além de incentivar a aprendizagem no ciberespaço, em que as pessoas possam se encontrar e interagir, levando em consideração suas diferenças e identidades nesse ambiente virtual. Em contrapartida, Heine (2008) destaca que as inovações tecnológicas moldam a maneira como as pessoas compartilham suas ideias, e que isso está diretamente ligado aos hipertextos que circulam nos meios digitais e que se adaptam a gêneros discursivos anteriores.

A partir desse contexto e visando a levar o aluno do EF a refletir sobre o processo evolutivo da linguagem, entende-se ser relevante o ensino do gênero discursivo carta (epistolar) por seu valor sócio-histórico-cultural e por promover habilidades de leitura, escrita e criticidade, com o propósito de que a linguagem seja interpretada por diferentes discursos e contextos, moldando-se para atender às necessidades de diferentes gerações.

5.1 GÊNERO DISCURSIVO CARTA

Até o surgimento do telégrafo²³ no século XIX, a carta representava papel fundamental na comunicação entre as pessoas, além de possuir valor identitário, visto que o

²³ O telégrafo, inventado em 1837 pelo pintor Samuel Morse, era um equipamento de comunicação que usava corrente elétrica para enviar mensagens codificadas. Por meio de sinais curtos e longos, conhecidos como Código Morse, era possível compor mensagens transmitidas quase instantaneamente a qualquer distância. Este sistema revolucionou a maneira como as informações eram compartilhadas, permitindo comunicação rápida e eficaz entre diferentes partes do mundo.

primeiro registro escrito sobre o país, a certidão de nascimento do Brasil, pertence ao gênero epistolar²⁴, representado pela Carta de Pero Vaz de Caminha²⁵, dirigida a Sua Alteza, El Rei D. Manuel²⁶, datada de 1.^º de maio de 1500.

Por isso, as cartas e os textos epistolares em geral são registros valiosos porque permitem transitar pelas nuances e esferas sociais ao longo do tempo. Devido a isso, esse gênero também se destaca como um meio importante para facilitar a socialização e estreitar laços entre interlocutores.

Desse modo, ao explorar leitura e produção de cartas no ensino da Língua Portuguesa, os alunos são convidados a transitar pela riqueza das trocas verbais do passado, visando desenvolver habilidades de análise crítica e compreensão de textos multimodais. Nesse cenário, a compreensão plena da língua exige considerar diversas formas de expressão e visões de mundo dos sujeitos falantes, que desempenham papel fundamental na atribuição de forma e sentido ao processo comunicativo. (Bakhtin, 2011).

5.2 GÊNERO DISCURSIVO E-MAIL

No Brasil, com o advento da *internet*²⁷ “na década de 90 do século XX, época em que a internet começou a se popularizar como instrumento de pesquisa e comunicação” (Oliveira, 2002 *apud* Heine, 2008), teve início a era do *e-mail*, ou correio eletrônico, inaugurando uma nova forma de comunicação. Permitindo que as mensagens fossem transmitidas imediatamente, além da possibilidade de anexar diversos documentos, inclusive cartas digitalizadas.

Nesse sentido, Moran, Masetto e Behrens (2013) lançam luz sobre a versatilidade dos recursos digitais como suporte significativo nas práticas pedagógicas. Os autores destacam que a integração tecnológica se faz necessária para a realização de atividades que envolvam a comunicação direta entre docentes e alunos. Ademais, a internet serve para promover a interação com interlocutores distintos, ultrapassando barreiras físicas e temporais. Isso democratiza o acesso à informação e representa estratégia didática inovadora, alinhando o

²⁴O gênero epistolar é uma forma de comunicação escrita que se baseia na troca de correspondências entre duas ou mais pessoas. Essas correspondências podem ser cartas, bilhetes, e-mails ou qualquer outro meio de comunicação escrito. O termo “epistolar” vem do grego “epistolé”, que significa “carta”.

²⁵Pero Vaz de Caminha foi o escrivão que fez parte da expedição de Pedro Álvares Cabral, a incursão que chegou ao Brasil em 22 de abril de 1500.

²⁶O Rei de Portugal e Algarves de 1495 até 1521.

²⁷Junção de inter, que significa “entre dois”, uma relação recíproca, e net, rede. Ou seja, uma rede de conexão mútua que acontece entre dois pontos.

ensino às demandas e às habilidades interativas necessárias ao século XXI.

Assim, enquanto Heine (2008) destaca as mudanças nas formas de comunicação provocadas pelas tecnologias digitais, Moran, Masetto e Behrens (2013) juntamente com Rojo (2013) enfatizam o potencial transformador das tecnologias na educação e o quanto isso requer uma mudança substancial no modo como docentes e discentes concebem e interagem com o conhecimento em uma sociedade digital. Além disso, a BNCC ressalta a importância de se “contemplar os novos letramentos, essencialmente digitais” (Brasil, 2017, p. 71) para o desenvolvimento de habilidades comunicativas do aprendiz.

5.3 GÊNERO DISCURSIVO *CHAT*

O aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*²⁸ proporciona, na era digital, um meio de comunicação ágil e informal, facilitando a interação entre pessoas por meio do *chat*²⁹. Para Marcuschi (2005, p. 27), esse tipo de espaço de diálogo *on-line* é uma espécie de “sala”, em que múltiplos usuários conseguem se comunicar simultaneamente, tanto publicamente quanto de modo privado, de forma síncrona e no mesmo ambiente virtual. Isso evidencia o quanto os gêneros discursivos são mutáveis e se adaptam às necessidades dos variados contextos sociais.

Para complementar a visão de Marcuschi, os autores Fávero, Andrade e Aquino (2005, p. 21) enfatiza que o texto em diálogos é um produto coletivo, gerado por meio da interação entre participantes e sua organização estrutural. Ademais, o *chat* oferece vários recursos semióticos, combinando linguagens verbal, visual e sonora para os usuários capturarem e compartilharem em tempo real.

²⁸ O nome *WhatsApp* é um trocadilho com o cumprimento em inglês "What's up?" (que pode ser traduzido para "E aí?") + "app" (que é a abreviação aplicativo).

²⁹ *Chat* é uma forma de comunicação a distância, em tempo real.

6 METODOLOGIA DO CIRCUITO DIDÁTICO

Para essa etapa, recorro à metodologia da Aprendizagem Colaborativa, tomando como eixo basilar Behrens (2004). Nesse processo, a interação entre os participantes é essencial e o aluno se torna agente ativo capaz de atribuir sentido à construção de seu conhecimento, em vez de ser apenas um receptor passivo. Enquanto o professor possui a função de criar ambientes que favoreçam a construção do conhecimento, ao contrário da mera transmissão de conteúdo.

Nesse sentido, para desenvolver o Circuito didático como resultado desta pesquisa, buscam-se novos recursos e estratégias pedagógicas que tenham como foco “como aprender” ao invés de apenas “o que aprender”. O objetivo é desenvolver habilidades como pensamento crítico-reflexivo e autonomia nos alunos. Paralelamente, os professores se tornam mediadores da aprendizagem, orientando e fomentando a busca pelo conhecimento de modo eficaz e autônomo.

Nessa perspectiva, o professor deve se conscientizar de que:

[...] não pode absorver todo o universo de informações e passar essas informações para seus alunos. Um dos maiores impasses sofridos pelos docentes é justamente a dificuldade de ultrapassar a visão de que podia ensinar tudo aos estudantes. O universo de informação ampliou-se de maneira assustadora nestas últimas décadas, portanto o eixo da ação docente precisa passar do ensinar para enfocar o aprender e, principalmente, o aprender a aprender. (Behrens, 2004, p. 76).

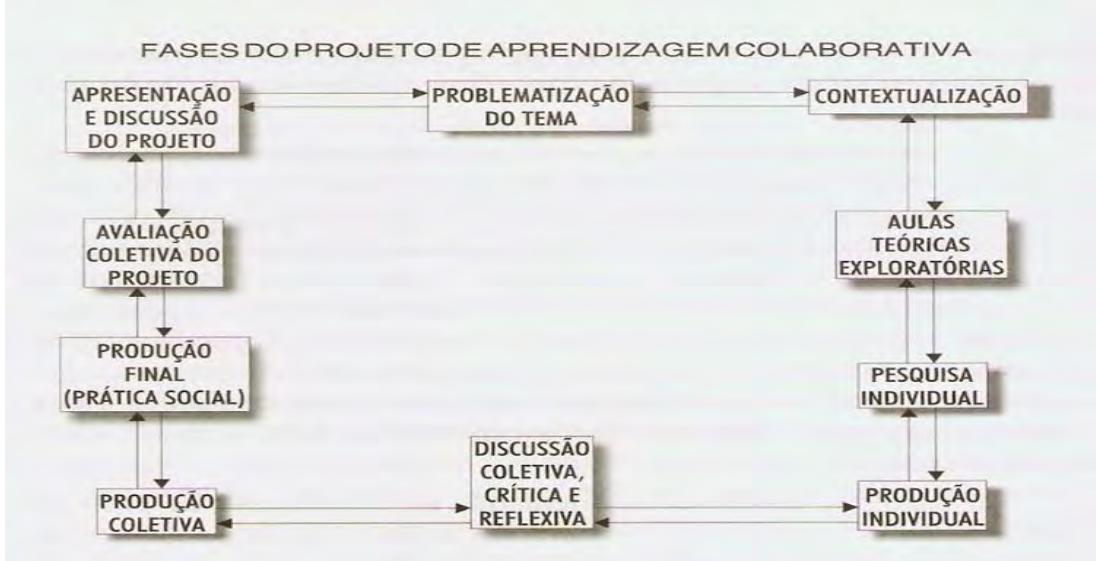
Com esse propósito, a abordagem da aprendizagem colaborativa se baseia em quatro pilares fundamentais, conforme descrito a seguir:

- i) Aprender a conhecer: tanto o educador quanto o aprendiz compreendem que a aprendizagem é um processo contínuo, envolvendo investigação e a busca pelo conhecimento.
- ii) Aprender a fazer: permite aliar o processo de aprendizagem à aplicação prática, desenvolvendo no aluno habilidades como pensamento crítico, autonomia, colaboração, entre outras, para que ele enfrente os desafios reais do seu cotidiano.
- iii) Aprender a estar junto: o aluno aprende a compreender e respeitar a individualidade do outro, percebendo a importância do trabalho em equipe. Professor e aluno se unem para promover a troca de experiências, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.
- iv) Aprender a ser: o aluno é incentivado a desenvolver habilidades como autoconhecimento, empatia, protagonismo, tornando-se cidadão ativo e reflexivo na

sociedade.

Essa base da aprendizagem colaborativa reflete uma abordagem educacional centrada no aluno que pode ser observada no quadro:

Quadro 17 - Fases de um projeto de Aprendizagem Colaborativa



Fonte: Behrens (2004, p. 109).

Todas as etapas do projeto possuem relevância e estão interconectadas, de modo que não se pode considerar uma mais significativa que a outra. Desse modo, complementam-se e contribuem para o pleno desenvolvimento do trabalho. A seguir, são apresentadas as fases:

1^a fase: Apresentação e discussão do projeto

Na etapa inicial, o professor introduz e discute sobre o projeto com a turma, enfatizando a importância da aprendizagem interativa e colaborativa, considerando o que o aluno já sabe e valorizando suas novas contribuições.

2^a fase: Problematização do tema

Nessa etapa, o professor incentiva o aluno a refletir, inferir e buscar referenciais que possam contribuir na construção de: Quais estratégias podem ser desenvolvidas para fomentar uma interação verbal efetiva e situada tanto na sala de aula quanto para além dela? Como promover uma interação verbal interescolar colaborativa e contextualizada para enriquecer a aprendizagem sobre gêneros discursivos?

3^a fase: Contextualização

Na contextualização, o professor aprofunda o tema incentivando uma visão holística do projeto, pautando-se na realidade, nos aspectos histórico-sociais e em outros elementos relacionados à problemática levantada. Essa etapa é vital para haver engajamento e

contribuições na aprendizagem, ressaltando a colaboração de todos para o sucesso e o desenvolvimento da habilidade de “aprender a aprender”.

4^a fase: Aulas teóricas exploratórias

Nessa fase do projeto de aprendizagem colaborativa, que visa consolidar conhecimento e a preparar para atividades futuras, a temática é desenvolvida com aulas teóricas, em que o professor se utiliza de recursos digitais para promover o engajamento dos alunos em pesquisas com imagens e textos, tornando o conteúdo mais claro e gerando uma aprendizagem mais crítica e significativa.

5^a fase: Pesquisa individual

Na quinta etapa do projeto de aprendizagem colaborativa, os alunos buscam ativamente soluções em livros e *internet* para os desafios propostos, enquanto o professor se torna um facilitador nesse processo, recomendando recursos e aplicando conhecimentos, tanto no ambiente escolar quanto por *e-mail*, *WhatsApp* e plataformas digitais, podendo ocorrer fora do horário de aula.

6^a fase: Produção individual

Na fase de Produção Individual do projeto de aprendizagem colaborativa, os alunos elaboram textos autônomos com base nas pesquisas e materiais compartilhados. Podem digitar ajustando o discurso como preferirem. O texto final deve atender às normas da ABNT, sendo editado e formatado para assegurar uniformidade e qualidade do trabalho. Essa etapa valoriza a expressão individual e solidifica os conhecimentos desenvolvidos durante o projeto colaborativo.

7^a fase: Discussão coletiva, crítica e reflexiva

Na sétima fase do projeto de aprendizagem colaborativa, os alunos recebem de volta seus textos para debater sobre a temática, sob a orientação do professor. Esse momento é marcado pela troca de ideias e experiências, em que se valoriza a participação e a preparação prévia dos alunos. O professor atua mediando opiniões, enfatizando a importância da tolerância e do diálogo frente às divergências. Isso é fundamental para enriquecer a discussão crítico-reflexiva, fortalecer e solidificar o aprendizado colaborativo.

8^a fase: Produção coletiva

Na oitava fase do projeto de aprendizagem colaborativa, os alunos devem demonstrar senso de responsabilidade, construindo discursos que contenham ideias individuais e discutidas nas etapas anteriores. Essa atividade harmoniza visões, reforça conhecimentos compartilhados e incentiva colaboração e respeito mútuo.

9^a fase: Produção final (prática social)

Na fase final do processo de aprendizagem colaborativa, professores e alunos determinam como apresentar e compartilhar a produção conjunta. O objetivo é disseminar o conhecimento construído de forma eficaz, promovendo uma cultura de compartilhamento e aprendizagem contínua.

10^a fase: Avaliação coletiva do projeto

Na décima e última fase, promove-se o amadurecimento do grupo, dialogando sobre a realização e a relevância do trabalho em equipe. O professor deve instigar a avaliação de cada fase do projeto. Essa avaliação visa ao realinhamento de alguma fase ou atividade desenvolvida durante o projeto de Aprendizagem Colaborativa que contribuiu para a efetivação do Circuito didático.

6.1 PERFIL DA ESCOLA E DOS ALUNOS

O contexto escolar de referência para o estudo da dissertação toma como base a Escola Estadual Municipalizada Carmem Menezes Direito, fundada em 1986, localizada na rua Manoel Araújo dos Santos, 1043 - Brisamar, Itaguaí - RJ, atualmente (2024) sob a direção geral de Lúcia Sayuri Yokoyama Lino.

A Escola Estadual Municipalizada Carmem Menezes Direito conta com aproximadamente 557 alunos matriculados que residem próximos à escola. O turno de funcionamento da escola é o diurno com turmas do Pré ao 5º ano do Ensino Fundamental I (manhã e tarde), e turmas de 6º, 7º, 8º e 9º (manhã), e turmas de 6º, 7º, 8º anos do Ensino Fundamental II (tarde).

A missão da escola está fundamentada nos *quatro pilares da educação*³⁰, tendo como uma de suas metas capacitar os alunos a se tornarem protagonistas de sua aprendizagem, visando enfrentar os desafios sociais contemporâneos de modo proativo, colaborativo e direcionado. Com isso, busca reduzir a evasão escolar, desenvolver habilidades práticas, valores de convivência, responsabilidade e pertencimento a sua historicidade e cultura.

Almejando promover o sucesso dos alunos, a unidade escolar adota medidas complementares, como a realização de visitas domiciliares (composto pela diretora, uma orientadora, uma coordenadora e duas funcionárias do apoio escolar). Essas visitas têm como

³⁰Segundo Delors (2003), “para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser”.

objetivo investigar as causas de infrequência escolar, comportamentos inadequados e outros desafios enfrentados pelos alunos. Além disso, tem o “Cantinho da Leitura”, espaço em que o professor desenvolve a prática de leitura entre os alunos do 1º e 2º anos, e o laboratório de Informática equipado com projetor, caixas de som e tela interativa para uma aprendizagem mais contextualizada.

Paralelamente, os programas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), destinados aos repasses do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), abrangem iniciativas voltadas ao fortalecimento da educação na Escola Estadual Municipalizada Carmem Menezes Direito em diferentes aspectos, entre eles, o projeto “Tempo de Aprender”, direcionado aos alunos dos 1º e 2º anos do EF, com o propósito de oferecer apoio àqueles que enfrentam defasagem idade-série. Há o programa "Educação Conectada" que visa garantir aos professores o acesso à internet para enriquecer as práticas pedagógicas. No entanto, está suspenso devido a questões de segurança pública.

Ademais, outros projetos da Secretaria Municipal de Educação de Itaguaí (SMEDU) contribuem com mais oportunidades de aprendizagem para os alunos, como a Feira Literária do Município de Itaguaí (Flimi) e a Feira de Ciência e Tecnologia de Itaguaí (FECTI) que proporcionam espaços de expressão e conhecimento para os alunos, fomentando a cultura e a ciência na comunidade.

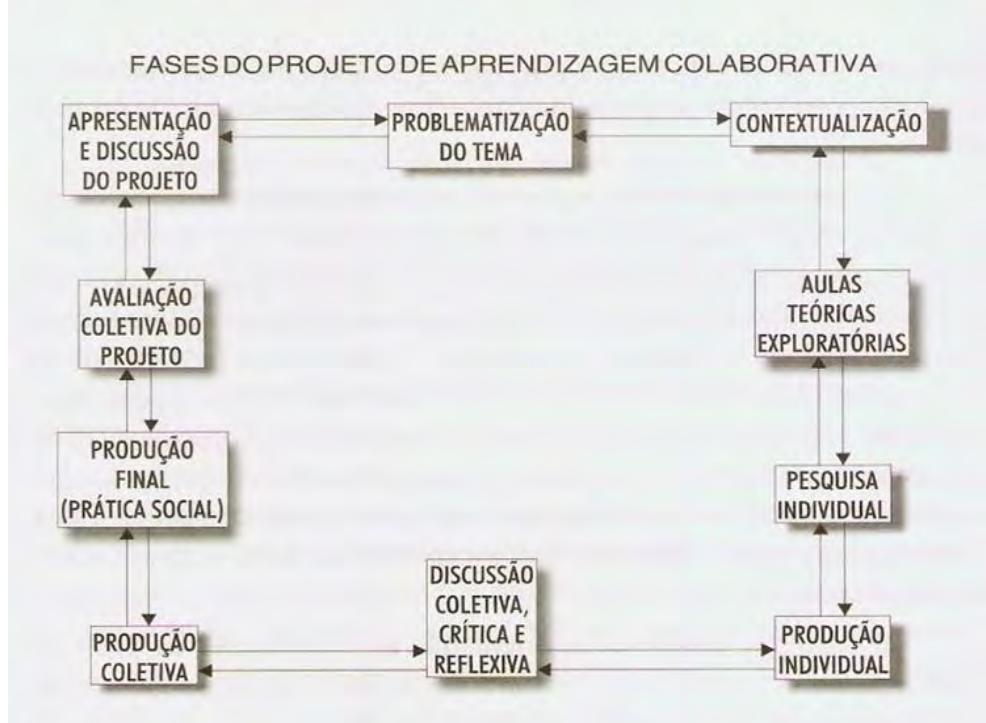
7 CIRCUITO DIDÁTICO: ETAPAS PARA A INTERAÇÃO VERBAL

Neste capítulo, apresentamos o Circuito Didático para a interação verbal interescolar, destacando o papel do aluno-locutor do EF ao interagir com interlocutores distintos: alunos da terceira série do EM, professores e coordenadores de um colégio estadual. O objetivo é contribuir para práticas pedagógicas de interação verbal que sejam significativas, relevantes e que façam sentido para a realidade do aluno.

Essa proposta é de cunho propositivo e se estrutura na teoria Colaborativa da Aprendizagem (Behrens, 2004), elaborada pela professora-pesquisadora para alunos do nono ano do EF dos Anos Finais. Para isso, a interação verbal se inicia no contexto da sala de aula, com base em práticas discursivas que promovem enunciados concretos (Bakhtin, 2011).

Como não foi possível aplicar este Circuito didático, estipula-se uma previsão de vinte e cinco aulas, cujas etapas estão descritas no quadro 3.

Quadro 18 - Fases de um projeto de Aprendizagem Colaborativa



Fonte: Behrens (2004, p. 109)

7.1 APRESENTAÇÃO, PROBLEMATIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A apresentação do projeto, problematização e contextualização acontecem de maneira interconectada e, por essa razão, as fases foram adaptadas. Às etapas iniciais, integram-se os procedimentos de oralidade e escrita em práticas discursivas situadas. Dessa forma, utilizam-

se como ponto de partida, as ações expostas nas fases 1, 2, 3, descritas no capítulo anterior.

Para esse momento inicial, o professor pode organizar uma roda de conversa e promover uma discussão em que, por meio do esquema ator-meta-ação, o aluno será conduzido a reforçar suas habilidades comunicativas. Desse modo, a aprendizagem partirá do ato enunciativo, levando o aluno a construir discursos situados a partir da contextualização de seus enunciados implícitos e explícitos.

Essa prática incentiva a aprendizagem por meio da experiência direta, tornando-a mais relevante e engajada, promovendo uma aquisição de habilidades comunicativas integradas ao uso real da linguagem em seu curso natural. Em outras palavras, a relação entre *sujeição* e *assujeitamento* no ato comunicacional. (Orlandi, 2020).

Isso implica em os alunos participarem do “*mise-en-scène*”, lugar em que o discurso é pensado por um sujeito comunicante para um sujeito interpretante (circuito externo) e um lugar em que, de fato, o discurso circula (circuito interno) (Charaudeau, 2008).

Para isso, pode-se questionar:

- 1) Como vocês preferem se comunicar no dia a dia? Presencial ou virtualmente?
- 2) Vocês têm o hábito de compartilhar informações pelo *WhatsApp*?
- 3) Já postaram algum conteúdo em plataformas digitais?
- 4) Vocês utilizam a mesma linguagem para se comunicar em qualquer ambiente?
- 5) Vocês já se comunicaram por *e-mail* ou carta?
- 6) Vocês já participaram de projetos com alunos de outras escolas? Como seria isso, na opinião de vocês?

O objetivo é incentivar o aluno a refletir sobre seus hábitos de comunicação e a compartilhar experiências, promovendo uma compreensão mais profunda sobre a interação verbal. Além de instigar a importância de adequar a linguagem, ou seja, harmonizá-la ao contexto durante a construção de sentidos (Koch, 2021). Com isso, o aprendiz é levado a perceber que todo discurso é uma resposta a outro discurso anterior e prepara o lugar para futuras respostas, ressaltando a natureza interativa e interdependente da comunicação (Bakhtin, 2011)

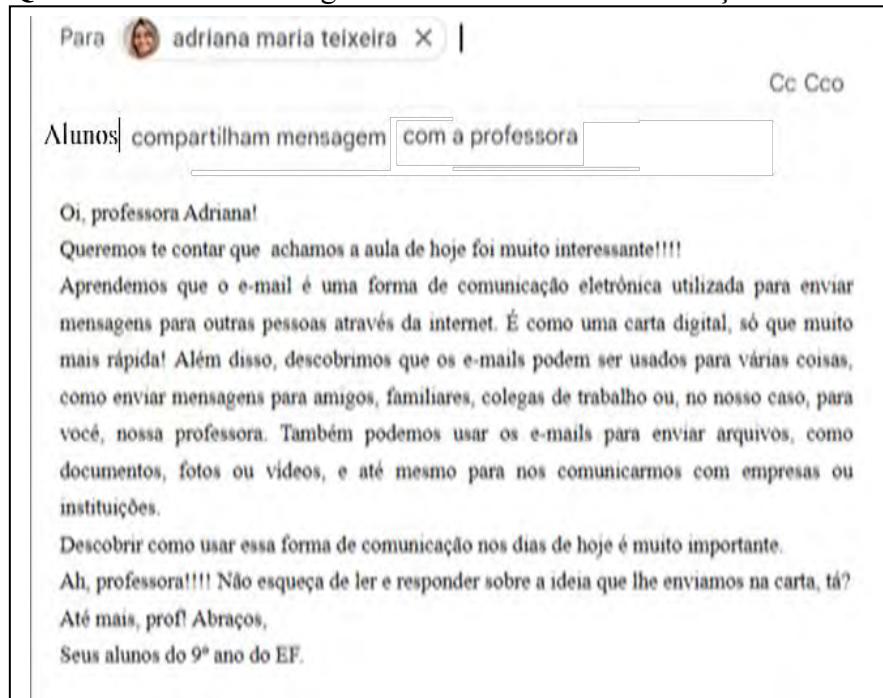
7.2 PESQUISA, PRODUÇÃO INDIVIDUAL E AULA EXPLORATÓRIA

Nessa etapa, integramos as fases 4, 5 e 6 utilizando aulas investigativas, interativas e expositivas, além disso, incluímos a fase 8 para que os alunos do nono ano do EF pudessem enviar e-mail e carta aos seus destinatários. Tudo isso, com o propósito de fomentar no aluno

do EF o interesse por explorar formas de comunicação que não são comuns do seu dia a dia, mas que contribuem significativamente para desenvolver habilidades comunicativas que ajudam a adaptar a linguagem ao contexto e ao interlocutor. Isso contribui para uma interação mais clara, coerente e respeitosa, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Nesse sentido, o professor pode orientar o aluno a pesquisar na internet o gênero discursivo *e-mail*, guiando-o a explorar e compreender os aspectos desse gênero: elementos de cumprimento, desenvolvimento do conteúdo e despedida. Após essa investigação, cada aluno produzirá um *e-mail* para um de seus pares ou para a própria professora da turma, como o exemplo a seguir:

Quadro 19 - Prática do gênero discursivo *e-mail* – fixação do conteúdo



Fonte: A autora.

Após essa atividade, o aluno fará buscas por modelos do gênero discursivo carta. Com essa proposta de pesquisa, o objetivo é despertar no aluno o interesse por gêneros discursivos que apresentam um diferencial: a interdisciplinaridade, como o acervo histórico-social de relevância identitária (Carta de Pero Vaz de Caminha) e literário e sociológico (cartas de Machado de Assis à Carolina) (Assis, [2024]).

Na sequência, o professor organiza uma roda de conversa para discutir as semelhanças e diferenças entre os gêneros pesquisados (*e-mail* e carta). Na sequência, solicita que cada aluno elabore uma carta sobre algo que queira compartilhar ou solicitar a alguém, como, por exemplo, a carta a seguir criada pela professora-pesquisadora para ilustrar a atividade:

Quadro 20 - Prática do gênero discursivo carta – fixação do conteúdo

Rio de Janeiro, 01 de setembro de 2023

Bom dia, professora Adriana!

Tudo bem com a senhora?

Tive uma ideia bem legal e quero te contar.

Que tal a gente participar de um bate-papo com pessoas do colégio estadual em que a senhora trabalha? Inclusive, o nome do projeto podia ser Escolas conectadas, né?!

Podíamos utilizar o livro O Alienista em conto e HQ. Eles são bem interessantes pra gente analisar e debater com outras pessoas.

A gente envia um *e-mail* para convidá-los a participar. Se aceitarem, enviaremos uma carta explicando os detalhes da minha ideia. Depois podemos montar um grupo no WhatsApp pra conversar e, se der tudo certo, podemos continuar o debate numa plataforma digital, compartilhando trechos e imagens das obras.

Estou muito empolgada com essa ideia! Acho uma excelente oportunidade pra mais aprendizados.

O que a senhora acha sobre isso?

Sou bem criativa, né?

Um abraço, querida professora!

Anna, sua aluna do 9º ano do EF.

Fonte: A autora.

Ao realizar essa atividade, os alunos têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades de reflexão, análise crítica, imaginação e criatividade por meio da linguagem, refletindo sobre os diferentes contextos de comunicação e se apropriando das especificidades que cada gênero discursivo possui. (Brasil, 2017).

Em outra aula, a professora solicita que cada aluno leia tanto o *e-mail* quanto a carta que escreveu, expondo suas percepções sobre o formato de cada gênero perante a turma. Caso o *e-mail* ou a carta possua alguma solicitação possível de ser realizada, a turma, em colaboração com a professora, poderá colocá-la em prática. As ações sugeridas a seguir levam em conta a carta de Anna.

Após a aula expositiva sobre leitura e especificidades dos gêneros *e-mail* e carta, a professora da turma aceita colocar em prática a sugestão de sua aluna Anna: “um bate-papo com pessoas do colégio estadual em que a professora trabalha.” Além disso, a docente, para colaborar com a ideia da aluna, sugere que o “bate-papo” ocorra com seus alunos da terceira série do EM, professores e coordenadores, todos do mesmo colégio.

Mediante esse contexto, a dinâmica da aula se configura num “jogo da comunicação”,

visto que há uma inter-relação discursiva (alunos e professora), influenciando na construção de significados, ocorrendo, assim, o “*dejatel'nost'*” - realização de uma atividade verbal em uma situação dada (aula de LP sobre gêneros discursivos), visando articular aspectos de motivação (alunos aceitam pesquisar os gêneros discursivos *e-mail* e carta na *Internet*), finalidade (adquirir e compartilhar conhecimentos) e realização (produzem gêneros discursivos) (Koch, 2021).

Desse modo, os alunos são orientados a perceber a língua em seu percurso natural de uso, como um espaço de construção e negociação de significados, ajustando-os de acordo com o contexto social e ideológico, influenciando e sendo influenciados por seus interlocutores (Orlandi, 2020). Assim, resulta-se em um ensino mais relevante e dinâmico, ultrapassando as regras gramaticais, já que há engajamento na construção, aplicação e troca de conhecimentos (Geraldi, 2006).

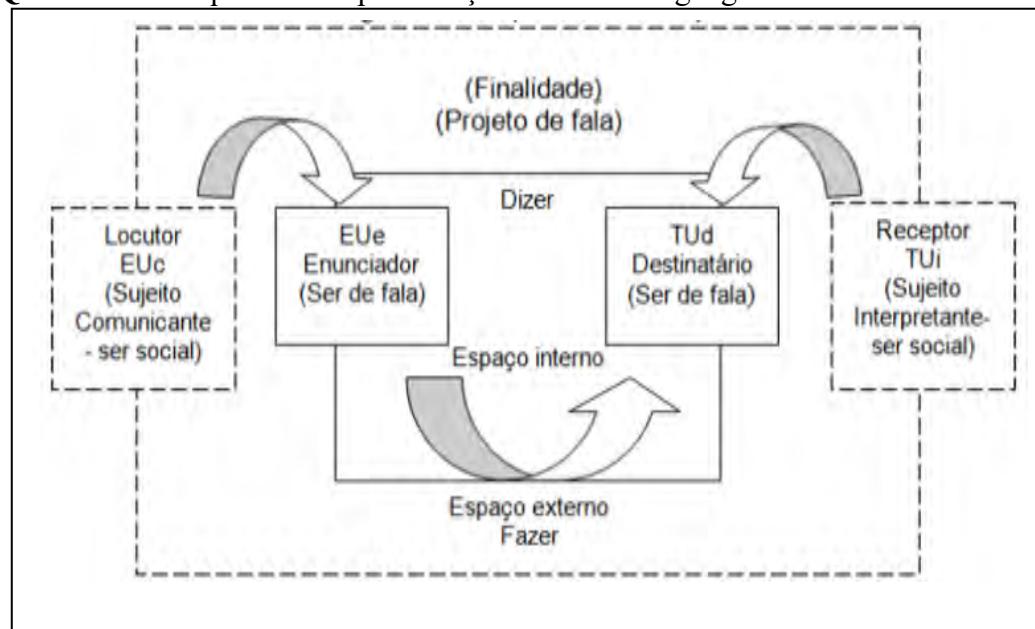
Desse modo, a aluna Anna é o sujeito comunicante que emite a mensagem à professora (sujeito interpretante). Esta, ao analisar e aceitar colaborar para que o “bate-papo” ocorra, torna-se sujeito destinatário ao ser responsiva à Anna (sujeito enunciador). Posteriormente, Anna atuará novamente como sujeito comunicante ao expor sua proposta à turma (sujeito interpretante) e solicitar que a ajudem.

A turma simula a participação em um contrato de comunicação mais próximo da ocorrência social que normalmente ele se dá. Esse processo exemplifica a dinâmica de comunicação proposta por Charaudeau (2008), em que diferentes papéis (destinatário, comunicante, interpretante, enunciador) se interligam para criar uma ação significativa baseada no diálogo e na colaboração.

Nessa perspectiva, a interação verbal idealizada procura ocupar os níveis situacional, comunicacional e discursivo, articulando elementos da comunicação (quem escreve, o que escreve, como é escrito, por que é escrito etc.) para produzir sentido e influenciar o interlocutor a aceitar a proposta do contrato de comunicação (Charaudeau, 2008).

Para auxiliar na concretização do projeto da aluna Anna, a professora desenvolve práticas discursivas com base no quadro 4:

Quadro 21 - Esquema de representação do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2008, p. 52).

Assim, estimulados pelas aulas anteriores e pelas estratégias discursivas que Anna e seus colegas de classe desenvolveram em colaboração com a professora, a turma decide enviar convites por *e-mail* a alunos da terceira série do EM, professores e coordenadores do colégio estadual em que a professora trabalha, convidando-os a interagir em um projeto de leitura e análise comparativa de *O Alienista*, nas modalidades conto e HQ.

Dentro desse contexto, os alunos informam no *e-mail* que, se os destinatários aceitarem participar da interação verbal, receberão uma carta explicativa sobre as etapas a serem desenvolvidas durante o projeto interescolar. Desse modo, a produção textual “ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem”. (Brasil, 2017, p. 69).

Quadro 22 - Prática de gênero discursivo *e-mail* (convite aos professores e coordenadores)

<p>Convite para um projeto interescolar</p> <p>Para professorescoordenadores@colégiodoEM</p> <p>Convite para um projeto interescolar</p> <p>Prezados professores e coordenadores, Bom dia!</p> <p>Tudo bem com vocês? Esperamos que sim! Somos alunos de uma escola municipal de Itaguai e, neste segundo semestre de 2023, gostaríamos de organizar um projeto interescolar com vocês e os alunos da terceira série da professora Adriana. Vocês aceitariam participar? Caso aceitem, enviaremos uma carta explicando algumas etapas do projeto. Desde já, agradecemos a atenção!</p> <p>Cordialmente, Alunos do 9º Ano do EF (Turma da professora Adriana Teixeira)</p>	- ✉ ×	Cc Cco
---	--	----------------------------------

Fonte: A autora.

Quadro 23 - Prática de gênero discursivo *e-mail* (convite aos alunos do EM)

<p>Convite para um "bate-papo"</p> <p>Para  alunos@ensinomedio.com</p> <p>Convite para um "bate-papo"</p> <p>Olá, turma do 3º ano do EM!</p> <p>Tudo bem com vocês? Esperamos que sim! Somos alunos da professora Adriana e gostaríamos de organizar um "bate-papo" com você neste segundo semestre de 2023. Vocês topam participar? Caso aceitem, enviaremos uma carta explicando algumas etapas sobre o que estamos pensando. Desde já, agradecemos a atenção! Até breve, galera!</p> <p>Alunos do 9º Ano do EF</p>	- ✉ ×	Cc Cco
--	--	----------------------------------

Fonte: A autora.

Após o aceite dos destinatários, os alunos enviam carta explicativa aos seus

interlocutores, informando que organizarão um grupo no *WhatsApp* e um encontro em uma plataforma virtual para discussões sobre a análise comparativa de *O Alienista* nas modalidades conto, de Machado de Assis, e em HQ, de Franco de Rosa.

Quadro 24 - Produção do gênero discursivo carta (aos professores e coordenadores)

Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2023

Prezados professores e coordenadores,

Gostaríamos de expressar nossa gratidão por aceitarem participar do nosso projeto de Língua Portuguesa e por nos convidarem para visitar a escola de vocês. Estamos verdadeiramente entusiasmados com essa oportunidade incrível de interagir com todos vocês.

Para garantir a organização do nosso projeto, elaboramos um cronograma que nos guiará ao longo das atividades. Inicialmente, começaremos a ler as obras a partir do dia 08/09/2023, permitindo que todos tenham tempo suficiente para explorá-las em detalhes e refletir sobre suas impressões.

Além disso, escolhemos a narrativa ficcional de "O Alienista" por ser um clássico de Machado de Assis e adaptada em HQ pelo quadrinista Franco de Rosa, abordando temas muito relevantes sobre sanidade, loucura e dinâmicas sociais, além de retratar a cidade de Itaguaí pela voz narrativa dos cronistas que lá moravam.

Então, após três semanas, nos encontraremos pelo *WhatsApp* para iniciar nossos debates sobre a análise comparativa do conto e da HQ. A interação pelo aplicativo nos proporcionará uma experiência dinâmica e participativa, permitindo que todos contribuam para a construção do conhecimento de forma colaborativa.

Adicionalmente, faremos uso de uma plataforma *on-line* para aprofundar ainda mais nossas discussões. Nessa plataforma, poderemos explorar a narrativa tanto visual quanto textualmente, enriquecendo nossa compreensão e proporcionando uma experiência completa e envolvente para todos. Por último, estaremos em uma roda de conversa presencial com todos vocês.

Abraços!

Alunos do nono ano do Ensino Fundamental

Fonte: A autora.

Quadro 25 - Prática do gênero discursivo carta (aos alunos do EM)

Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2023

Oi, galera do terceirão,

Espero que estejam todos bem!

Queria agradecer muito por toparem participar dos debates sobre "O Alienista", do Machado de Assis, que virou HQ com o Franco de Rosa. Escolhemos essa história porque fala de paradas importantes como sanidade, loucura e como a galera se relaciona, além de mostrar a cidade de Itaguaí de um jeito bem diferente.

Pra organizar tudo direitinho, a ideia é começar a ler os livros agora e daqui a três semanas a gente se encontra no WhatsApp pra trocar ideias e falar o que achamos da história. Vai ser bem legal poder debater e compartilhar nossas visões.

Depois, vamos usar uma plataforma online pra continuar as discussões. Lá, cada um pode mostrar trechos que mais curtiu do conto e da HQ, misturando texto e imagem.

E pra fechar com chave de ouro, estamos planejando uma visita à escola de vocês! A diretora nos convidou, então vamos nos conhecer pessoalmente e continuar os debates de forma presencial. Estamos muito animados com essa oportunidade e espero que vocês também estejam.

Vamos embarcar nessa jornada literária juntos! Bora ler os livros e se preparar pra trocar muitas ideias.

Abraços,

Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

Fonte: A autora.

Essa atividade interativa por meio da escrita de *e-mails* e cartas tem o objetivo de desenvolver no aluno habilidades de reflexão, criticidade e autonomia ao interagir com interlocutores distintos. Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2017, p. 138) destaca que “o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo.”

Nessa perspectiva, é necessário que o aluno do EF utilize uma comunicação que atenda ao contexto e aos seus interlocutores. Uma vez que, escolher o registro apropriado (mais ou menos monitorado), adotar estratégias argumentativas eficazes e manter clareza e polidez são fatores relevantes para o sucesso ou insucesso do ato comunicativo.

Portanto, para lograr êxito na interação verbal interescolar, fundamentamo-nos em Bakhtin (2011), que ressalta a importância da comunicação no contexto social, destacando que as experiências e conhecimentos prévios de uma pessoa influenciam suas interpretações; em Charaudeau (2008), que concebe o discurso como um contrato comunicativo entre locutor e alocutário; em Koch (2018), que enfatiza a construção de sentido em relação ao outro e, por fim, em Orlandi (2020), para quem o discurso é uma prática social essencial para a construção de identidades.

7.3 DISCUSSÃO COLETIVA, CRÍTICA E REFLEXIVA

Essa etapa, conforme mencionado no início do Circuito didático, também foi adaptada. Ela ocorre no espaço da sala de aula e é fundamental para preparar os alunos do EF a atuarem nas discussões da etapa seguinte (7.3), que será desenvolvida por meio do *chat* (*WhatsApp*). Por isso, essa atividade tem o objetivo de promover questionamentos e debates, contribuindo para que os alunos construam e refutem ideias de modo articulado. Assim, a aprendizagem tende a ser mais significativa, principalmente quando os alunos veem suas contribuições sendo consideradas e compartilhadas. Para tanto, os alunos observam as capas de *O Alienista* e depois discutem, em grupos de até quatro alunos, sobre suas percepções. Em seguida, elaboram perguntas para apresentar ao restante da turma.

Imagen 6 - Capas de *O Alienista* - Conto



Fonte: Google Imagens (2024).

Seguem algumas perguntas elaboradas para enriquecer o debate:

- 1) O que a caricatura na capa de *O Alienista* quer falar ao leitor?
- 2) O que a imagem de Machado de Assis sugere ao leitor?
- 3) De que forma os cenários representados nas capas despertam a atenção do leitor para o ambiente da história?

Nessa experiência, os alunos são conduzidos a observar e refletir sobre como as diferentes linguagens contribuem para convidar o leitor a adentrar no universo ficcional da narrativa machadiana. Desse modo, promove-se no educando habilidades de inferência, multimodalidade, comunicação crítico-reflexiva e utilização de texto multissemiótico. (EF69LP05) (Brasil, 2017).

Nas próximas etapas, os alunos são orientados a analisar os acontecimentos, a estrutura narrativa, os recursos linguísticos e os elementos visuais presentes nas duas obras.

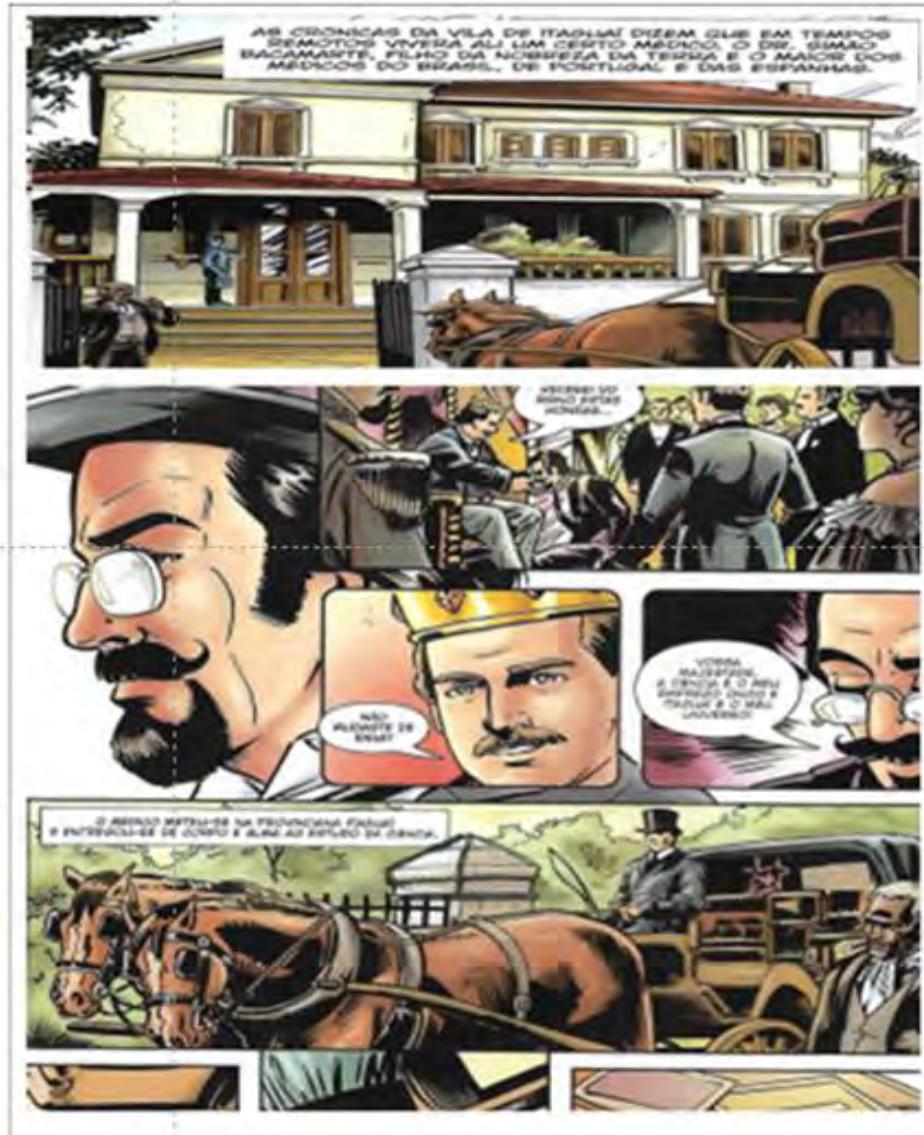
Essa abordagem permite uma compreensão mais minuciosa das diferentes formas de narrar a mesma história, percebendo as diferentes vozes no texto, desenvolvendo habilidades. (EF69LP47) (Brasil, 2017).

Quadro 26 - Trecho do cap. I *O Alienista*, p. 1-2.

<p>O Alienista Machado de Assis</p> <p>CAPÍTULO I - DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES</p> <p>As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.</p> <p>—A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.</p> <p>[..]</p> <p>Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção,—o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte comprehendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arrobo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.</p> <p>—A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.</p> <p>—Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais.</p>
--

Fonte: Assis (2000, p. 1-2)

Imagen 7 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 5-6).

Para incentivar a comparação entre o primeiro capítulo do conto *O Alienista* e os quadros retratados na HQ, os alunos são guiados a refletir sobre:

- 1) Como o primeiro capítulo do conto foi adaptado na HQ?
- 2) A adaptação visual na HQ contribui para compreender sobre as crônicas da vila de Itaguai?
- 3) Considerando as representações visuais do ambiente e das personagens na HQ, que elementos permitem inferir sobre a época em que Simão Bacamarte viveu?
- 4) De que modo a voz narrativa se manifesta tanto no conto quanto na HQ?
- 5) Como a conversa entre Bacamarte e Crispim no primeiro capítulo exemplifica as diversas vozes (polifonia) nos discursos?

- 6) De que maneira Crispim desafia o status de Bacamarte, refletindo a negociação de poder?
- 7) Quais estratégias discursivas Crispim utiliza no diálogo com Bacamarte para manter a coesão e introduzir novas interpretações?

Essa análise desenvolve habilidades de interpretação dialógica no aluno, levando-o a perceber a polifonia discursiva, as negociações de poder (resistência sutil dos discursos das personagens menos prestigiadas), além das estratégias discursivas introduzirem novas camadas de interpretação. Esse procedimento destaca a relevância de unir a literatura (conto) e a arte (HQ) para “implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.” (Brasil, 2017, p. 140). Além disso, busca despertar mais interesse ao promover a percepção artística, destacando quadros que possuem o *plano geral* e oferecendo uma visão panorâmica das cenas, a fim de situar a ambientação da história (Cagnin, 1975).

Quadro 27 - Trecho do cap. I *O Alienista*

Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

—A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

—Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais. [...] (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 1-2).

Imagen 8 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 13).

As perguntas a seguir colaboram para aprofundar a compreensão sobre as dinâmicas de poder e hierarquia social, reveladas por meio das nuances discursivas, textuais e imagéticas, afirmando ou subvertendo relações de poder entre as personagens.

- 1) Como as imagens representam a paixão de Simão Bacamarte pela ciência?
- 2) De que maneira as expressões das personagens complementam o diálogo sobre a saúde da alma?
- 3) Como a imagem visualiza a modéstia exterior de Simão Bacamarte, mencionada no texto?
- 4) Existe algum símbolo nas imagens que destaque a ideia de “louros imarcescíveis” mencionada por Bacamarte?

No segundo capítulo, é abordada a interação discursiva com base no trecho em que Bacamarte compartilha sua missão com Crispim Soares.

Quadro 28 - Trecho do cap. II - *O Alienista*.

CAPÍTULO II - TORRENTES DE LOUCOS

Três dias depois, numa expansão íntima com o boticário Crispim Soares, desvendou o alienista o mistério do seu coração.

—A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: "Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada". O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

—Um excelente serviço, corrigiu o boticário.

—Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

—Muito maior, acrescentou o outro.

Fonte: Assis (2000, p. 3-4).

Imagen 9 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 20).

Para fomentar o interesse pela ação discursiva entre as personagens, o professor pode propor que os alunos formem duplas e reflitam sobre:

- 1) Como as expressões e o cenário na HQ destacam as intenções de Bacamarte?
- 2) Como o conto e a HQ mostram a visão de Bacamarte sobre a caridade em seu estudo da loucura?
- 3) Como a adaptação para HQ contribui para a compreensão da temática central da obra?
- 4) Como o diálogo entre Bacamarte e o boticário demonstra uma troca equilibrada de ideias?
- 5) De que forma o diálogo sem dominação hierárquica entre Bacamarte e o boticário exemplifica uma comunicação eficaz?
- 6) Como o contexto histórico-social e as posições sociais das personagens influenciam o diálogo entre Bacamarte e o boticário?

A partir dessas análises, em ambas as versões, conto e HQ, os alunos podem perceber como o diálogo entre o boticário e Simão Bacamarte é caracterizado por um projeto de fala eficaz em que a troca de ideias ocorre numa posição hierárquica (Charaudeau, 2008). Esse cenário destaca a importância da coesão e coerência na articulação de ideias e revela a constituição das identidades dos participantes por meio da interação verbal. Enfatiza-se a linguagem como formadora do “self” (Koch, 2021), além de permitir aos alunos explorarem como esse diálogo é influenciado pelo contexto histórico-social e pelas posições das personagens refletindo as normas e as dinâmicas de poder de sua época (Orlandi, 2020).

Há, também, o discurso entre Padre Lopes e Bacamarte, em que os discursos se mantêm nas esferas de poder, ideologia e religião:

Quadro 29 - Trecho do cap. II- O Alienista

E tinha razão. De todas as vilas e arraiais vizinhos afluiam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubiculos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O Padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antiteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. O vigário não queria acabar de crer. Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

—Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

—Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

—Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...

—Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!

Fonte: Assis (2000, p. 4).

Imagen 10 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 22).

Para auxiliar o aluno a perceber o jogo comunicativo e a inter-relação em que estão presentes os elementos de poder e ideologia entre Bacamarte e Padre Lopes no diálogo apresentado, direcionam-se as perguntas:

- 1) Como a interação entre Bacamarte e Padre Lopes expressa diferentes formas de poder e autoridade, refletindo a oposição entre visões científicas e religiosas?
- 2) A HQ retrata a tensão entre ciência e religião na relação discursiva entre Bacamarte e Padre Lopes?
- 3) As expressões corporais e faciais ou a escolha de cores e sombras contribuem para transmitir essa tensão?
- 4) O formato visual adiciona camadas de significados à discussão?

No próximo trecho, há estratégias discursivas complexas com interesses distintos entre as personagens, influenciando em suas interações e no desenvolvimento da trama.

Quadro 30 - Trecho do cap. II - O Alienista

— O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos. A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta: — Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu. Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas: —Deus engendrou um ovo, o ovo, etc. Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 4).

Imagen 11 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 24-25).

Para orientar o aluno a entender a dinâmica do jogo da comunicação, o professor pode propor que organizem uma roda de conversa para levar o aluno a perceber:

1. Quais as dinâmicas discursivas complexas que influenciam as interações entre as personagens?
2. Como a HQ mostra as diferenças de opinião e poder entre as personagens?
3. De que maneira a adaptação em HQ demonstra a persistência de Bacamarte em capturar fugitivos?
4. Como as obsessões religiosas de personagens como João de Deus são representadas visualmente na HQ?
5. De que modo que a HQ retrata os delírios das personagens afetando suas escolhas e ações?
6. Qual é o impacto visual da representação de temas complexos, como poder e ciência versus fé, na compreensão da história?
7. De que modo a adaptação em HQ atribui camadas de entendimento aos conflitos e temáticas do conto?

No próximo capítulo do livro, o destaque é para um tema bastante relevante: a interação discursiva de domínio conjugal, particularmente o sofrimento de D. Evarista,

evidenciando a complexidade das relações sociais e familiares na sociedade da época. O professor pode guiar o aluno a perceber as variadas temáticas abordadas nesse contexto narrativo, convidando-o a refletir como diversos temas estão interligados. Isso permite entender esse diálogo como parte de um “contrato de comunicação”, em que o equilíbrio e a negociação de posições emocionais são basilares. Enfatiza-se, por conta desse procedimento, a complexidade nas trocas afetivas em contraponto ao descaso emocional de Bacamarte (Charaudeau, 2008).

Além disso, é perceptível como a coesão e coerência textuais ajudam o aluno a perceber como cada enunciado no diálogo se constrói sobre o anterior, garantindo fluidez e contribuindo para o desenvolvimento conjunto de ideias e posicionamentos. Em paralelo, o interdiscurso permite uma exploração mais profunda de como os diálogos entre o casal refletem e são moldados por discursos sociais dominantes sobre casamento, ciência, e fé, mostrando as ideologias que perpassam nessas interações e como influenciam as percepções e comportamentos individuais e coletivos (Orlandi, 2020).

Quadro 31 - Trecho do cap. III - *O Alienista*

CAPÍTULO III - DEUS SABE O QUE FAZ	
	Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres: caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e defininhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:
—	Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... [...]
—	Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.
D. Evarista	sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.
—	Irá com sua tia, redarguiu o alienista. [...]
D. Evarista	compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:
—	Deus sabe o que faz!
	Três meses depois efetuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticário, um sobrinho deste, um padre que o alienista conheceu em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguai cinco ou seis pajens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dali sair em certa manhã do mês de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 6-7).

Imagen 12 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 27).

Imagen 13 - Quadro de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 28)

Para isso, sugerem-se os seguintes questionamentos:

- 1) Como a adaptação para HQ retrata visualmente a interação entre D. Evarista e Simão Bacamarte, especialmente em relação à sua discussão sobre a viagem?

- 2) Quais são os recursos visuais (expressões faciais, postura, distância entre os personagens) usados para ilustrar a dinâmica conjugal?
- 3) Na HQ, quais elementos visuais destacam a relutância de D. Evarista em ir ao Rio de Janeiro e como a decisão afeta visualmente a representação da relação entre o casal?
- 4) Como a falta de empatia e atenção entre o casal é retratada através das imagens na HQ?
- 5) Existem quadros específicos que ilustram esse aspecto da relação deles?
8. Como a fala de D. Evarista, “Deus sabe o que faz”, reflete a ideia de vários discursos?

No capítulo seguinte, D. Evarista parte para o Rio de Janeiro, e Simão Bacamarte investe em novas pesquisas. Após analisar esse episódio, o professor pode propor perguntas e sugerir que os alunos coloquem em ação uma “mise-en-scène”, utilizando estratégias linguísticas para produzir sentido e influenciar os interlocutores (Charaudeau, 2008), que podem ser as personagens Simão Bacamarte, D. Evarista, Crispim Soares e o portador da notícia. (Encenação realizada pelos próprios alunos do EF).

Quadro 32 - Trecho do cap. IV - *O Alienista*

CAPÍTULO IV - UMA TEORIA NOVA

Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa idéia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heróicos.

Um dia de manhã,—eram passadas três semanas,—estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

—Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.[...]

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu: —Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante.

Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.[...]

Quanto à idéia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era "caso de matracas". Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. Naquele tempo, Itaguai que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; ou por meio de matracas. [...]

—Há melhor do que anunciar a minha idéia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.(...) (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 8).

Imagen 14 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 28).

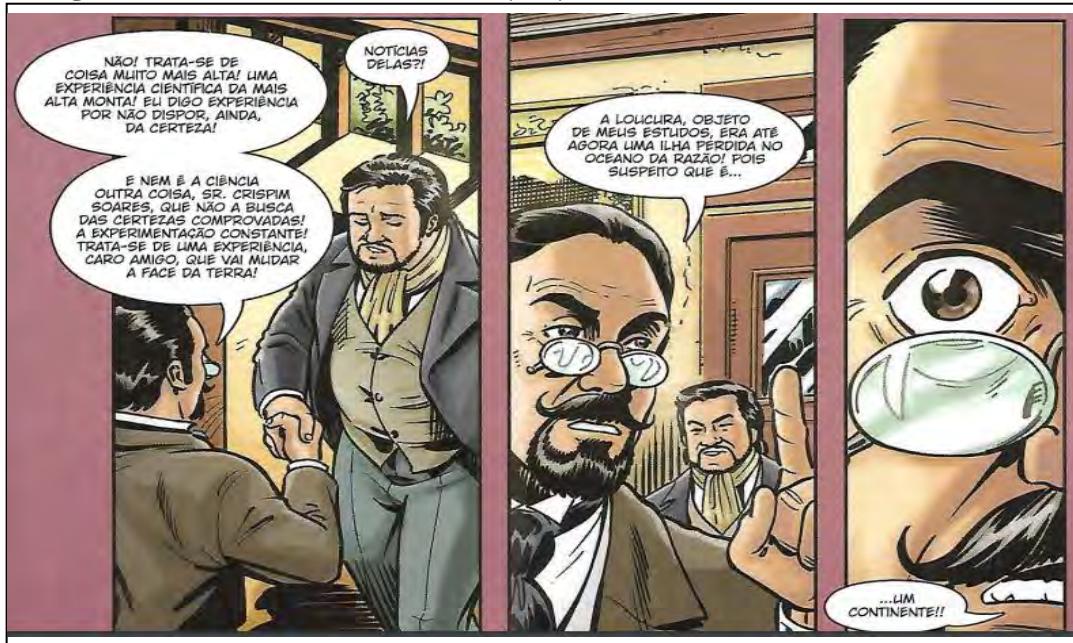
Imagen 15 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 29).

No próximo quadro, há uma fala emblemática de Dr. Simão Bacamarte “a loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (Assis, 2000, p. 83), que é retratada pela linguagem multissemiótica fidedigna à narrativa em prosa, sendo possível interpretar a relação iconográfica de maneira ampla (Cagnin, 1975).

Imagen 16 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 29).

Após analisar a fala de Bacamarte, a turma pode se organizar em grupos e montar uma enquete pelo aplicativo de mensagens (*WhatsApp*), a fim de considerar se o comportamento e as ações tomadas pelo protagonista Simão Bacamarte contribuem ou não para atingir os objetivos que ele almejava no jogo da comunicação. (Koch, 2018).

- 1) Os quadros da HQ ilustram de forma eficaz o impacto social e emocional das experiências do alienista sobre os moradores?
- 2) Baseando-se na declaração de Bacamarte e na representação gráfica na HQ, como a ideia de que a loucura pode ser um "continente" no "oceano da razão" desafia as concepções prévias sobre saúde mental na narrativa?
- 3) Como as interações verbais, influenciadas pelas relações de poder e contextos sociais moldam as experiências e as percepções dos indivíduos?
- 4) Se a narrativa de *O Alienista* ocorresse no século XXL, os meios digitais poderiam influenciar nas ações de Simão Bacamarte e de outras personagens?

Nesse sentido, pode-se aproveitar o episódio a seguir, em que o portador de notícias utiliza a “matraca” para divulgar os acontecimentos na província de Itaguáí:

Imagen 17 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 30)

Nesse momento, pode-se solicitar que os alunos do EF façam uma pesquisa em grupo sobre os meios de comunicação (do século XIX aos dias atuais), resultando em uma linha do tempo para ser utilizada num debate com alunos de outras turmas da escola via *WhatsApp* (Moran; Masetto; Behrens, 2013). Deve-se incluir seus responsáveis, para que eles também mencionem suas experiências com os meios de comunicação de sua época.

No próximo capítulo de *O Alienista*, a sugestão é promover um debate estruturado com grupos de até quatro alunos para explorar as complexidades sociais e interpessoais das interações verbais.

Quadro 33 - Trecho do cap. V - *O Alienista*

CAPÍTULO V - O TERROR

Quatro dias depois, a população de Itaguai ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

—Impossível!

—Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã.

—Mas, na verdade, ele não merecia...

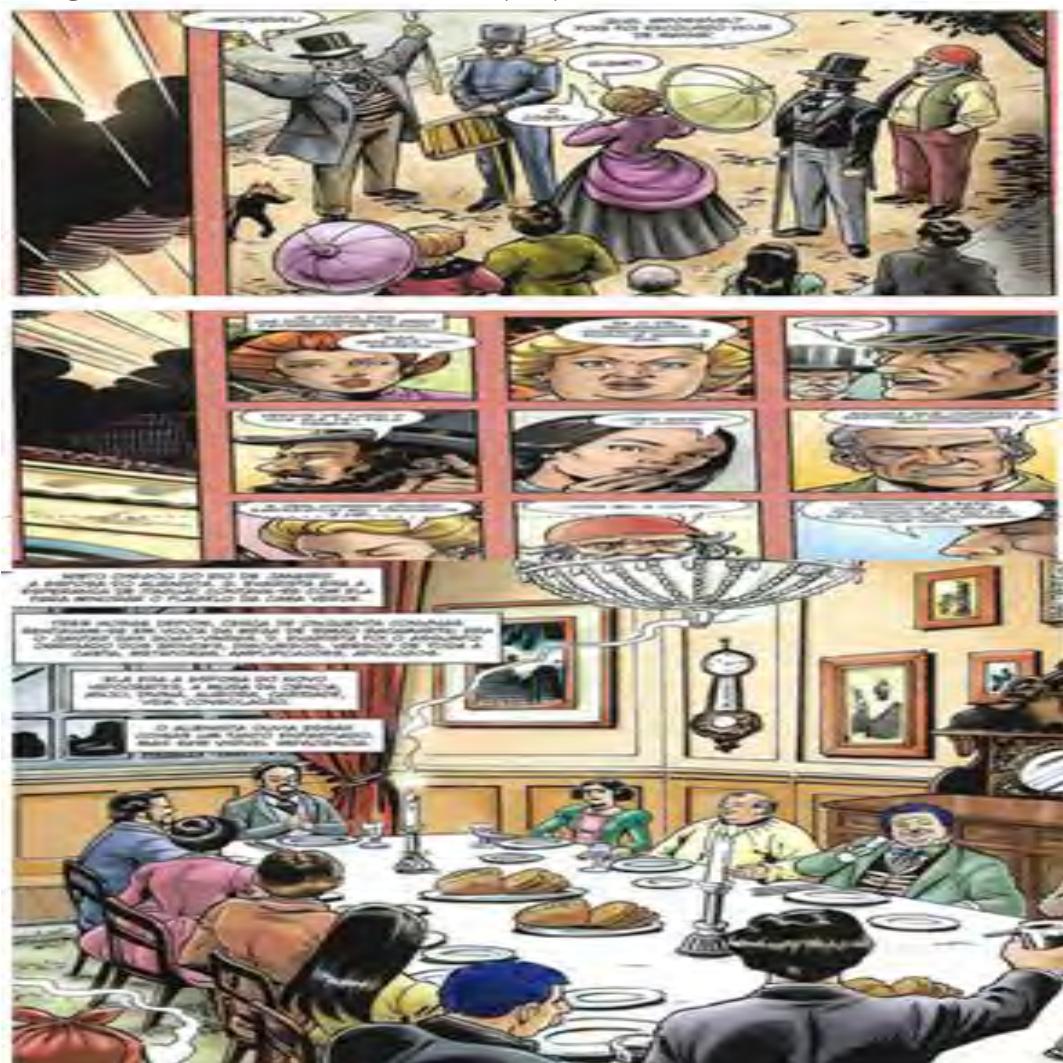
Ainda em cima! depois de tanto que ele fez... Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguai, herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem *usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. [...] Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e ele se risse dela, observou um desafêcoado, com certa perfidia: — "Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga". [...]

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, —ou quase toda—que algumas semanas antes partira de Itaguai. O alienista foi recebê-la, com o boticário, o Padre Lopes os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, — balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte—de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos e o prédito punha-se em marcha. D. Evarista era a esperança de Itaguai [...]

— Pobre moço! pensou o alienista. E continuou consigo: —Trata-se de um caso de lesão cerebral: fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo. (...) (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 10-14).

Imagen 18 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 32-41).

Em seguida, cada grupo prepara enunciados com base em:

1. De que forma a interação de Dr. Simão Bacamarte com Costa afeta a comunidade de Itaguaí, considerando as dinâmicas sociais, as relações interpessoais e as transformações nas percepções e comportamentos dos habitantes?
2. Como a expressão: “jantar das boas-vindas” reflete na percepção de loucura e normas sociais?

No decorrer, os alunos apresentam seus pontos de vista, seguido de um debate aberto entre os grupos. Ao final, compartilham suas conclusões sobre as complexidades da narrativa.

Com base nos capítulos VI, VII e VIII do referido livro, o professor pode guiar o aluno a observar as expressões faciais das personagens e como elas são descritas no conto, formando de maneira fidedigna um “sistema narrativo com dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelos desenhos e a linguagem escrita” (Cagnin, 1975), possibilitando, assim,

formas mais realísticas de interpretar as temáticas sobre loucura, poder e sociedade.

Quadro 34 - Trecho do cap. VI - *O Alienista*

CAPÍTULO VI - A REBELIÃO

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara. A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

— Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos. A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um despota; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a Câmara pagavam ao alienista...

— É falso! interrompeu o presidente.

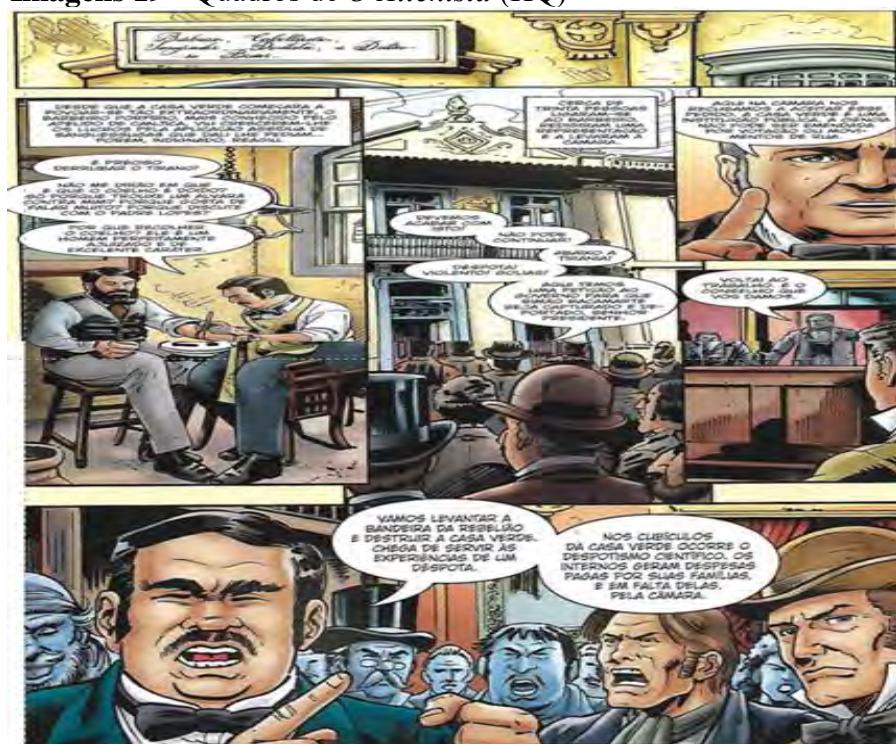
— Falso?

— Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela Câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio à ciência o instigava; e para demonstrar o erro, era preciso alguma coisa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a Câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público e não restituaria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde—"essa Bastilha da razão humana"—expressão que ouvira a um poeta local e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e, a um sinal, todos saíram com ele. (...) (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 17-18).

Imagens 19 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 43)

Quadro 35 - Trecho do cap. VII - *O Alienista*

CAPÍTULO VII - O INESPERADO

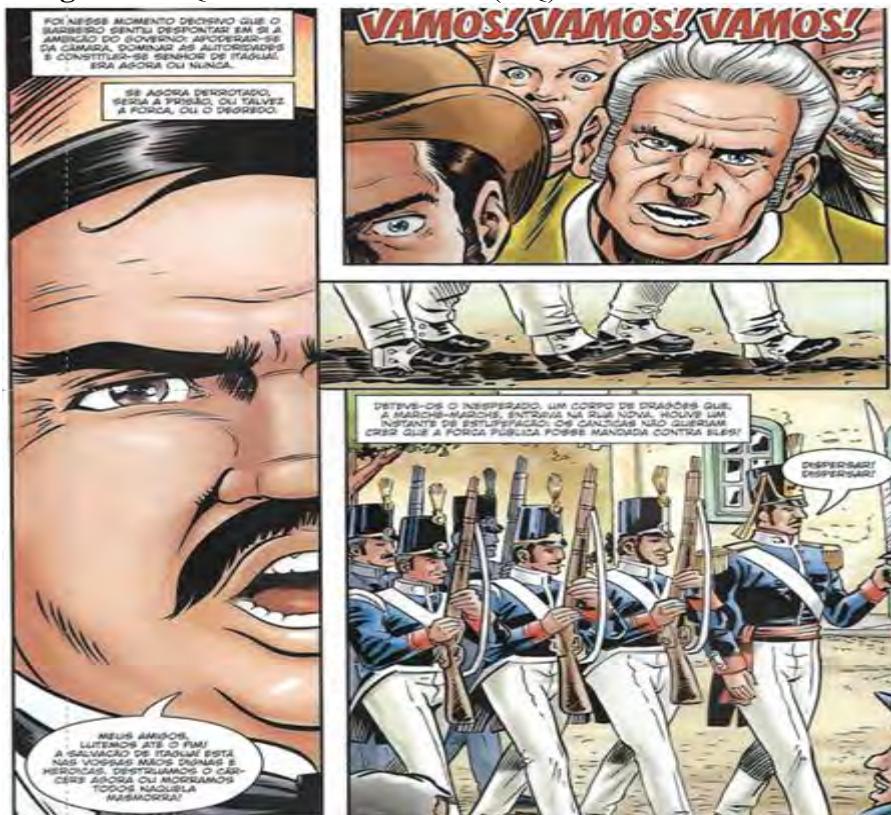
Chegados os dragões em frente aos Canjicas houve um instante de estupefação. Os Canjicas não queriam crer que a força pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro comprehendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse; mas, enquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos alevantados:

—Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguai.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou bufando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente quando um terço dos dragões,—qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declararam,—passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desanimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e um a um foram passando para eles, de modo que, ao cabo de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado com alguma gente contra uma massa compacta que o ameaçava de morre. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro. (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 21).

Imagen 20 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 48).

Quadro 36 - Trecho do cap. VIII - *O Alienista*

CAPÍTULO VIII - AS ANGÚSTIAS DO BOTICÁRIO

Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo,—foi a denominação dada à casa da Câmara,—com dois ajudantes-de-ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista.—Vai prendê-lo, pensou ele. E redobraram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: —a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarraria a um cadáver. Fê-lo Catão, é verdade, sed victa Catoni, pensava ele, relembrando algumas palestras habituais do Padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, ele era a própria causa vencida, a causa da república; o seu ato, portanto, foi de egoista, de um miserável egoísta; minha situação é outra.

Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente e meteu-se na cama.

—Lá vai o Porfirio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

—Vai prendê-lo, pensou o boticário.

[...] Os velhos cronistas são unânimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam, com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão: porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista (...) (ASSIS, 2000).

Fonte: Assis (2000, p. 23-24).

Imagen 21 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 51).

Após a análise, pode-se organizar uma roda de conversa e refletir sobre:

1. Como a linguagem visual na HQ afeta a percepção dos leitores sobre críticas sociais, especialmente em relação à sociedade de Itaguaí?
2. Como os capítulos VI, VII e VIII contribuem para a análise de discursos sobre loucura, poder e sociedade na HQ?
3. De que modo a interação entre texto e imagem nesses capítulos exemplifica um sistema narrativo de dois códigos (dupla codificação) que se completam para transmitir a mensagem?

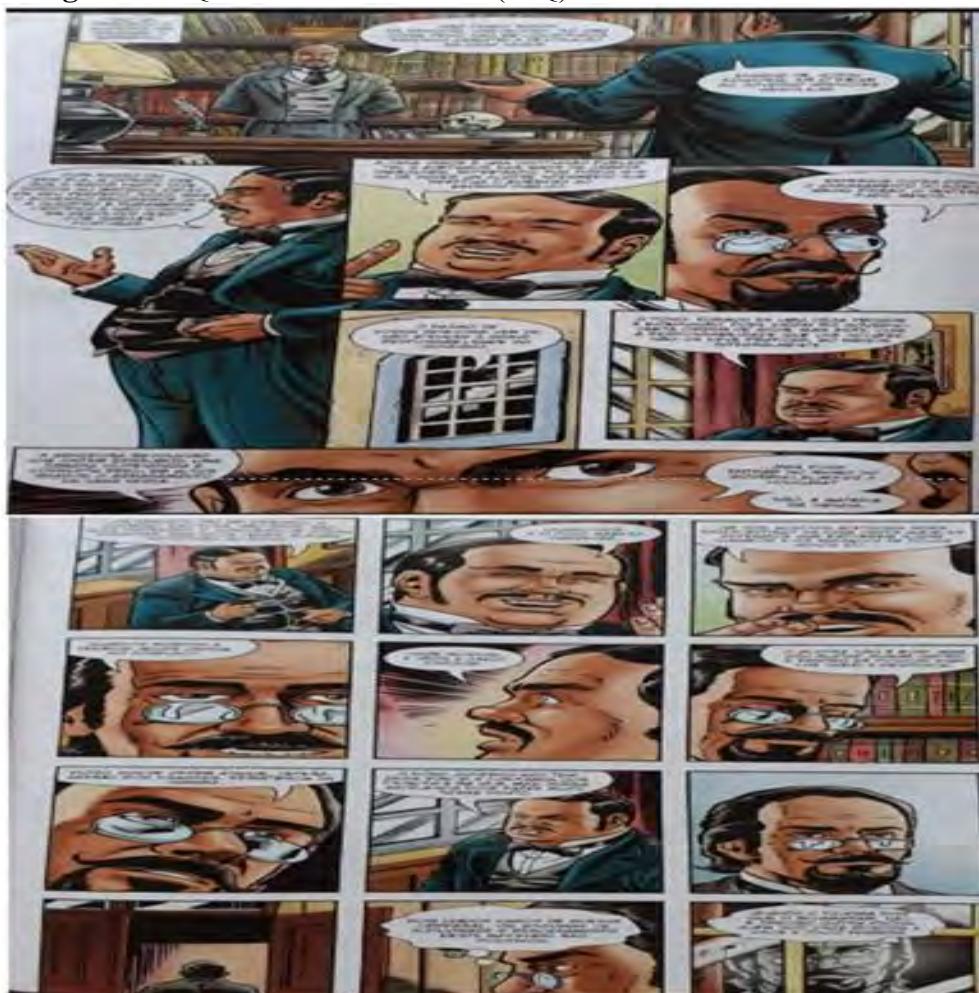
Para a leitura do próximo capítulo, o professor pode centrar a atividade na postura que o protagonista assume para comunicar e justificar seus experimentos e persuadir os habitantes de Itaguaí. Assim, evidencia a inter-relação entre suas práticas discursivas e como elas influenciam na construção de significados (Koch, 2018).

Quadro 37 - Trecho do cap. IX - O Alienista

CAPÍTULO IX - DOIS LINDOS CASOS
<p>Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir, e, portanto, estava prestes a obedecer. Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.</p> <p>— Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas... Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da Câmara dissolvida. Há entretanto—por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público.</p> <p>O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra coisa, o arrasamento do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos...</p> <p>—O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não atender à grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade que lhe dá em tal caso legitima indignação, pode exigir do governo certa ordem de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os deve praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. [...]</p> <p>—Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito? perguntou Simão Bacamarte depois de uns três minutos.</p> <p>O barbeiro ficou espantado da pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.</p> <p>—Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou três vezes o alienista.(...) (ASSIS, 2000)</p>

Fonte: Assis (2000, p. 24-25).

Imagen 22 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 52-53).

Após a reflexão crítica, a turma pode ser dividida em duplas para que mencionem suas percepções a respeito dos discursos utilizados por Simão Bacamarte a fim de convencer os habitantes de Itaguaí sobre a relevância e eficácia de seus experimentos. Durante essa atividade, os alunos podem ser levados a avaliar:

1. Como Dr. Bacamarte comunica suas intenções e justifica seus experimentos com pacientes específicos?
2. Quais reações essa atitude do alienista provoca nos cidadãos de Itaguaí?
3. Quais os momentos de maior tensão política e social no diálogo entre o Dr. Bacamarte e outros personagens?

Os capítulos X, XI, XII e XIII são marcados por jogos da comunicação compostos por atmosferas de reconstrução das relações sociais, políticas e turbulências em Itaguaí, causadas pela atuação de Simão Bacamarte, culminando em um desfecho que impacta o leitor. Em função disso, o professor pode dividir a turma em estações para destacarem os pontos mais relevantes nas interações discursivas das personagens. Isso pode ser feito até que todas as

estações leiam os quatro capítulos. Ao final, realizam um debate para compartilhar como os elementos discursivos são cuidadosamente constituídos nos dois formatos: conto e HQ.

Quadro 38 - Trecho do cap. X - *O Alienista*

CAPÍTULO X – RESTAURAÇÃO

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava "vendido ao ouro de Simão Bacamarte", frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. Porfírio vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente com grandes frases que o ato de Porfírio! era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio! ignominiosamente e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma Câmara corrupta, falou este de "um intruso eivado das más doutrinas francesas e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade", etc.

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio e bem assim a de uns cinquenta e tantos indivíduos que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião.

Este ponto da crise de Itaguai marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e pediu-o. (...) (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 26).

Imagen 23 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 55-56).

Quadro 39 - Trecho do cap. XI - *O Alienista*
CAPÍTULO XI - O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

— Todos? — Todos.

— É impossível; alguns sim, mas todos...

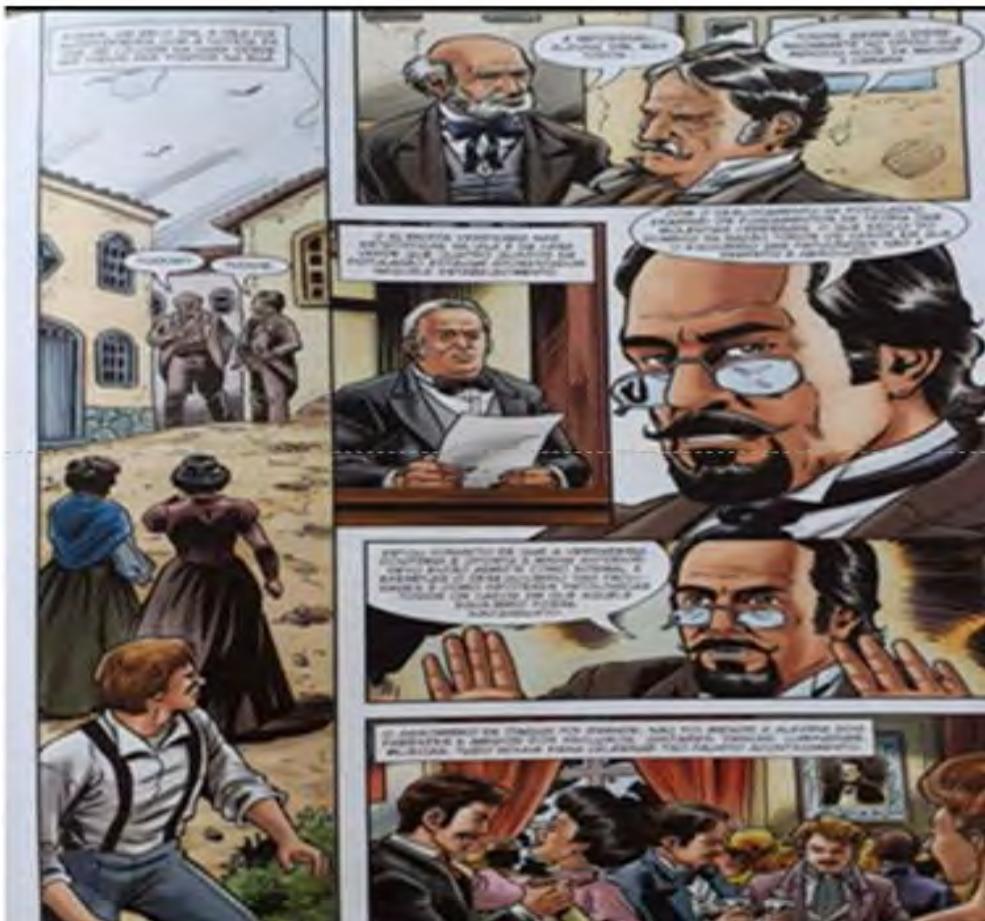
Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara De fato o alienista oficiara à Câmara expondo:— 1º que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º que esta deslocação de população levara-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluia da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse exame e do fato estatístico, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achasse nas condições agora expostas; 5º que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6º que restituía à Câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde.

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito; mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas.

E vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do § 4º, uma frase cheia de experiências futuras. (...) (ASSIS, 2000)

Fonte: Assis (2000, p. 28-29).

Imagen 24 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 57).

Quadro 40 - Trecho do cap. XII - *O Alienista*

CAPÍTULO XII - O FINAL DO § 4º.

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Câmara exercia outra vez o governo sem nenhuma pressão externa; o presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus lugares. [...]

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; acrescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiriam-se tomados de profundo reconhecimento e fervido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. [...]

Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução e apreciou muito a magnanimidade do alienista, que ao dar-lhe a liberdade estendeu-lhe a mão de amigo velho.

—É um grande homem, disse ele à mulher, referindo aquela circunstância.

Não é preciso falar do albardeiro, do Costa, do Coelho, do Martim Brito e outros especialmente nomeados neste escrito; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martim Brito, recluso por um discurso em que louvara enfaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do insigne médico—“cujo altíssimo gênio, elevando as asas muito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra”.

—Agradeço as suas palavras, retrorquin-lhe o alienista, e ainda me não arrependo do haver restituído à liberdade [...].

—A vereança, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a postura com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às invectivas dos colegas mostravam que a parte dele um cérebro bem organizado; pelo que rogava à Câmara que lho entregasse. A Câmara sentindo-se ainda agraviada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista e votou unanimemente a entrega [...].

Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente. O Padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do boticário quarenta dias. A reclusão desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas no tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o à Casa Verde.

—Um caso destes é raro, disse ele à mulher pasmada. [...]

A proposta colocou o pobre boticário na situação do asno de Buridan. Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde; e nessa luta esteve algum tempo, até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitiria os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último rasgo de egoísmo pusilâme pareceu sublime ao alienista. [...]

—Sem dúvida: vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e confie-lhe a causa.

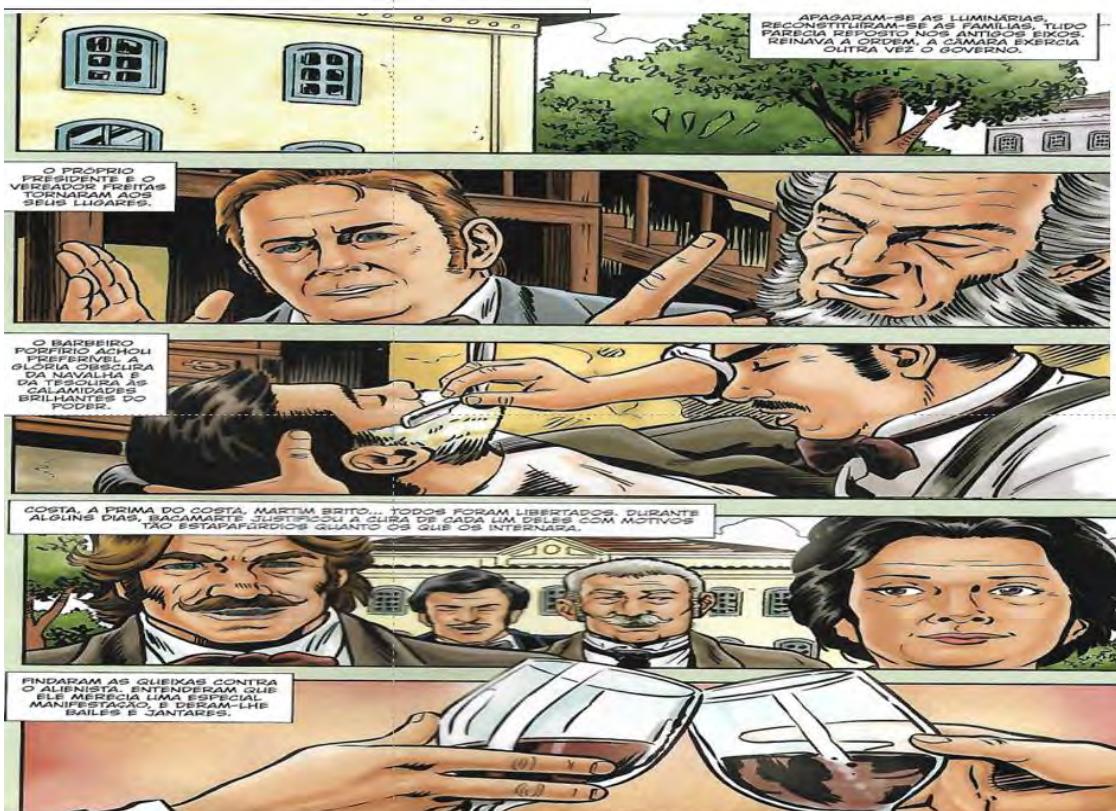
O homem foi ter com o advogado, confessou ter falsificado o testamento e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não se negou o advogado; estudou os papéis, arrazoou longamente, e provou a todas as luzes que o testamento era mais que verdadeiro. A inocência do réu foi solenemente proclamada pelo juiz e a herança passou-lhe às mãos. O distinto jurisconsulto deu esta experiência a liberdade. [...]

—O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversa do barbeiro com os principais da vila.

Dois dias depois o barbeiro era recolhido à Casa Verde.—Preso por ter cão, preso por não ter cão! exclamou o infeliz. (...) (ASSIS,2000)

Fonte: Assis (2000, p. 29-31).

Imagen 25 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 58).

O desfecho: Plus Ultra!

Quadro 41 - Início do cap. XII - *O Alienista*

CAPÍTULO XIII - PLUS ULTRA!

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista faz curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico.
[...]

—Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio. [...]

—Realmente, é admirável! Dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e enfunada dos dois ex-dementes. Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir. No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! [...]

Nas explosões da cólera escaparam-lhe expressões soltas e vagas, como estas: —Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de ungüentos falsificados e podres... Ah! tratante!... Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras, bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava enfim restituída ao perfeito desequilíbrio das faculdades; e prontamente lhe deu alta. Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. Plus ultra! era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí. o reinado da razão.

Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria. —Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade. Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. [...] (ASSIS, 2000)

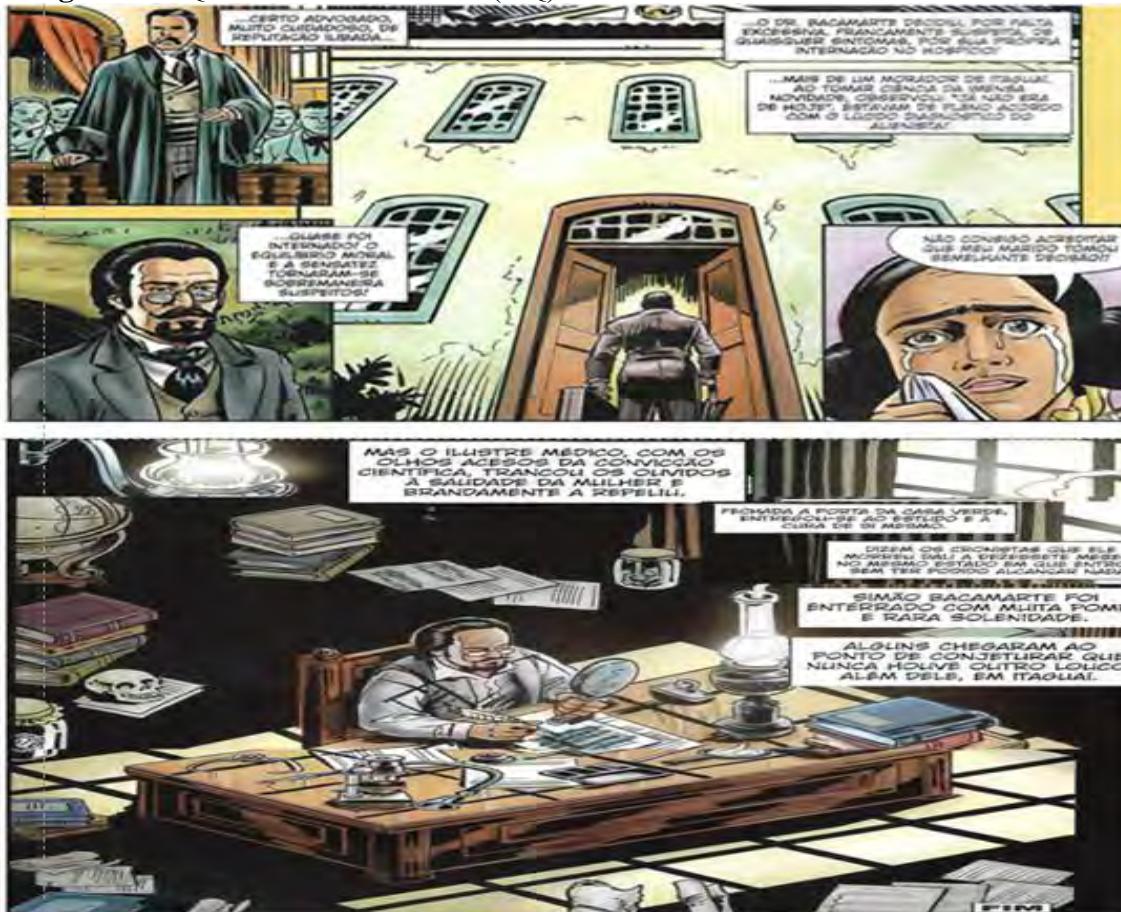
Fonte: Assis (2000, p. 32-34).

Imagen 26 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Assis (2020, p. 59).

Imagen 27 - Quadros de *O Alienista* (HQ)



Fonte: Rosa (2019, p. 63-64).

No decorrer do debate, o professor pode verificar se os alunos conseguiram entender a proposta solicitada. Para isso, pode-se observar se eles interagem de modo a elucidar alguns pontos importantes como:

- 1) Como a comunidade de Itaguaí reagiu aos resultados apresentados por Bacamarte?
- 2) A HQ ilustra o jogo da comunicação sob a influência de Bacamarte?
- 3) De que forma a HQ aborda as estratégias discursivas utilizadas na substituição do governo e na manutenção da influência de Bacamarte?
- 4) São apresentados elementos que enfatizam a manipulação discursiva de poder?
- 5) Na HQ, o jogo discursivo em torno da internação da esposa de Bacamarte contribui para aprofundar o debate sobre sanidade e loucura?

Nesses capítulos analisados, percebe-se uma complexa dinâmica social e política provocada pelas inovações de Simão Bacamarte em Itaguaí, destacando-se pela exploração dos limites do conhecimento sobre a mente e as repercussões dessas ações na comunidade.

Isso é exemplificado pela carnavalização nas relações discursivas das personagens, em que o caos momentâneo desencadeia uma reflexão sobre as relações de poder e construção social da loucura e da normalidade (Bakhtin, 2011).

Durante toda a narrativa, há o entrelace do “contrato de comunicação” e da coesão/coerência nas interações entre as personagens, refletindo sobre como Bacamarte tenta reconfigurar as percepções de normalidade por meio de seus diálogos e ações. (Charaudeau, 2008; Koch, 2021).

A presença do interdiscurso durante toda a narrativa revela como a comunidade de Itaguaí reage aos experimentos de Simão Bacamarte e como todos dialogam com outros discursos (médicos, religiosos, filosóficos etc.) mais amplos, desafiando as concepções estabelecidas de autoridade e loucura (Orlandi, 2020).

Por fim, percebe-se como a interação verbal num *locus* de formação de significados e de identidades, em que a linguagem é utilizada na obra para narrar eventos e transitar na construção de uma realidade em constante transformação (Geraldi, 2006), enfatiza a natureza cíclica do poder e das normas sociais, utilizando a loucura e a ciência como um prisma para explorar a fluidez das estruturas sociais e culturais.

7.4 PRODUÇÃO COLETIVA E CRÍTICA

Nessa etapa, deve-se observar o quanto o aluno aprendeu a trabalhar em parceria, a contribuir para a produção de um texto coletivo, partindo de suas reflexões e produções discursivas. Desse modo, a interação retoma aos níveis situacional, comunicacional e discursivo, articulando os elementos da comunicação (Charaudeau, 2008) com os interlocutores distintos: alunos da terceira série do EM, professores e coordenadores de um colégio estadual, para que continuem interagindo no jogo da comunicação por meio do *modo como* o que se diz é *dito*: a enunciação deixa no enunciado *marcas* que indicam (“mostram”) a que título o enunciado é proferido (Koch, 2018).

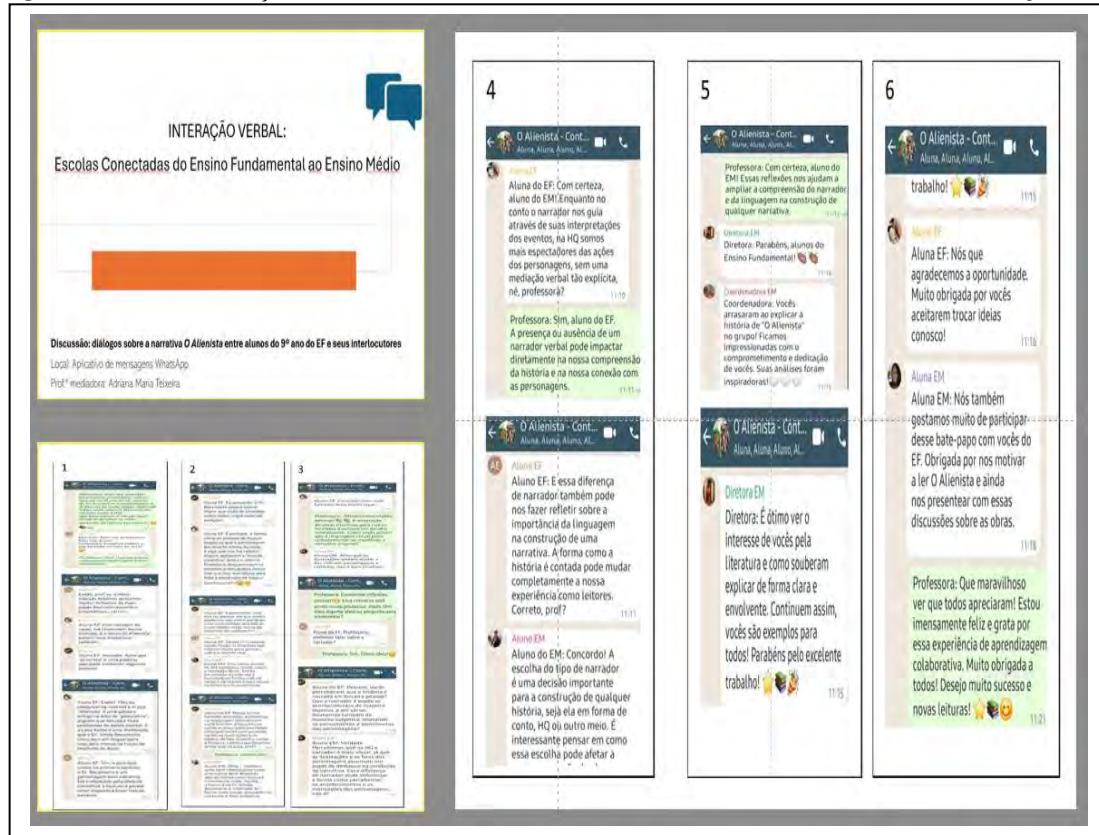
Nesse sentido, o aluno do EF, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela situação de comunicação, utiliza-se de categorias da linguagem ordenadas para constituir seu discurso, objetivando colocar em ação o contrato de comunicação acordado anteriormente por *e-mail* e carta.

Isso posto, esse é o momento em que se inicia o “*mise-en-scène*” propriamente dito, em que os alunos do nono ano do EF interagem com seus interlocutores e correspondem às expectativas deles na troca linguística (Charaudeau, 2008). Concomitantemente, o aluno do

EF mais uma vez será orientado a perceber que o discurso se materializa na linguagem em movimento, na relação entre língua e ideologia, em que *abstrações* se tornam concretas através da enunciação num dado contexto específico de interação verbal (Orlandi, 2020).

Além disso, os alunos do EF e seus interlocutores interagem virtualmente pelo *chat* (*WhatsApp*), discutindo suas percepções sobre a análise comparativa de *O Alienista* nos formatos conto e HQ. Nesse contexto, o professor interage utilizando estratégias para promover a participação ativa de seus alunos durante a interlocução, incentivando-os a desenvolver habilidades comunicativas e a compreender a natureza social e dialógica da linguagem (Bakhtin, 2011).

Quadro 42 - Interação discursiva sobre a narrativa de *O Alienista* – conto e HQ



Fonte: A autora.

Essa prática interlocutora, com base nas habilidades: (EF89LP12), (EF89LP15) (Brasil, 2017), promove expressão criativa e comunicação eficaz. Além de contemplar a Aprendizagem Colaborativa (Behrens, 2004) e enfatizar a relevância de inserir gêneros discursivos midiáticos para um ensino mais dinâmico e contextualizado (Rojo, 2013).

Corroborando para o esquema ator-ação-meta, em que o aluno do EF é levado a perceber que em todo contrato de comunicação existe um entrelace comunicativo com dois

sujeitos – um externo e um interno: no “FAZER”, temos os sujeitos “externos”, EUc (Eu-comunicante) e TUi (Tu-interpretante), focados na ação e interação. No “DIZER”, estão os “internos”, EUe (Eu-enunciador) e TUd (Tu-destinatário), envolvidos com a enunciação e recepção da mensagem. Esse entrelaçamento ocorre para *dar conta dos possíveis interpretativos que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação* (Charaudeau, 2008).

7.5 PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO FINAL (PRÁTICA SOCIAL)

Nessa etapa, o professor pode orientar os alunos do EF a organizarem uma roda de conversa presencial com seus interlocutores. Sugerindo que a turma elabore um roteiro contendo suas percepções sobre as interações discursivas das personagens e trechos da narrativa nos formatos conto e HQ, visando facilitar a mediação, manter o foco, incentivar a participação e compartilhar significados, gerando aprendizagem *colaborativa* (Behrens, 2004).

Com essa prática pedagógica, o professor levará o aprendiz a perceber que, ao interpretar a narrativa de *O Alienista* em conto e HQ, ele interage com o texto (Geraldi, 2006), colocando-se como um agente ativo e reflexivo, capaz de perceber que a enunciação é um elemento essencial na produção de significados, nos efeitos de sentido (EF69LP19) e na constituição dos sujeitos (Orlandi, 2020).

Além disso, aperfeiçoam-se as habilidades comunicativas dos alunos do EF, visto que, ao ensinar, produzem discursos em contextos específicos, ultrapassando a mera expressão de opiniões (Koch, 2018). Consequentemente, ao utilizarem enunciados que se ajustam aos discursos simétricos e assimétricos de seus interlocutores, promovem *um verdadeiro lugar de ancoragem para o debate e a reflexão* (Charaudeau, 2004).

Nessa prática de locução e interlocução, o educando realiza a escuta ativa, focada no processo de criação das estratégias discursivas situadas e nos recursos linguísticos e multissemióticos, assim como nos elementos paralingüísticos e cinésicos, gerando aprendizagem multimodal. (Brasil, 2017) Com isso, aprofundam-se na compreensão da natureza social e dialógica da linguagem, que se torna *entrelaçada pelas múltiplas vozes* no contexto da interação verbal, permitindo explorar nuances, percebendo que *a palavra é o território comum do locutor e interlocutor* (Bakhtin, 2011).

7.6 AVALIAÇÃO COLETIVA DO PROJETO

Essa etapa de avaliação coletiva do projeto pode ocorrer por meio de plataforma digital, momento em que todos os envolvidos expressam suas reflexões, destacando pontos positivos e negativos. Nesse sentido, relatam possíveis ajustes que os alunos do EF poderão utilizar em seus novos projetos. Essa troca de ideias contribui para o crescimento e amadurecimento do grupo como um todo (Behrens, 2004).

Além disso, toma-se como parâmetro para essa prática de aprendizagem colaborativa, o que a BNCC (Brasil, 2017, p. 78) preconiza no Eixo da Oralidade “compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência.” Nesse sentido, a plataforma foi pensada como uma estratégia para promover o debate, tornando-o mais dinâmico e contribuindo para aumentar o engajamento e a motivação de todos os participantes, independentemente de onde estejam.

Consequentemente, ampliam-se a compreensão da diversidade de linguagens e o uso dos meios digitais na contemporaneidade (Rojo, 2013). Após essa etapa, os alunos do EF podem desenvolver novas estratégias para dar sequência a esse projeto de interação verbal, como organizar *podcasts* e postar na internet para que outros alunos tenham acesso, ou além disso, criar um *blog* com as etapas desenvolvidas durante o Circuito didático, resultando em um jogo interativo denominado *O Alienista em ação: discursos de poder e suas consequências*, com cenários interativos e narrativa não-linear. Nesse contexto, haverá interações verbais com jogadores distintos que precisarão desvendar, individual e coletivamente, pistas e informações reveladoras para a resolução de enigmas e avanços na história.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atender aos propósitos desta pesquisa, visando a contribuir para o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas, relacionadas à locução e interlocução, de alunos do EF, desenvolvemos um Circuito Didático com estratégias pedagógicas específicas para estudantes do nono ano do EF de modo a se relacionarem com interlocutores distintos: alunos do terceiro ano do EM, professores e coordenadores de um colégio estadual.

Defendemos que o ensino de Língua Portuguesa deve promover didáticas que ultrapassem os limites da sala de aula. Dessa maneira, justifica-se a necessidade de produzir práticas pedagógicas que desenvolvam no aluno do EF a consciência linguístico-discursiva, levando-o a refletir que o enunciado, quando construído em um contexto específico, refere-se à manifestação da linguagem em seu uso. Em outras palavras, o sentido do enunciado ocorre por meio do processo interativo entre os sujeitos, resultando em uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Mediante a essa perspectiva, o segundo capítulo, *Referencial teórico*, articula os princípios teóricos de base linguística que direcionam o Circuito Didático desenvolvido nesta pesquisa. Inicia-se com as contribuições de Bakhtin (2011), destacando a importância da interação verbal e dos gêneros discursivos na atividade linguística, em que a linguagem é construída pela interação social, permeada por diversas vozes – carregadas de traços identitários e de intenções discursivas.

Na sequência, destacamos a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008), com foco no Contrato de Comunicação, evidenciando como locutores e interlocutores constroem significados por meio de sujeitos do mundo real e do plano discursivo, em que o sucesso da interação depende dos princípios de aceitabilidade, verdade e eficácia. Nesse sentido, a dinâmica da ação comunicativa se constitui pela presença de dois tipos de sujeitos: os externos (comunicante ou locutor e destinatário) e os internos (enunciador e interpretante ou alocutário).

Assim, o sujeito comunicante, que é um sujeito externo, representa o ser do mundo real, como o aluno do nono ano do EF, responsável por elaborar o enunciado e, ao encenar o discurso na “mise-en-scène”, se torna sujeito enunciador. Enquanto os sujeitos interpretantes reais (interlocutores distintos: alunos do terceiro ano do EM, professores e coordenadores de um colégio estadual) são sujeitos destinatários e recebem o enunciado.

Nesse cenário, os interlocutores, ao participarem do discurso como sujeitos interpretantes ou alocutários, têm a função de decidir se aceitam ou não o conteúdo que lhes

foi enviado. Essa interação entre sujeitos externos e internos é indispensável para entender a comunicação como um processo complexo. Nela, a comunicação responsiva é essencial para construir significados e garantir que a comunicação seja eficaz.

Além disso, destaca-se as contribuições de Koch (2018, 2021) pela perspectiva da Linguística Textual, enfatizando a relevância do sujeito na coconstrução e modulação de seus enunciados durante o jogo da comunicação, transitando do nível individual ao social, ressaltando a importância do contexto e das práticas comunicativas na formação dos textos. Para isso, a autora se apoia na teoria dos atos de fala, mostrando que todo enunciado tem um aspecto locucionário, ilocucionário e perlocucionário, essenciais para a construção do sentido no processo comunicativo. Com isso, Koch (2018, 2021) elucida que a linguagem é uma ação intencional e estratégica, cada expressão é moldada para alcançar determinados resultados, logo, a interação verbal é vista como um “jogo”, em que a cooperação é fundamental para o sucesso comunicativo, seguindo máximas como a quantidade, qualidade, relevância e modo.

Mediante a essas abordagens, descobrimos que a integração das teorias de Bakhtin (2011), Charaudeau (2008) e Koch (2018, 2021) enriquece o ensino de Língua Portuguesa, promovendo uma compreensão crítica das práticas discursivas em contextos reais de comunicação, sendo indispensáveis para a construção do Circuito Didático com práticas de interação verbal.

O terceiro capítulo sobre *Interação verbal no ensino de Língua Portuguesa* analisa os Livros Didáticos Pedagógicos (LDPs) da coleção *Se Liga na Língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (6º ao 9º anos do EF). Na investigação, constatou-se uma lacuna no ensino de língua materna: as propostas pedagógicas negligenciam práticas de interação verbal em esferas situadas e sistematizadas de comunicação, tanto em sala de aula quanto para além dela.

Mediante a isso, percebemos a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas colaborativas e contextualizadas em que o aluno seja agente ativo na construção da aprendizagem. Desse modo, evidencia-se a importância de repensar e aprimorar práticas interativas no ensino de língua materna, visando proporcionar ao aprendiz uma formação mais completa e eficaz no desenvolvimento de habilidades sociodiscursivas.

Além disso, destaca-se a evolução do ensino de Língua Portuguesa e as concepções de língua e ensino presentes na BNCC, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos PCN, com base nas contribuições de teóricos como Bakhtin (2011), Charaudeau (2008), Geraldi (2006), Koch (2018), Orlandi (2020), e Rojo (2013).

O quarto capítulo, *O Alienista: conto e HQ*, volta-se à análise comparativa em duas

modalidades: conto, escrito por Machado de Assis, e HQ adaptada por Franco de Rosa. Abordamos enredo, personagens, autor, estrutura e conteúdo, explorando como a linguagem se entrelaça nas múltiplas vozes durante os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário das personagens, tanto na trama ficcional machadiana quanto em sua representação na linguagem quadrinística. A relevância dessa análise se concentra em como a linguagem rica e crítica do conto se mescla à linguagem visual da HQ, enriquecendo a narrativa e sua permanência em épocas distintas. Importante ressaltar que a adaptação do conto em HQ mantém “a essência do texto enquanto explora o potencial visual da narrativa gráfica” (Cagnin, 1975, p. 45).

No quinto capítulo, *Carta, e-mail e chat nas interações discursivas*, exploramos a importância dos gêneros discursivos carta (valor sócio-histórico-cultural), *e-mail* (linguagem mais monitorada) e *chat* (comunicação menos monitorada e multissemiótica) para contribuir com uma aprendizagem interdisciplinar e significativa. Por meio desses gêneros discursivos, os alunos são conduzidos a desenvolver habilidades de reflexão e compreensão textual, resultando em uma comunicação mais eficaz. Ao produzir e interpretar esses formatos, os alunos têm a oportunidade de organizar ideias, argumentar e compreender propósitos comunicativos, tornando a aprendizagem mais próxima de sua realidade.

O sexto capítulo *Metodologia do Circuito didático* destaca a metodologia para a construção do Circuito didático, alicerçada na Aprendizagem Colaborativa (Behrens, 2004), amparando-se em quatro pilares: *aprender a conhecer* colocando a aprendizagem como processo de descoberta contínua; *aprender a fazer* integrando teoria e prática, cultivando habilidades críticas e colaborativas para solucionar problemas cotidianos; *aprender a estar junto* promovendo e valorizando o trabalho em equipe e a troca de experiências, e *aprender a ser* encorajando a formação de indivíduos conscientes, empáticos e atuantes na sociedade.

No sétimo, e último capítulo, apresentamos a proposta de Circuito Didático amparada na teoria Colaborativa da Aprendizagem (Behrens, 2004). O objetivo do circuito é contribuir para fortalecer o desenvolvimento de habilidades comunicativas com práticas pedagógicas que promovam a interação verbal em diversas esferas, conforme preconizado pela BNCC (Brasil, 2017).

Nesse sentido, o Circuito Didático tem o propósito de colocar o aluno do EF como protagonista (ator-meta-ação) no processo de uso real da linguagem, utilizando a expressão oral e escrita em situações autênticas. Espera-se, por isso, enriquecer e expandir o repertório linguístico dos alunos, proporcionando-lhes uma aprendizagem mais expressiva, colaborativa e alinhada às demandas do mundo contemporâneo.

Vale ressaltar que, embora almejássemos utilizar, nesta pesquisa, os procedimentos metodológicos pressupostos na pesquisa-ação (Thiollent, 1988), enfrentamos alguns desafios para sua implementação. Entre eles, as circunstâncias impostas pelo contexto pós-pandemia de Covid-19 que requereu mitigar lacunas de aprendizagem referente à série anterior (8º Ano) e assegurar a progressão curricular da série vigente (9º Ano), limitando o tempo para colocar em prática as etapas do Circuito didático proposto.

Portanto, sugere-se que este Circuito Didático atenda a novos estudos sobre estratégias pedagógicas que visem a fortalecer habilidades comunicativas dos alunos do nono ano do EF, incentivando-os a interagir com interlocutores distintos em ambiente escolar e extraescolar mais real.

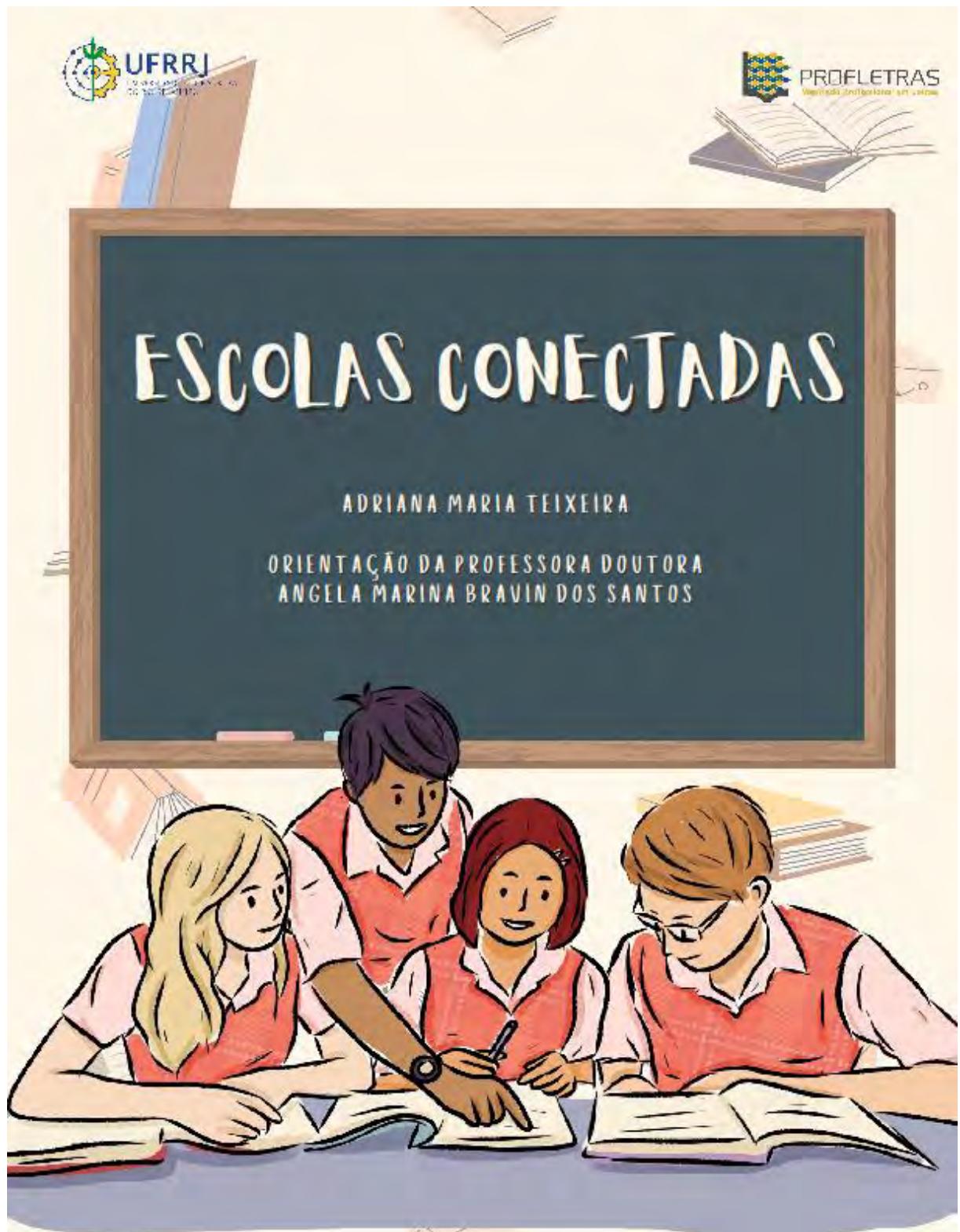
REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Machado de Assis**: biografia. Rio de Janeiro, [2024]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ASSIS, M. **Guardados da memória**. [S. l.: s. n], [2024]. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.academia.org.br/abl/media/RB%2056-GUARDADOS%20DA%20MEMORIA.pdf. Acesso em: 5 maio 2024.
- ASSIS, M. **O alienista em HQ**. Adaptação de Franco de Rosa. Ilustração de Arthur Garcia. São Paulo: Melhoramentos, 2020.
- ASSIS, M. **O alienista**. São Paulo: Ática, 2000.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.
- BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- BOSI, A. (org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 maio 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.). **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD; FALE; UFMG, 2004. p. 13-41.
- DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE M. L. C.V. O.; AQUINO, Z. G. **O Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua materna. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e o ensino de português. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 33-37.
- HEINE, P. B. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. **Linguagem Em (Dis)Curso**, Tubarão, v. 8, n. 1, p. 149-174, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322008000100007>. 2008.

- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem.** 11. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- LIMA, H. **Variações sobre o conto.** Rio de Janeiro: MEC-Serviço de Documentação, 1952.
- MAMEDE, C. **Uma imagem pode valer mais do que mil palavras:** o conhecimento prévio e a inferência a favor da construção de sentidos na linguagem não verbal das HQs e das tiras. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (org.). **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem (6º ano). São Paulo: Moderna, 2018a.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem (7º ano). São Paulo: Moderna, 2018b.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem (8º ano). São Paulo: Moderna, 2018c.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua:** leitura, produção de texto e linguagem (9º ano). São Paulo: Moderna, 2018d.
- ROJO, R. (org.). **Escola conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.
- SOARES, A. **Gêneros literários.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
- VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

APÊNDICES

APÊDICE A – Produto Educacional Escolas Conectadas



APRESENTAÇÃO

Este Caderno Pedagógico tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas, relacionadas à locução e interlocução, de alunos do Ensino Fundamental (EF). Para tanto, apresenta estratégias didáticas específicas direcionadas a estudantes do nono ano do EF, de modo a se relacionarem com interlocutores distintos: alunos do terceiro ano do Ensino Médio (EM), professores e coordenadores de um colégio estadual.

Nesse sentido, as propostas pedagógicas partem de atividades em sala de aula, visando a colaborar com os elementos essenciais ao jogo da comunicação - quem escreve, o que é escrito, como é escrito, por que é escrito - objetivando que o aluno do EF interaja com seus interlocutores de modo exitoso. Assim, a depender do interlocutor, os textos apresentam estratégias linguísticas distintas. De aluno para aluno, a linguagem é menos monitorada; de aluno para professor e coordenador, é mais monitorada.

Durante o percurso, são utilizados os gêneros discursivos: *e-mail*, que promove a comunicação na era digital; carta, que possibilita revisitar o contexto sócio-histórico-cultural, levando o aluno a refletir sobre o processo evolutivo da linguagem. Após, é utilizado o *chat* em uma interação instantânea e dialogal.

Além disso, os alunos do EF utilizam a análise comparativa de *O Alienista* em conto e HQ, como ferramenta para promover e manter a locução e interlocução nas etapas posteriores, como na roda de conversa presencial e no encontro por meio digital.

OBJETIVOS

CRIAR ATIVIDADES DE LEITURA DE *O ALIENISTA*, DE MACHADO DE ASSIS, NA VERSÃO TRADICIONAL E EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS, E DE COMPARAÇÃO ENTRE ESSAS DUAS VERSÕES.



DESENVOLVER ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS DE INTERLOCUÇÃO PARA OS PARTICIPANTES DO ENSINO MÉDIO DE MODO A RELACIONÁ-LAS ÀS AÇÕES PENSADAS PARA O OBJETIVO PRINCIPAL.



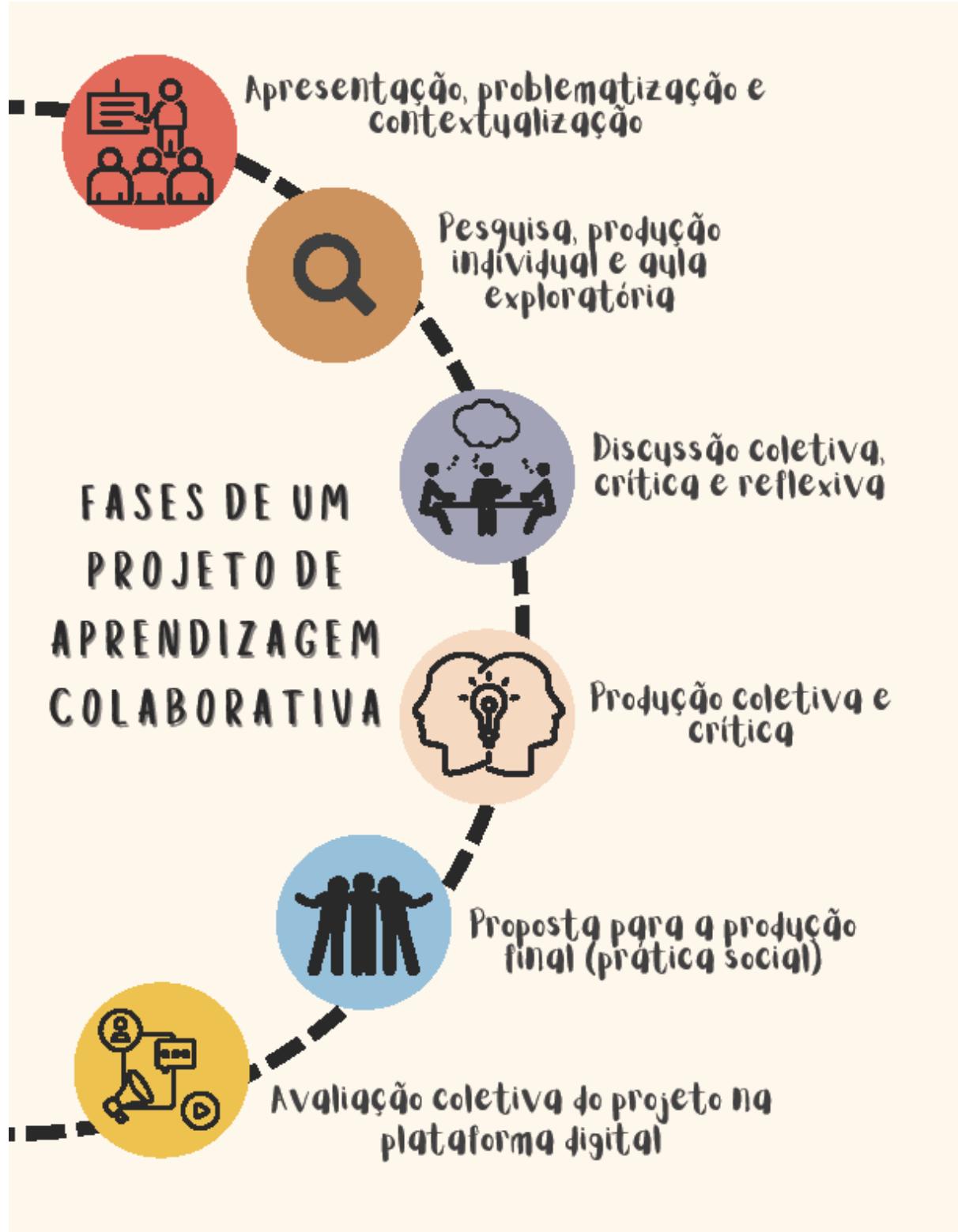
ARTICULAR ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS, COM BASE EM DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS, DE MODO A LEVAR OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL A INTERAGIREM COM OS PARTICIPANTES DO ENSINO MÉDIO.

SELECIONAR MEIOS PRESENCIAIS E VIRTUAIS COMPATÍVEIS COM ESTA PROPOSTA PARA FACILITAR A INTERLOCUÇÃO ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E OS PARTICIPANTES DO ENSINO MÉDIO.



criar os contextos para os alunos do ensino fundamental atuarem nos circuitos internos e externos do jogo comunicativo.







Apresentação, problematização e contextualização

Para esse momento inicial, o professor pode organizar uma roda de conversa e promover uma discussão em que, por meio do esquema “ator-meteração”, o aluno será conduzido a reforçar suas habilidades comunicativas. Desse modo, a aprendizagem partirá do ato enunciativo, levando o aluno a construir discursos situados a partir da contextualização de seus enunciados implícitos e explícitos.

Para isso, pode-se questionar:

Como vocês preferem se comunicar no dia a dia?
Presencial ou virtualmente?

Vocês têm o hábito de compartilhar informações pelo WhatsApp?

Já postaram algum conteúdo em plataformas digitais?

Vocês utilizam a mesma linguagem para se comunicar em qualquer ambiente?

Vocês já se comunicaram por e-mail ou carta?

Vocês já participaram de projetos com alunos de outras escolas? Como seria isso, na opinião de vocês?





Pesquisa, produção individual e aula exploratória

Agora, vamos falar de comunicação na *internet*?

Vocês já leram um *e-mail*? Sabiam que os *e-mails* precisam ser bem estruturados para que a mensagem fique clara e organizada?

Vamos pesquisar exemplos de *e-mails* na *internet*?

Depois, cada um de vocês vai escrever um *e-mail* para alguém da turma. Quem quiser, pode escrever para a professora, ok?

Para: adriana maria teixeira X | Cc Cco

Alunos compartilham mensagem com a professora

Olá, professora Adriana!

Queremos te contar que achamos a aula de hoje foi muito interessante!!!!

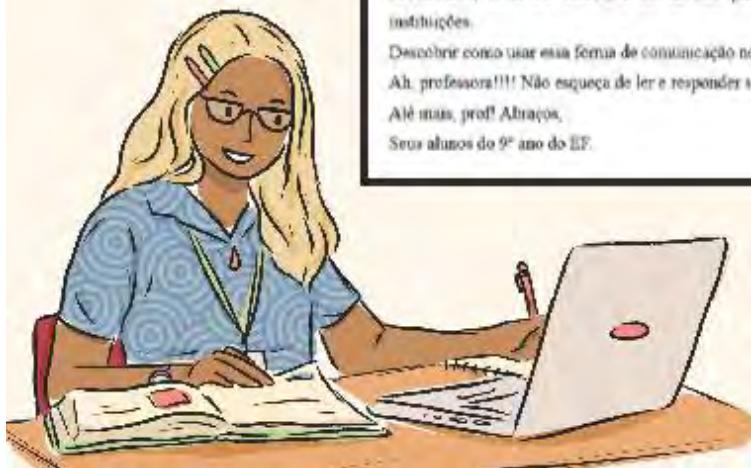
Aprendemos que o *e-mail* é uma forma de comunicação eletrônica utilizada para enviar mensagens para outras pessoas através da *internet*. É como uma carta digital, só que muito mais rápida! Além disso, descobrimos que os *e-mails* podem ser usados para várias coisas, como enviar mensagens para amigos, familiares, colegas de trabalho ou, no nosso caso, para você, nossa professora. Também podemos usar os *e-mails* para enviar anexos, como documentos, fotos ou vídeos, e até mesmo para nos comunicarmos com empresas ou instituições.

Descobrir como usar essa forma de comunicação nos dias de hoje é muito importante.

Ah, professora!!!! Não esqueça de ler e responder sobre a ideia que lhe enviamos na carta, tá?

Até mais, prof! Abraços,

Seus alunos do 9º ano do EF.



Vamos continuar pesquisando na internet? Desbravando novos conhecimentos?

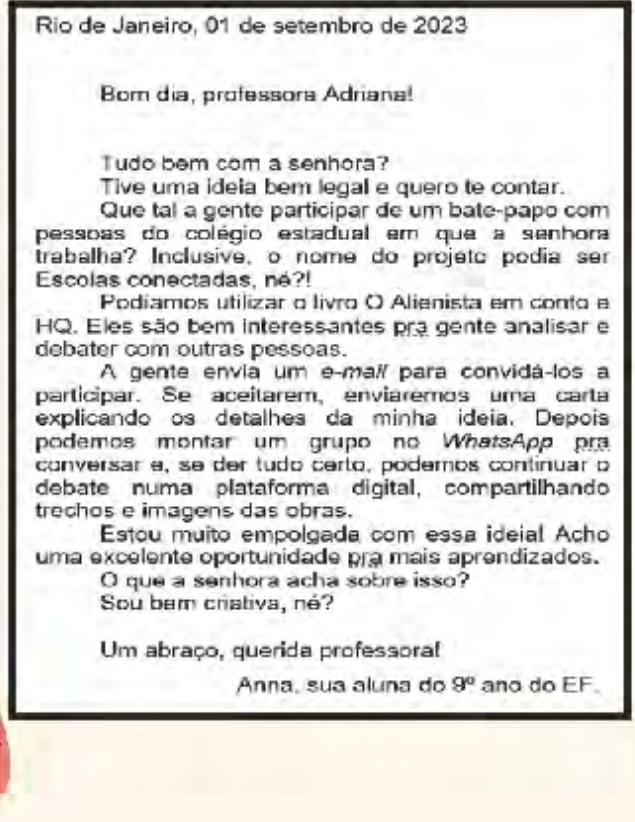
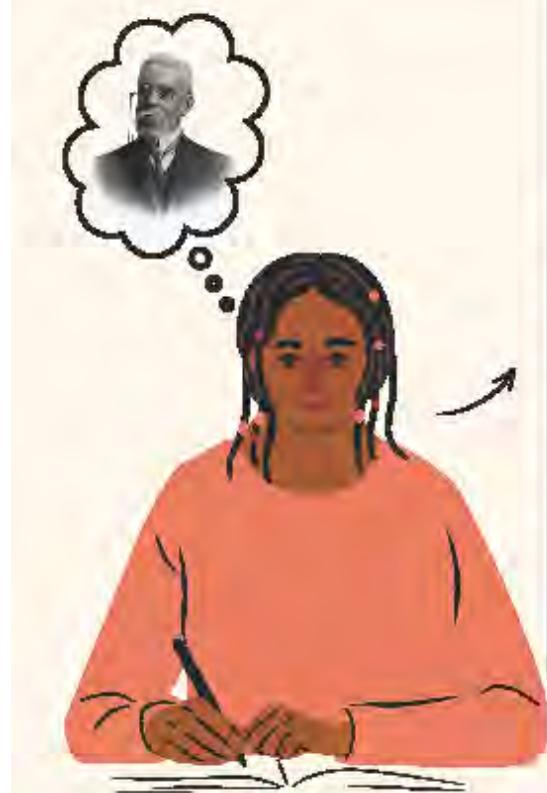
Então, vocês investiguem na internet modelos de cartas, como a famosa Carta de Pero Vaz de Caminha e as duas cartas que o grande escritor Machado de Assis escreveu para sua esposa Carolina.

Depois dessa pesquisa sobre o acervo histórico-social de relevância identitária (Carta de Pero Vaz de Caminha) e literário e sociológico (cartas de Machado de Assis à Carolina), vamos debater sobre o que essas cartas têm em comum e como elas são estruturadas?

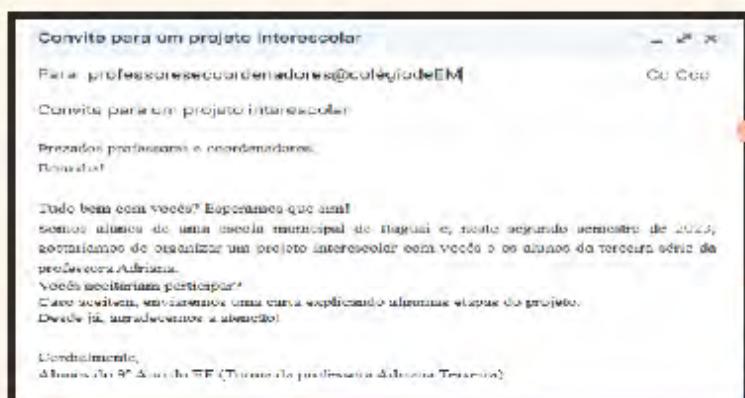
Que momento maravilhoso, né? Poder revisitá o passado e trocar informações tão relevantes para nossa aprendizagem!!

Vamos continuar nessa aventura interativa? Agora, chegou a vez de vocês colocarem em prática o que aprenderam.

Agora, cada um irá elaborar uma carta sobre algo que queira compartilhar ou solicitar a alguém. Pode ser uma experiência pessoal, uma reflexão, ou até um pedido.

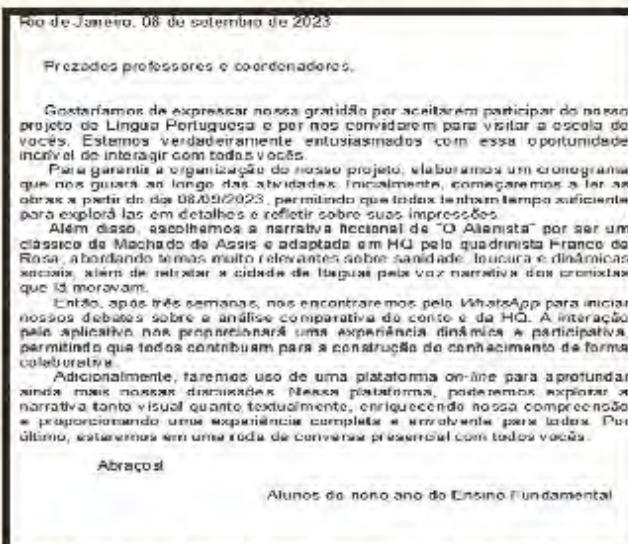


Agora que exploramos algumas formas de comunicação, o que acham de interagir com outros alunos em um projeto interescolar?



Para que isso ocorra, vocês podem entrar em contato enviando e-mails para coordenadores, professores e alunos de um colégio contando a ideia de vocês. Após o aceite dos destinatários, o professor auxiliará vocês a utilizarem categorias de linguagem, adequando-as ao contexto comunicativo para gerar uma interação mais eficaz.

Nessa perspectiva e conforme informado no convite (*e-mail*), é necessário que vocês enviem uma carta explicativa para seus interlocutores, informando que organizarão um grupo no WhatsApp e um encontro por uma plataforma virtual para discussões sobre a análise comparativa de *O Alienista* nas modalidades conto, de Machado de Assis, e em história em quadrinhos (HQ), de Franco de Rosa.



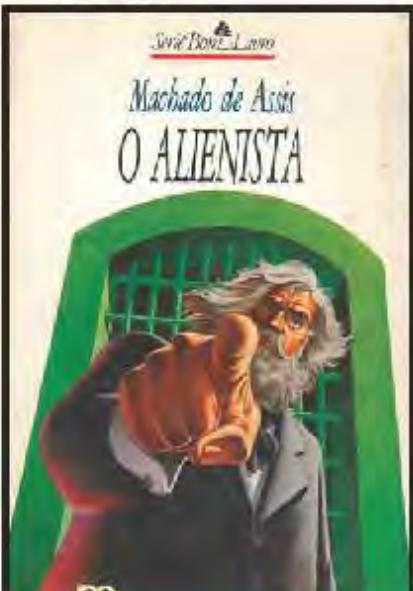
Produção do gênero discursivo carta (aos coordenadores e diretores)



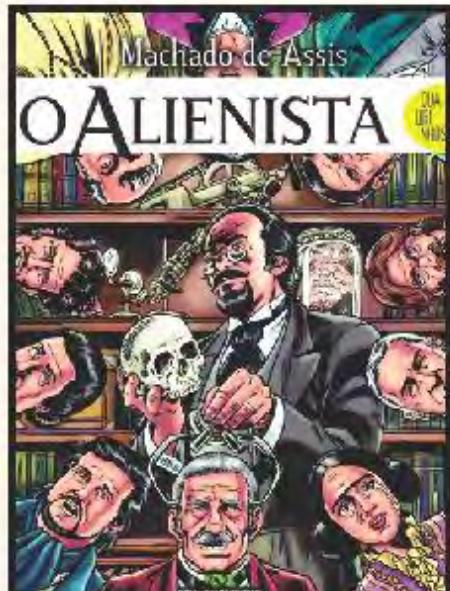
Prático do gênero discursivo carta (aos alunos do EM)



Discussão coletiva, crítica e reflexiva



O Alienista é a obra
escolhida para trabalhar
com os alunos.



Teremos essa narrativa
em dois formatos:
Conto e HQ.

Nesse sentido, os alunos são orientados a formular hipóteses sobre as imagens, preparando-os para uma leitura mais profunda e crítica, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa e enriquecedora.



Nessa etapa, é interessante que vocês se organizem em grupos (4 alunos) para observarem as capas e refletirem sobre :

De acordo com as expressões faciais do personagem, o que ele quer nos transmitir?

Quais elementos compõem a arte visual na primeira e na segunda capa, respectivamente?

O que a capa da HQ transmite sobre a narrativa?

De que modo o título e as imagens se comunicam ?



Essa dinâmica tem como objetivo levar vocês a perceberem como o conto e a HQ dialogam com o leitor e o convida a adentrar na narrativa ficcional de *O Alienista*.

Pensando nisso, qual capa demonstrou ser mais convidativa para sua leitura?

Nas próximas etapas, vocês irão analisar e refletir sobre os acontecimentos, a estrutura narrativa, os recursos linguísticos e os elementos visuais presentes nas duas obras.



VAMOS COMEÇAR A LEITURA E A ANÁLISE DOS CAPÍTULOS?

Aproveite esse momento para explorar as obras e compartilhar suas interpretações com os colegas de turma.



Conto

O Alienista
Machado de Assis

CAPÍTULO I - DE COMO ITAGUAÍ GANHOU UMA CASA DE ORATES

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo o rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

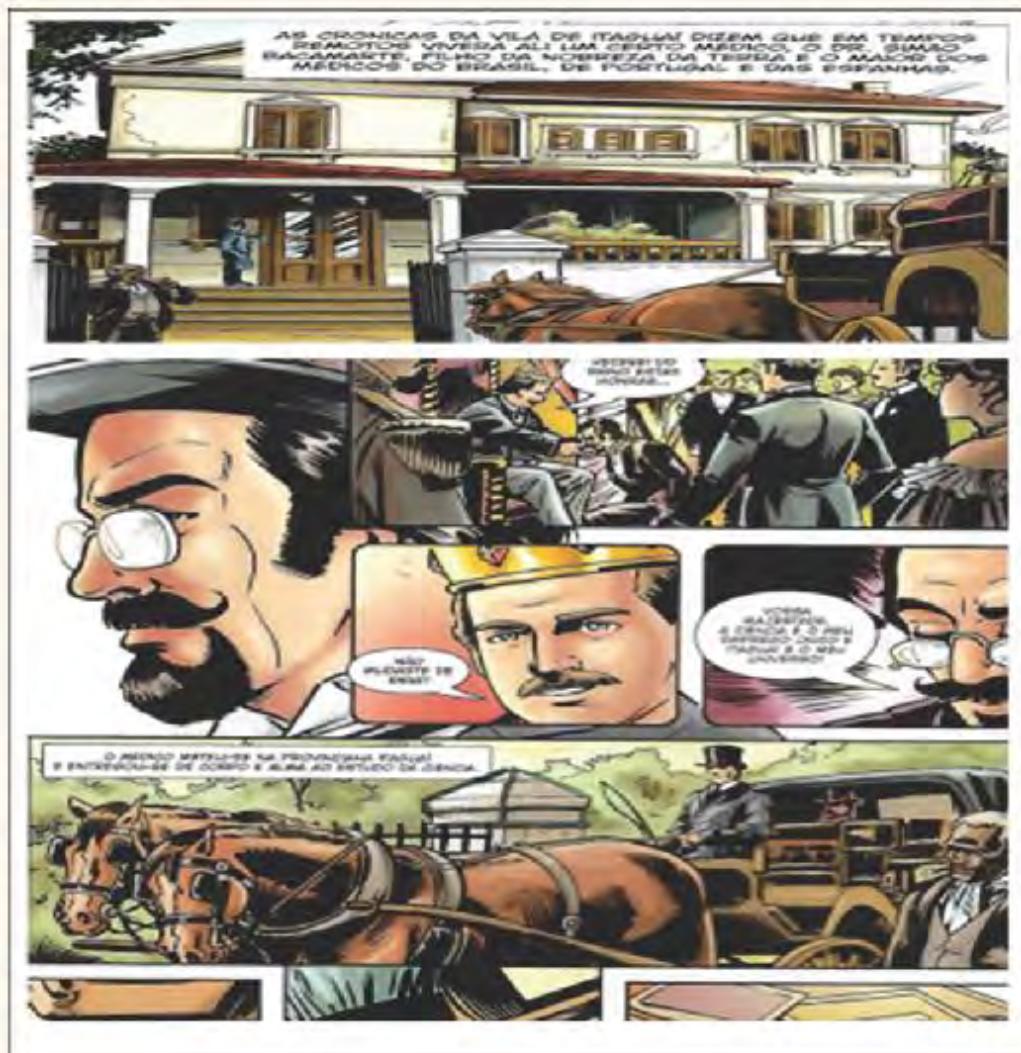
—A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

[.]

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção,—o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

—A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

—Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais.

HQ

1º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Como o primeiro capítulo do conto foi adaptado na HQ?
2. A adaptação visual na HQ contribui para compreender sobre as crônicas da vila de Itaguai?
3. Considerando as representações visuais do ambiente e das personagens na HQ, que elementos permitem inferir sobre a época em que Simão Bacamarte viveu?
4. De que modo a voz narrativa se manifesta tanto no conto quanto na HQ?
5. Como a conversa entre Bacamarte e Crispim no primeiro capítulo exemplifica as diversas vozes (polifonia) nos discursos?
6. De que maneira Crispim desafia o status de Bacamarte, refletindo a negociação de poder?
7. Quais estratégias discursivas Crispim utiliza no diálogo com Bacamarte para manter a coesão e introduzir novas interpretações?



Conto

Simão Bacamarte comprehendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

—A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

—Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais. [...] (ASSIS, 1994, p.2)

HQ



2º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Como as imagens representam a paixão de Simão Bacamarte pela ciência?
2. De que maneira as expressões das personagens complementam o diálogo sobre a saúde da alma?
3. Como a imagem visualiza a modéstia exterior de Simão Bacamarte, mencionada no texto?
4. Existe algum símbolo nas imagens que destaque a ideia de "louros imarcescíveis" mencionada por Bacamarte?



Conto

CAPÍTULO II - TORRENTES DE LOUCOS

Três dias depois, numa expansão íntima com o boticário Crispim Soares, desvendou o alienista o mistério do seu coração.

—A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: "Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada". O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

—Um excelente serviço, corrigiu o boticário.

—Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

—Muito maior, acrescentou o outro.

HQ

3º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Como as expressões e o cenário na HQ destacam as intenções de Bacamarte?
2. Como o conto e a HQ mostram a visão de Bacamarte sobre a caridade em seu estudo da loucura?
3. Como a adaptação para HQ contribui para a compreensão da temática central da obra?
4. Como o diálogo entre Bacamarte e o boticário demonstra uma troca equilibrada de ideias?
5. De que forma o diálogo sem dominação hierárquica entre Bacamarte e o boticário exemplifica uma comunicação eficaz?
6. Como o contexto histórico-social e as posições sociais das personagens influenciam o diálogo entre Bacamarte e o boticário?



Conto

E tinha razão. De todas as vilas e arraiais vizinhos afluiam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O Padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. O vigário não queria acabar de crer. Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

— Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

— Quanto a mim, tomou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

— Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato...

— Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!

HQ

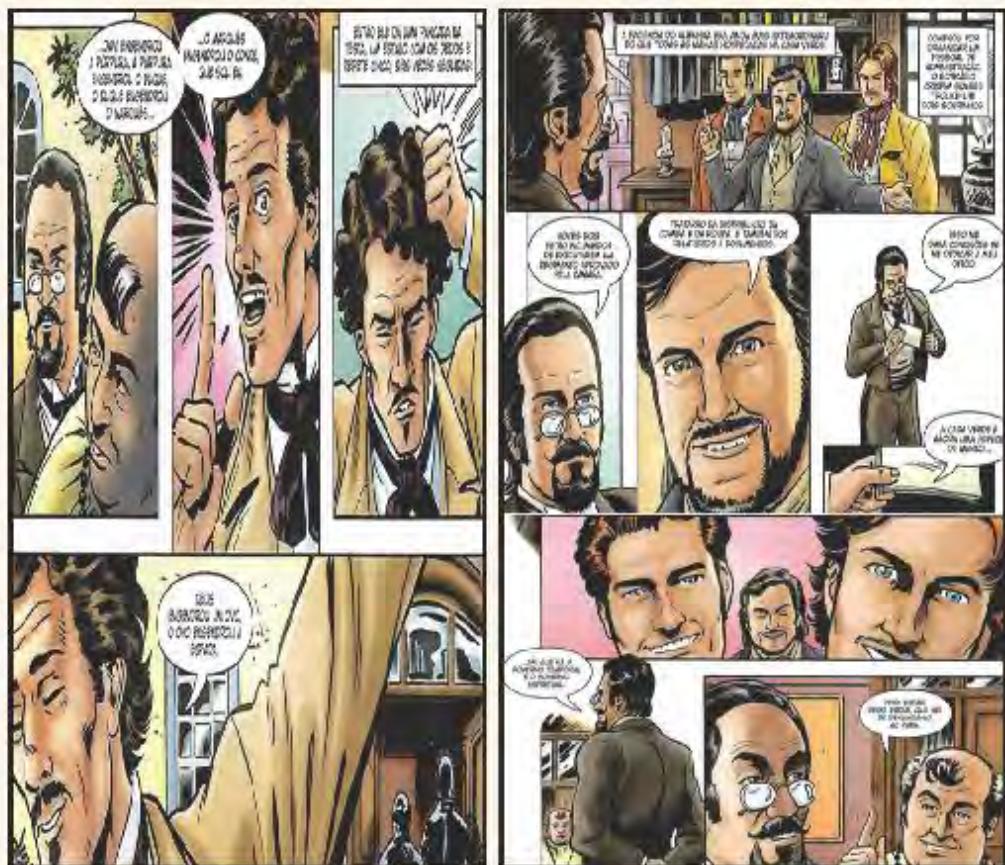
4º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Como a interação entre Bacamarte e Padre Lopes expressa diferentes formas de poder e autoridade, refletindo a oposição entre visões científicas e religiosas?
2. A HQ retrata a tensão entre ciência e religião na relação discursiva entre Bacamarte e Padre Lopes?
3. As expressões corporais e faciais ou a escolha de cores e sombras contribuem para transmitir essa tensão?
4. O formato visual adiciona camadas de significados à discussão?



Conto

— O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos. A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta: — Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu. Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas: — Deus engendrou um ovo, o ovo, etc. Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. (ASSIS, 1994, p.5)



5º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Quais as dinâmicas discursivas complexas que influenciam as interações entre as personagens?
2. Como a HQ mostra as diferenças de opinião e poder entre as personagens?
3. De que maneira a adaptação em HQ demonstra a persistência de Bacamarte em capturar fugitivos?
4. Como as obsessões religiosas de personagens como João de Deus são representadas visualmente na HQ?
5. De que modo que a HQ retrata os delírios das personagens afetando suas escolhas e ações?
6. Qual é o impacto visual da representação de temas complexos, como poder e ciência versus fé, na compreensão da história?
7. De que modo a adaptação em HQ atribui camadas de entendimento aos conflitos e temáticas do conto?



Conto

CAPÍTULO III - DEUS SABE O QUE FAZ

Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres: caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

—Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... [...] —Consinto que vás dar um passcio ao Rio dc Janciro.

D. Evarista sentiu saltar-lhe o chão debaixo dos pés. Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.

—Irá com sua tia, redarguiu o alienista. [...]

D. Evarista comprehendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

—Deus sabe o que faz!

Três meses depois efetuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticário, um sobrinho deste, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguáí cinco ou seis pajens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dali sair em certa manhã do mês dc maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas dc D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. (ASSIS, 1994, p.7-8)

HQ



6º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Como a adaptação para HQ retrata visualmente a interação entre D. Evarista e Simão Bacamarte, especialmente em relação à sua discussão sobre a viagem?
2. Quais são os recursos visuais (expressões faciais, postura, distância entre os personagens) usados para ilustrar a dinâmica conjugal?
3. Na HQ, quais elementos visuais destacam a relutância de D. Evarista em ir ao Rio de Janeiro e como a decisão afeta visualmente a representação da relação entre o casal?
4. Como a falta de empatia e atenção entre o casal é retratada através das imagens na HQ?
5. Existem quadros específicos que ilustram esse aspecto da relação deles?
6. Como a fala de D. Evarista, "Deus sabe o que faz", reflete a ideia de vários discursos?
7. No capítulo seguinte, D. Evarista parte para o Rio de Janeiro, e Simão Bacamarte investe



Conto

CAPÍTULO IV - UMA TEORIA NOVA

Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa idéia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heróicos.

Um dia de manhã,—eram passadas três semanas,—estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.[...]

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu: Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante.

Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objecto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.[...]

Quanto à idéia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era "caso de matraca". Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. Naquele tempo, Itaguaí que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; ou por meio de matraca. [...]

—Há melhor do que anunciar a minha idéia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.[...] (ASSIS, 1994, p. 9-10)

HQ



7º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

1. Os quadros da HQ ilustram de forma eficaz o impacto social e emocional das experiências do alienista sobre os moradores?
2. Baseando-se na declaração de Bacamarte e na representação gráfica na HQ, como a ideia de que a loucura pode ser um "continente" no "oceano da razão" desafia as concepções prévias sobre saúde mental na narrativa?
3. Como as interações verbais, influenciadas pelas relações de poder e contextos sociais moldam as experiências e as percepções dos indivíduos?
4. Se a narrativa de O Alienista ocorresse no século XXL, os meios digitais poderiam influenciar nas ações de Simão Bacamarte e de outras personagens?



Conto

CAPÍTULO V - O TERROR

Quatro dias depois, a população de Itaguaí ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

— Impossível!

— Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã.

— Mas, na verdade, ele não merecia...

Ainda em cima! depois de tanto que ele fez... Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí, herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de FJ-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem "usura", mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. [...] Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e ele se risse dela, observou um desascrdoado, com certa perfídia: "Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga". [...]

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, —ou quase toda—que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebê-la, com o boticário, o Padre Lopes os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, — balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte—de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos e o prédito punha-se em marcha. D. Evarista era a esperança de Itaguaí [...]

— Pobre moço! pensou o alienista. E continuou consigo: —Trata-se de um caso de lesão cerebral; senômero seu, gravidade, mas digno de estudo. [...] (ASSIS, 1994, p. 18)



8º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

Nesse capítulo, promova um debate para explorar as complexidades sociais e interpessoais das interações verbais.

Em seguida, cada grupo prepara enunciados com base em:

1. De que forma a interação de Dr. Simão Bacamarte com Costa afeta a comunidade de Itaguaí, considerando as dinâmicas sociais, as relações interpessoais e as transformações nas percepções e comportamentos dos habitantes?
2. Como a expressão: "jantar das boas-vindas" reflete na percepção de loucura e normas sociais?



Conto

CAPITULO VI - A REBELIAO

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara. A Câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser censurada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

—Volta ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos. A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguarí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um despota; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a Câmara pagavam ao alienista...

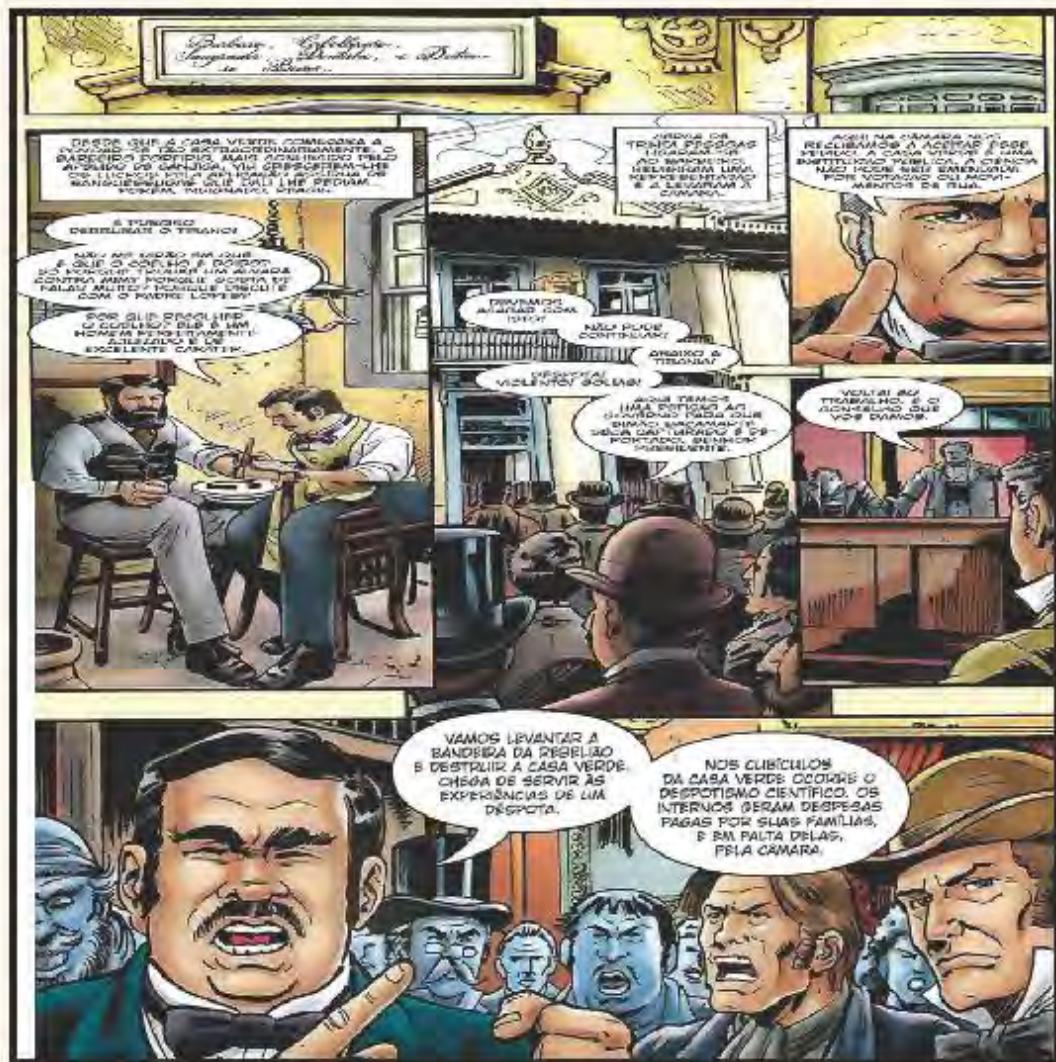
É falso! interrompeu o presidente.

—Falso?

Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela Câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio à ciência o instigava; e para demonstrar o erro, era preciso alguma coisa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a Câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público e não restituíria a paz a Itaguarí antes de ver por terra a Casa Verde—"essa Bastilha da razão humana"—expressão que ouvira a um poeta local e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e, a um sinal, todos saíram com ele. (ASSIS, 1994, p. 70).

HQ



Conto

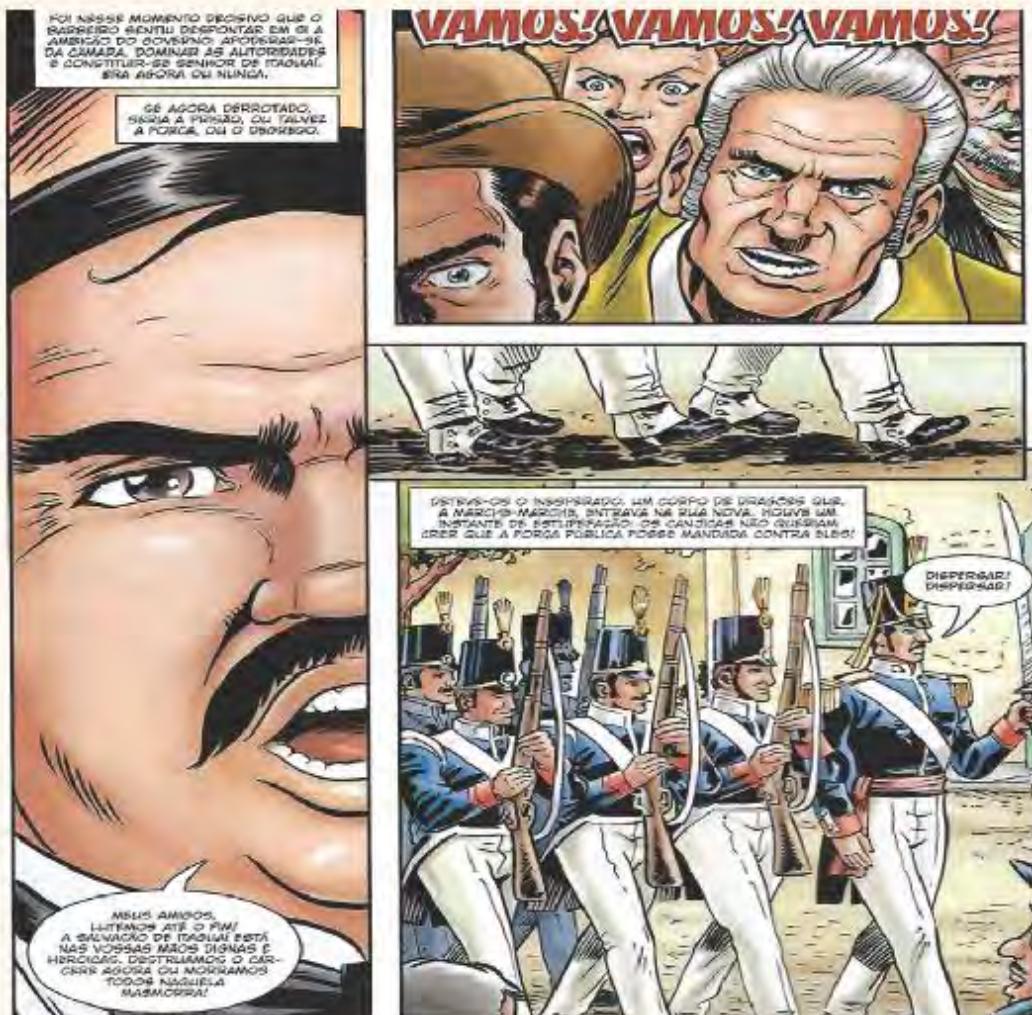
CAPÍTULO VII - O INESPERADO

Chegados os dragões em frente aos Canjicas houve um instante de estupefação. Os Canjicas não queriam crer que a força pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro compreendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse; mas, enquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos elevados:

Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguai.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou bußando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente quando um terço dos dragões,— qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declararam,— passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desanimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e um a um foram passando para eles, de modo que, ao cabo de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado com alguma gente contra uma massa compacta que o ameaçava de morrer. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro. (ASSIS, 1994, p. 25)

HQ



Conto

CAPITULO VIII - AS ANGUSTIAS DO BOTICARIO

Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo, foi a denominação dada à casa da Câmara, com dois ajudantes-de-ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista.—Vai prendê-lo, pensou ele. E redobraram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. Fê-lo Catão, é verdade, sed victa Catoni, pensava ele, relembrando algumas palestras habituais do Padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, ele era a própria causa vencida, a causa da república; o seu ato, portanto, foi de egoísta, de um miserável egoísta; minha situação é outra.

Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoccer; declarou-se doente e meteu-se na cama.

—Lá vai o Porfirio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

Vai prendê-lo, pensou o boticário.

[...] Os velhos cronistas são unânimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam, com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão: porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista (ASSIS, 1994, p. 21).

HQ



9º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

Você já observou as expressões faciais das personagens e como elas espelham suas emoções? Vamos analisar essa característica juntamente aos conflitos internos apresentados na obra, e as relações de poder dentro da narrativa. Para isso, organize uma roda de conversa e reflita junto a essas questões abaixo:

1. Como a linguagem visual na HQ afeta a percepção dos leitores sobre críticas sociais, especialmente em relação à sociedade de Itaguaí?
2. Como os capítulos VI, VII e VIII contribuem para a análise de discursos sobre loucura, poder e sociedade na HQ?
3. De que modo a interação entre texto e imagem nesses capítulos exemplifica um sistema narrativo de dois códigos (dupla codificação) que se completam para transmitir a mensagem?

Conto

CAPÍTULO IX - DOIS LINDOS CASOS

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir, e, portanto, estava prestes a obedecer. Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.

— Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica e não cogita em resolver com posturas as questões científicas... Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a accitamos das mãos da Câmara dissolvida. Há entretanto por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espirito público.

O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra coisa, o arrasamento do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos...

O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não atender à grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade que lhe dá em tal caso legítima indignação, pode exigir do governo certa ordem de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os deve praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. [...]

— Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito? perguntou Simão Bacamarte depois de uns três minutos.

O barbeiro ficou espantado da pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.

— Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou três vezes o alienista. [...] (ASSIS, 1994, p.30)

HQ



10º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

Após a reflexão crítica, a turma pode ser dividida em duplas para que mencionem suas percepções a respeito dos discursos utilizados por Simão Bacamarte a fim de convencer os habitantes de Itaguaí sobre a relevância e eficácia de seus experimentos. Durante essa atividade, os alunos podem ser levados a analisar:

1. Como Dr. Bacamarte comunica suas intenções e justifica seus experimentos com pacientes específicos?
2. Quais reações essa atitude do alienista provoca nos cidadãos de Itaguaí?
3. Quais os momentos de maior tensão política e social no diálogo entre o Dr. Bacamarte e outros personagens?



Conto

CAPÍTULO X - RESTAURAÇÃO

Demoraram cerca de vinte dias o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta encarcerados do novo governo. O povo indignou-se. O governo, amedrontado, não podia negar. João Pina, como barbeiro, dizia libertamente nas ruas que o Porfírio estava "vendido ao vno de Simeão Bacamarte", frase que contagiou em tutto o país. Pina a gente mais respeitada da vila. Porfírio vendo o antigo rival da navalha essa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irreversível, se não desse um grande golpe e expulsasse do direito, um devolvendo a Casa Verde, ou restringindo o alienista. João Pina mostrou claramente com grandes frases que o Porfírio era um simples apocato, um cagado, em que o povo não devia crer. Quis horas depois que Porfírio ignorosamente e João Pina assumiu a diáriaarefa da governação. Como achasse nas gravuras as intuições da proclamação, a exposição ao vice-rei e de outras atas inaugurais do governo anterior, decisivas em o fazer copiar e expedir, apresentou os constitutos, e aliás subentendeu, que ele lhes contaria os nomes, e onde o novo verdadeiro faltava de uma Câmara competente, falou este de "um antigo exílio das más doutrinas Francesas e outras dos sucessivos interesses de Sua Majestade", etc.

Não entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei e restabeleceu o rei. O alienista cunhou desde logo a entrega do barbeiro Porfírio e bem assim de uns cinquenta e tantos indivíduos que decidiram memorear; e não só iluminaram esses como iluminaram entrege-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro que roçavam cada dia das fundas qualidades na primeirarebelião.

Este ponto da crise de Bagé não mancou também o grau máximo da infâmia e Simeão Bacamarte. Tudo quanto quis denunciou e um dia mais vivia provado por esse ilustre médico achando-lhe as profissões com que os verdadeiros estavam a seus lugares, roçavam em que Sérgio Freire também fosse escondido no hospício. O alienista, sabendo da extraordinária inconsistência de muitas dessas verdades, entendeu que em um caso patológico, e pediu-a. (ASSI, 694, 3, 12)

CAPÍTULO XI - O ASSOMBRO DE ITAGUAÍ

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila ao saberem dia que os jardins da Casa Verde iam todos ser postos na roupa.

— Todos? — Todos.

— É impossível! alguns sim, mas todos...

— Todos. Assim o disse e o céu que mandou hoje se manda à Câmara Deputados e alienista oficial e Câmara expõe — 1º que verifica as estatísticas da vila e da Casa Verde que quanto quanto à população estavam apresentando sempre envelhecimento; 2º que esse desaparecimento de população levava a diminuir os fundamentos da sua força das moléculas cerebrais, teoria que excluía da vila todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse quanto é do seu espírito, resultava para ele a cognição de que a verdadeira dignidade em aquela, mas a morte, e pompa, que se devia admirar como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse interrompido; 4º que a vila desse declaração à Câmara que ia de liberdade aos rebeldes da Casa Verde e passar-lhe ainda a pessoa que se achasse nas condições para expulsar; 5º que, tentando de descobrir a verdade científica, não se potencia a ciência de todo a natureza, esperando da Câmara igual credibilidade; 6º que devinha à Câmara e aos particulares a soma do esplendor recebido para abrigarem os sujeitos loucos, descontrolados a parte afetivamente para com a iluminação, corpo, etc.; e que a Câmara mandaria verificá-los lávios e arcos da Casa Verde.

O assombro de Bagé foi grande; não foi maior a alegria dos parentes e amigos dos rebeldes, loucos, dementes, burros, mísicos, todo bicho que desbarra a festa aniversário. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas.

E vio assim a alegria imensa! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simeão Bacamarte, ninguém advertiu na frase final do § 4º, nua frase clara de expectativa futura. (ASSI, 694, p.35)



HQ



Conto

CAPÍTULO XII - O FINAL DO § 4º.

Apagaram-na as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia repousar nos antigos eixos. Reinava a ordem, a Cidade exercia outra vez o governo sem nenhuma pressão externa; o presidente e o vereador Freitas tornaram os seus lugares. [...]

Não só fizeram as quixas colha o alienista, mas este acalaua ressentindo fizou dos atos que ele praticara, acrescentando que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervor entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. [...]

Não menos intima fizou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução e apreciou muito a magnanimidade do alienista, que ao dar-lhe a liberdade estendeu-lhe a mão de amigo velho.

É um grande homem, disse ele à mulher, referindo aquela circunstância.

Não é preciso falar do barbeiro, do Costa, do Cunha, do Martin Brito e outros especialmente numerosos nesse escrito; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martin Brito, recluso por um discurso em que louvava enfaticamente D. Evarista, fez alegre ouro em horas de insigne medievo—"cujo altíssimo gênio, elevando as asas amito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra".

Agradeço as suas palavras, retorquiu-lhe o alienista, e ainda me não arrependo de o haver restituído à liberdade [...].

A veresença, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a portaria com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a clínica, porém, era a melhor prova de que eles não pedeciam de perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao ex-cuidado Galvão, cuja acusa de objeção feita, e cuja indústria na resposta dada às invercíveis dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que rogava à Câmara que lho entregasse. A Câmara sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estirrou o perito co alienista e votou unanimemente a entrega. [...]

Compreende-se que, nela teoria nova, não bastava um fato ou um dito para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente. O Padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, e a mulher do boticário quarenta dias. A reclusão destes senhores encheu o consorte co indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera e declarando as pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os malos votos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retifila dos seus sentimentos, a boa-lé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolhiz-o à Casa Verde.

—Um caso destes é raro, disse ele a mulher: pasmada. [...]

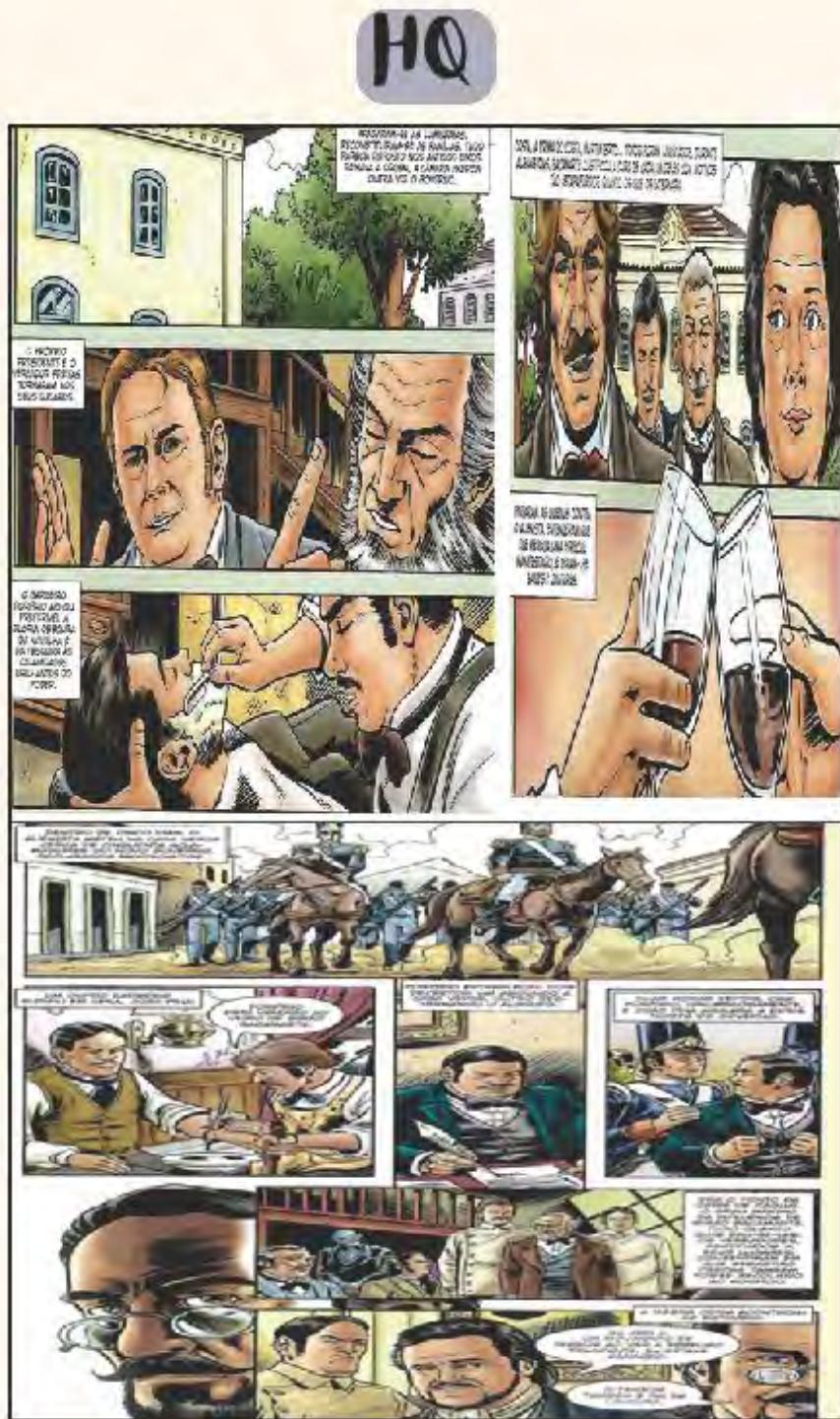
A proposta colocou o pobre advogado na situação do uso de Buridan. Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde, e nessa luta esteve algum tempo, até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitir-lhe os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último rasgo de egoísmo pusilâme pareceu sublime ao alienista. [...]

Sem dúvida: vi, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e envio-lhe a causa.

O homem foi ter com o advogado, confessou ter falsificado o testamento e acabou pedindo que lhe tivesse a causa. Não se acou e advogado, estabou os papéis, arranjou longamente, e provou a todos as luges que o testamento era mais que verdadeiro. A inocência do réu foi solennemente proclamada pelo juiz e a Beratça passou lhe as mãos. O distinto jurídico consulto deu a essa experiência a liberdade. [...]

O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversação do barbeiro com os principais da vila.

Dois dias depois o barbeiro era recolhido à Casa Verde — Preso por ter cão, preso por não ter cão* exclamou o infeliz ... [ASSIS, 1994, p.39]



Conto

CAPÍTULO XIII - PLUS ULTRA!

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excede-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista faz curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguai.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico.
[...]

Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio. [...]

—Realmente, é admirável! Dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e enfunada dos dois ex-dementes. Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então o alienista atacava outra parle, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir. No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! [...]

Nas explosões da cólera escaparam-lhe expressões soltas e vagas, como estas: Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de ungüentos falsificados e podres... Ah! tratante!... Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras, bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava enfim restituída ao perfeito desequilíbrio das faculdades; e prontamente lhe deu alta. Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conhecéis o nosso homem. Plus ultra! era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguai, o reinado da razão.

Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria. —Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade. Dizia isto, passcando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. [...] (ASSIS, 1994, p.40-41)

HQ

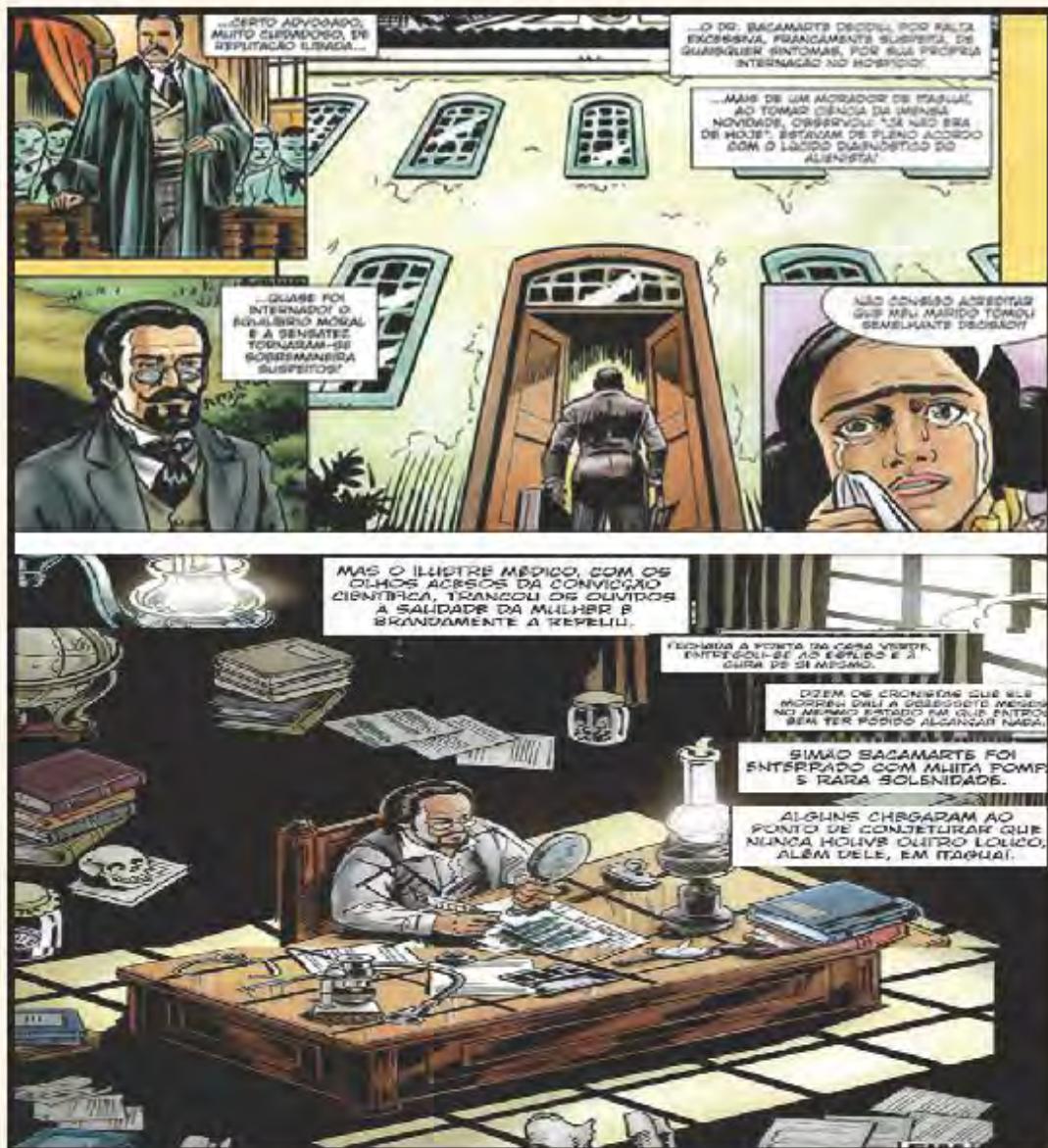
Conto

[...] Vinte minutos depois alumiou-se a fisionomia do alienista de uma suave claridade. —Sim, há de ser isso, pensou ele. Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa. —Nenhum defeito? —Nenhum, disse em coro a assembleia. —Nenhum vício? —Nada. —Tudo perfeito? —Tudo. Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade. A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: a modéstia. Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Um vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente sã e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante.

—A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática. —Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas. Mas o ilustre médico, com os olhos accesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itagaiá, mas esta opinião fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (ASSIS, 1994, p.42-43)

HQ

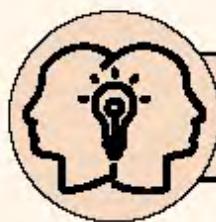


11º MOMENTO DE REFLEXÃO E ANÁLISE

Agora, que terminamos a análise comparativa de *O Alienista*, vamos discutir sobre alguns os pontos importantes:

1. Como a comunidade de Itaguaí reagiu aos resultados apresentados por Bacamarte?
2. A HQ ilustra o jogo da comunicação sob a influência de Bacamarte?
3. De que forma a HQ aborda as estratégias discursivas utilizadas na substituição do governo e na manutenção da influência de Bacamarte?
4. São apresentados elementos que enfatizam a manipulação discursiva de poder?
5. Na HQ, o jogo discursivo em torno da internação da esposa de Bacamarte contribui para aprofundar o debate sobre sanidade e loucura?





Produção coletiva e crítica

Vamos discutir no meio digital?

Esse é o momento em que se inicia o “mise-en-scène” propriamente dito, em que os alunos do nono ano do EF interagem com seus interlocutores distintos e correspondem às expectativas deles na troca linguística (Charaudeau, 2008). Concomitantemente, o aluno do EF será orientado a perceber que o discurso se concretiza na linguagem em movimento, na relação entre língua e ideologia, em que abstrações se tornam concretas através da enunciação num dado contexto específico de interação verbal (Orlandi, 2020).

Além disso, os alunos do EF e seus interlocutores dialogam virtualmente pelo WhatsApp, discutindo suas percepções sobre a análise comparativa de *O Alienista* nos formatos conto e HQ. Nesse contexto, o professor interage utilizando estratégias para promover a participação ativa de seus alunos durante a interlocução, incentivando o desenvolvimento de habilidades comunicativas e a compreensão da natureza social e dialógica da linguagem (Bakhtin, 2011).







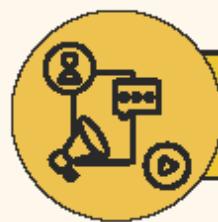
Proposta para a produção final (prática social)

Vamos organizar uma roda de conversa presencial com seus interlocutores?

Agora vocês podem elaborar um roteiro contendo suas percepções e trechos da narrativa nos formatos conto e HQ.

É o momento de troca, em que vocês vão apresentar tudo que entenderam e compartilhar com seus colegas e professor.





Avaliação coletiva do projeto na plataforma digital

Que tal compartilhar com outras pessoas através das plataformas digitais?

Essa etapa de avaliação coletiva do projeto pode ocorrer por meio de plataforma digital, momento em que todos os envolvidos expressam suas percepções, destacando pontos positivos e/ou negativos.

Vocês podem desenvolver novas estratégias para dar sequência a esse projeto de interação verbal. Para isso, podem gravar **podcasts** e postar em uma plataforma digital para que outros alunos tenham acesso. Além disso, criar um **blog** com as etapas desenvolvidas durante o Circuito Didático, montando num jogo interativo denominado *O Alienista* em ação: discursos de poder e suas consequências, com cenários interativos e narrativa não-linear. Nesse contexto, o jogador terá diferentes desafios com pistas e informações reveladoras para a resolução de enigmas e avanços na história.



CONCLUSÃO

No cenário da educação contemporânea, reforçar as habilidades linguístico-discursivas dos alunos é uma necessidade premente para capacitá-los a enfrentar os desafios que a sociedade lhes apresenta. Nesse sentido, essas propostas podem ser aplicadas a qualquer etapa do Ensino Fundamental dos Anos Finais.

Portanto, sugere-se a leitura da pesquisa que originou este produto educacional, pois ela oferece bases teóricas relevantes que podem ser utilizadas para adequar as atividades pedagógicas às necessidades dos estudantes.